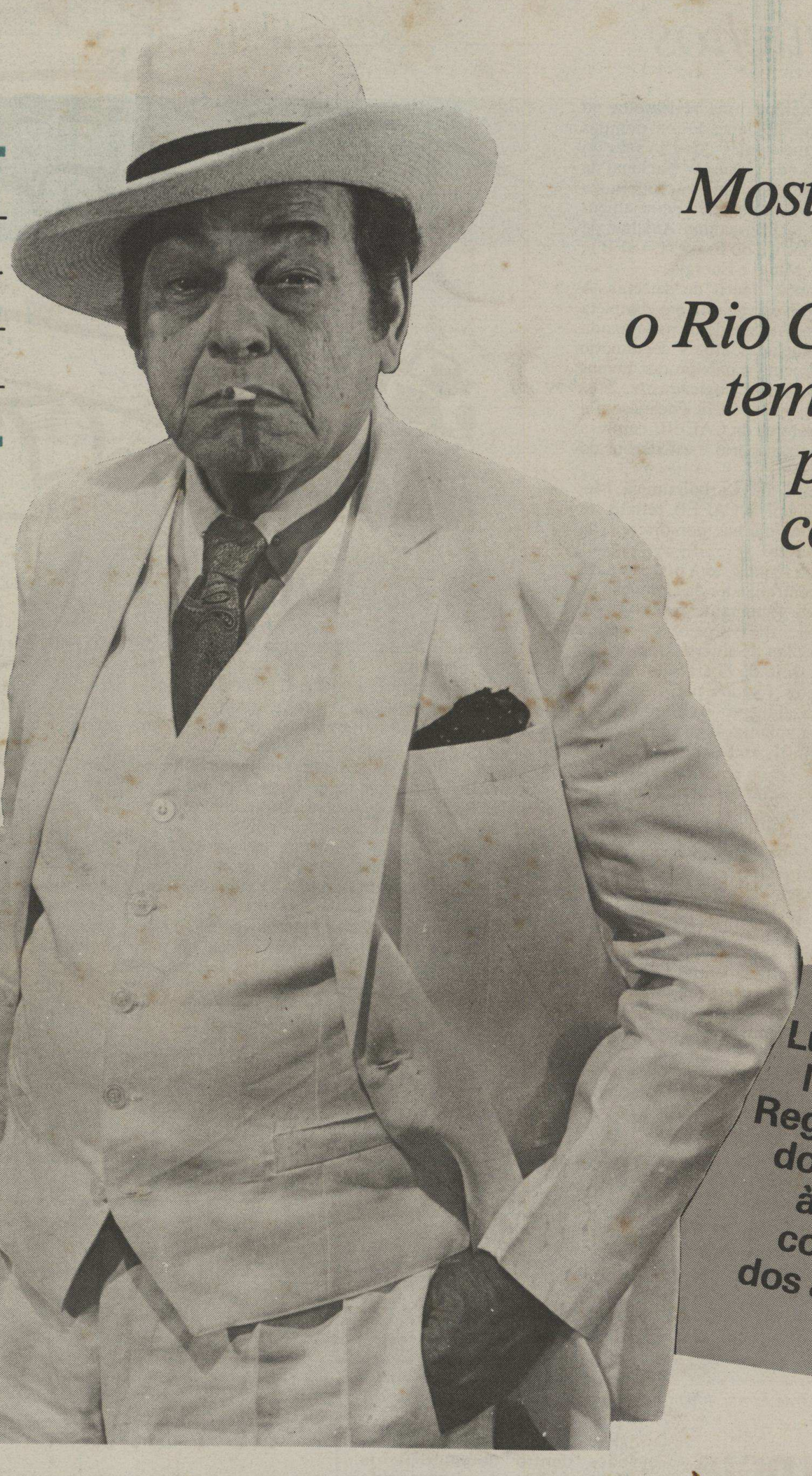
Nº 64 — Cr$ 100,00 — JUNHO DE 1981

# cooJORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE



## O amor desta mulher precipitou a Revolução de 30



## *Mostramos onde o Rio Grande tem terras para os colonos*

## HUMOR:




**Veríssimo, Santiago, Canini, Edgar Vasques**

**Luis Carlos Maciel e Regina Casé: do sufoco à ação coletiva dos anos 80**

## REVISTA EXCLUSIVA

Odorico sai dos entretantos e chega aos finalmentes:

# "SE APARECER UM TERRORISTA, EU PRENDO E EXPLUDO ELE"

## ENERGIA

# *Delfim avança no carvão. Bom para os gaúchos*




O mês de março marcou uma reviravolta no programa nacional do carvão, lançado com pompas oficiais há dois anos e meio, mas que não saiu do papel. Na última reunião da Comissão Nacional de Energia, a condução do programa carboquímico passou para as mãos da Secretaria do Planejamento, com o afastamento da Companhia Auxiliar de Empresas de Energia Elétrica do Brasil (CAEEB), ligada ao Ministério das Minas e Energia.

As razões da mudança fáceis de detectar. A principal é que o plano do carvão está em completa estagnação e cada vez mais afastado da meta fixada em 27,5 milhões de toneladas atuais de minério bruto para 1985. Atualmente o país produz menos de três milhões de toneladas. Logicamente, buscaram-se responsáveis para tal ineficiência, com a substituição de dois diretores da CAEEB, empresa estatal encarregada do transporte e estocagem do minério.

Segundo o presidente da Carboquímica Metropolitana, Rial Guglielmi a CAEEB retinha os projetos de expansão das minhas por divergir da Comissão Seplan de Energia.

Delfim Netto saiu da reunião com poderes para formar um organismo centralizador da condução do programa, uma entidade semelhante ao Pró-Álcool ou ao Conselho Nacional do Petróleo. Na mesma semana, a Comissão Seplan de Energia recebeu os primeiros projetos e já trata da liberação de recursos, nos prazos e custos fixados por Delfim na reunião do CNE, para aumento da produção da mina de Candiota e na implantação das minas subterrâenas de Iruí e Leão II, ambas no Rio Grande do Sul.

A mudança deixou as autoridades gaúchas entusiasmadas, afinal o Rio Grande do Sul é o maior produtor de carvão do país. "Agora sai", declarou o governador Amaral de Souza, contando que foi forçado a intervir pessoalmente junto ao presidente João Figueiredo para conseguir a implantação do Pró-Carvão, entidade com prazo até meados de junho para início das atividades. Por sua vez, o presidente da Companhia Riograndense de Mineração (CRM), Flávio Brinckmann, ficou impressionado com Delfim: "O homem manda mesmo. Examina e decide na hora". A CRM, de acordo com os empreendimentos anunciados, ampliará sua produção atual de um milhão para oito milhões de toneladas, em 1985.

O país, no entanto, ainda está longe de atingir a meta prevista. Guglielmi, autor de um projeto para duplicar a produção com a extração de mais 720 mil toneladas e de outros dois em elaboração, comenta desesperançado que o país jamais poderá recuperer o tempo perdido: "Hoje temos que entrar numa fila e esperar quatro ou cinco anos para receber uma escavadeira gigante porque outros países já fizeram suas encomendas de quipamentos há vários anos". Pior que a espera, no entanto, são os altos preços dessas máquinas, inflacionados diante de tanta procura.

Atualmente, o carvão representa apenas 3% da oferta atual de energia no Brasil, apesar do país possuir uma reserva de 22 bilhões de toneladas, ou seja, mais de 80% de seu potencial energético. Apesar das jazidas existentes e das recentemente descobertas, o Brasil gasta anualmente cerca de Cr$ 500 milhões na importação do carvão tipo metalúrgico. No Rio Grande do Sul, foi detectada uma reserva de dois bilhões de toneladas deste minério, mas a Companhia de Pesquisas e Recursos Minerais foi forçada a reduzir o plano de sondagens devido aos cortes orçamentários determinados por César Cals. A CPRM pedira Cr$ 3 bilhões, mas recebeu só Cr$ 1,5 bilhão.

A expectativa das autoridades é de uma mudança radical na condução do programa e elas ficaram animadas com declarações recentes do secretário-executivo do CNE, Celestino Rodrigues, que preside a Comissão Seplan de Energia. Ele manifestou-se favorável a uma redução do programa nuclear brasileiro, com graduais desvios de recursos para a carboquímica: "O carvão é mais interessante, do ponto de vista econômico e utiliza tecnologia já nacionalizada".

**Delmar Marques**

## AFINIDADES

# *Vereador troca Custer por Gandhi*




Foto Luiz E. Achutti

*Um escalpo para Goularte*

"Nauseante", disse um vereador. "Absurdo", completou outro. Espantados, eles ouviam o discurso do seu colega pedessista Jorge Goularte, Irritado com a desenvoltura do cacique Mário Juruna que, mais uma vez, baixava seu tacape no governo federal, Goularte subiu à tribuna da Câmara Municipal de Porto Alegre e contra-atacou: "Depois da descoberta do Brasil até os macacos evoluíram, mas os índios continuam na mesma. O problema é que aqui não existiu um general Custer"*.

Atacado por todos os lados — até no interior gaúcho, onde a TV Passo Fundo dedicou-lhe o "Escalpo do Dia" — Goularte recuou e pediu que sua solução final não constasse dos anais da casa. Na verdade — diz — sou um pacifista, um homem que não quer fazer mal a ninguém. Tanto é assim que o homem que mais admiro é Mahatma Gandhi. E depois dele, o Luther King".

Hoje, Goularte atribui seu pronunciamento a "um momento infeliz". Dissidente do PDS — ele não esconde a vontade de integrar o Partido Independente, criação sua, que "aplaudiria o governo, mas também criticaria nos momentos devidos" — tem se notabilizado pela apresentação de projetos polêmicos. É dele, por exemplo, o projeto de implantação da OPAPAL, que vem a ser a Organização dos Países Produtores de Alimentos. "Daríamos um basta aos árabes: faríamos eles trocarem petróleo pela nossa comida". Estapafúrdia ou não, a proposta foi parar na ONU, onde ressona numa gaveta desde 1975.

Goularte também pontificou ao sugerir a instalação de bancas pornográficas. Seriam subdivisões das bancas de jornais, destinadas a exibirem exclusivamente literatura "imprópria para menores". O vereador se inspirou "nas [illegible] com filhinho no colo [illegible] que se sentem a[illegible] pornografia". Igualmente [illegible] autoria a idéia de uma p[illegible] subterrânea entre Porto Ale[illegible] cidade vizinha de guaíba.

Ex-copeiro, servente de pedreiro, caixeiro, metalúrgico, cinegrafista e segundo sargento do Exército, Goularte, 45 anos, morou quase a metade de sua vida em favelas. Em 1974, entrou para a Arena pela mão do senador Tarso Dutra. Já na Câmara, transformou-se em recordista de discursos, não antes de vencer uma persistente gagueira. Ex-gago, mas ironizado pelo pedetista Glênio Peres, envolveu-se numa escaramuça onde reluziram revólveres e sobraram socos e safanões.

Orgulhoso, Goularte revela que nas 210 sessões de 1980, discursou 215 vezes. Para alimentar esta bateria oratória, ele busca inspiração nas suas noites de insônia. "Todas as madrugadas eu me levanto e começo a pensar nos problemas da minha pátria".

** George Armstrong Custer (1839-1876), general que desejava exterminar os índios norte-americanos.*



Foto Mauricio Maurecy Santos

*Cirne Lima: 400 mil votos para o PP*

## FUTUROLOGIA

# *Bons trunfos na mão do PP para 1982*

A cada escaramuça entre PDT e PMDB, aumenta a importância de um partido, pequeno no Rio Grande do Sul, mas que provavelmente decidirá as eleições de 1982, caso Leonel Brizola e Pedro Simon não chegarem a uma composição para enfrentar o pedessista Jair Soares. É o Partido Popular, que cresce nas regiões da fronteira, nordeste do Estado e Missões. Temos agora, no mínimo, 400 mil votos", anuncia o ex-ministro Luiz Fernando Cirne Lima, um dos líderes pepistas.

Cirne Lima, ex-ministro da Agricultura do governo Médici, garante que o PP está crescendo e já tem 110 comissões municipais organizadas. "Se houvesse eleições dentro de 30 dias, faríamos até oito deputados estaduais e quatro federais", aposta.

Numa eleição disputada por três candidatos fortes (Pedro Simon, PMDB; Alceu Collares, PDT; e Jair Soares, PDS), todos repartindo um bolo de quatro milhões de votos, o dote de seus prováveis 400 mil eleitores transformará o PP numa noiva cobiçada por vários pretendentes.

Segundo peemedebistas afirmam e alguns pedetistas admitem, o candidato mais cotado é o senador Pedro Simon, velho amigo do pai da noiva, o ex-governador Sinval guazzelli, hoje presidente estadual do PP.

Caso isto aconteça, é bem possível que o PP ganhe um vice-governador, embora Cirne Lima advirta que a palavra não lhe soa bem. "De qualquer forma, não seria a primeira vez que o partido se valeria da concorrência entre PMDB, PDT e PDS para faturar cargos. "Atualmente — diz Cirne Lima — temos cerca de quinze presidências de câmaras municipais gaúchas, com apenas um ou dois vereadores".

## RECORDE

# *Advogado ganha Cr$ 1,5 bilhão do Estado*



*Oliveira: vencendo a CEDIC*

O advogado Carlos Alberto Oliveira, 38 anos, ganhou maior ação já movida contra o governo gaúcho, num total de Cr$ 1 bilhão e 600 milhões. Oliveira, representante de Ernesto Otero, Jorge Faria Marques e outros proprietários de 1.1000 hectares no distrito industrial de Rio Grande, derrubou a pretensão da Companhia de Desenvolvimento Industrial e Comercial do Estado (CEDIC) de pagar uma indenização de Cr$ 50 milhões pelas terras.

Segundo Oliveira, uma área limítrofe, que também seria incorporada à CEDIC, foi avaliada na base de Cr$ 125 mil o hectare. Dois anos depois, o mesmo engenheiro da CEDIC Ibá Ilha Moreira, na hora de atribuir um preço às terras de Otero e Marques com vistas à desapropriação, reduziu o preço para Cr$ 23 mil. "Com isso — diz Oliveira — o juiz afastou completamente a possibilidade de aceitação do laudo". Foi um longo processo que começou a ser julgado em 1967. Agora foi julgada a sétima ação das nove que compõem o processo.

Advogado há 17 anos, Oliveira acredita que superará seu próprio recorde: ele é o procurador de Noé Silveira, que se diz filho do ex-presidente João Goulart, e aposta que ganhará a ação. No fim deste mês, o juiz Guido Welter, da 1ª Vara de Família, anunciará a sentença. É a maior questão cível já julgada no Rio Grande do Sul e alcança os Cr$ 2 bilhões. Apesar de sua aparente confiança, Oliveira ainda esconde algumas dúvidas: "Afinal, — diz — de pata de cavalo, barriga de mulher e cabeça de juiz nunca se sabe o que vai sair".

# Maldita, feminista, suicida

# A vida da mulher que precipitou uma revolução

Por ROSA MARIA PECORELLI





*A tragédia de Anayde Beiriz, uma mulher à frente de seu tempo. Por sua causa, João Pessoa foi assassinado, provocando a Revolução de 1930. Agora, o cinema a descobriu*

Não fossem as circunstâncias históricas, tudo não passaria de mais um escândalo político da República Velha que terminou em tragédia. Mas o fato é que, por sua causa, foi assassinado no Recife, em 26 de julho de 1930, o governador da Paraíba, João Pessoa, candidato à vice-presidência da República pela Aliança Liberal, no movimento encabeçado por Getúlio Vargas. A partir do assassinato de João Pessoa — creditado inicialmente à oligarquia da República Velha — desencadeou-se uma revolta nacional que culminou com a tomada do poder pelas tropas de Getúlio Vargas. A Revolução de 1930 encerrava o período histórico das fraudes eleitorais e da supremacia política de São Paulo e Minas.

O que a maioria dos livros de história não esclarece, sequer menciona, foram os motivos que levaram o famoso e rico advogado paraibano João Dantas a atirar à queima-roupa contra João Pessoa, na porta da Confeitaria Glória, no centro da capital pernambucana — fato considerado por todos como o estopim que deflagrou a Revolução.

*Paraíba mulher macho,* próximo filme da cineasta brasileira Tizuka Yamazaki (*Gaijin* ) — que provavelmente contará com Sônia Braga, Gianfrancesco Guarnieri e José Dumont nos papéis principais —, tentará decifrar nas telas esse obscuro lado da história, contando a vida de Anayde Beiriz, amante de João Dantas e até hoje figura maldita na Paraíba.

Poetisa, cronista, contista, professora dos pescadores de Cabedelo, Anayde, filha mais velha de um tipógrafo sem dinheiro e sonhador, era mulher de "invulgar beleza", como diriam os cronistas sociais da época, chegando a vencer um concurso em sua cidade. Decidida, consciente, feminista, ela não se deixou seduzir pelas facilidades proporcionadas por seus encantos. Desde cedo optou pela luta em favor dos direitos da mulher, bandeira que empunharia corajosamente até a morte prematura, aos 25 anos, alguns dias após o suicídio de seu amante, na prisão.

### DIÁRIO SECRETO

A amizade e a convivência com o famoso e rico advogado João Dantas — 17 anos mais velho do que ela — começaria numa roda de intelectuais da capital paraibana, hoje João Pessoa, no Café Moderno, lugar onde Anayde costumava recitar seus poemas. Logo uma grande identificação nasceu entre aquelas duas pessoas que desprezavam seculares instituições, como o casamento. Tornaram-se amantes e faziam amor no escritório de Dantas, no centro da cidade. Nesta época, a atividade do advogado levaria a apoiar o coronel José Pereira — que comandou uma revolta na cidade de Princesa contra o governador João Pessoa — através de artigos para jornais e até mesmo fornecendo armas.

Por ordem de dois secretários do governador (José Américo de Almeida e Ademar Vidal), o escritório de João Dantas foi invadido e vasculhado pela polícia local, que no lugar de armas encontrou um diário amoroso. Nele, o advogado e Anayde descreviam certos hábitos, certas emoções sensuais e eróticas.

Algunss trechos do diário foram expostos à visitação pública na delegacia de polícia da capital paraibana, e o resto, publicado no jornal governista *A União,* nos dias 21, 22, 23 e 24 de julho de 1930. Revoltado e humilhado, Dantas aproveitaria uma visita de João Pessoa ao Recife, no dia 26, e o materia a queima-roupa na porta da confeitaria Glória. Antes de ser preso, ele escreveu a Anayde, assumindo toda a responsabilidade pela tragédia, por não agüentar a humilhação sofrida. Anayde Beiriz teve dificuldades em conseguir visitar o amante, preso incomunicável na Paraíba. Furando o cerco e a vigilância policial, porém, ainda pode entregar-lhe um pequeno bisturi alemão (o "instrumento de minha libertação", segundo o próprio Dantas), com o qual o advogado teria se suicidado, seccionando a carótida, a seis de agosto. Apenas um pequeno bilhete revelaria seus motivos: "Mato-me de consciência serena e ânimo firme, porque estou entregue a bandidos e meu brio não suporta humilhações".



***João Dantas, já no necrotério; entrou para história por "defender a honra". Acima, Sônia Braga, a provável Anayde. Ao lado, a verdadeira, de "invulgar beleza".***

### PAIXÕES E PROTESTOS

Três dias depois, o deputado João Suassuna, amigo de Dantas e Anayde, era assassinado no Rio de Janeiro, numa esquina da Rua dos Inválidos. João Pessoa havia se tornado um herói nacional. Os correligionaários de Vargas marchavam a passos rápidos com suas tropas. Anayde Beiriz, perseguida e amaldiçoada pela sociedade paraibana, vagava pelas ruas da cidade, sem encontrar paz ou abrigo. Desesperada, sozinha, não conseguiu sobreviver a tantas emoções: tomou uma dose de formicida no dia 22 de agosto, e acabou enterrada como indigente.

— Sempre me interessa revelar o que não se escreveu nos livros — explica Tizuka Yamazaki. Retratar a vida de uma mulher que tem como pano de fundo a Revolta de Princesa e a Revolução de 30 é, segundo a cineasta, "prova de loucura e manoquismo", principalmente após a realização de um filme como *Gaijin,* de retorno financeiro demorado. No caso de *Paraiba Mulher Macho,* a coisa complica-se mais ainda, por tratar-se de uma história relativamente recente que revolve velhas paixões da sociedade paraibana.

— A gente acaba sofrendo uma espécie de pressão — conta José Joffily —, através de telefonemas de parentes dos personagens envolvidos na tragédia de Dantas e Anayde. O neto de João Pessoa chegou até a enviar uma carta ao *Jornal do Brasil,* criticando a idéia do filme que causou alvoroço em João Pessoa. Aliás, foi incrível constatar que a polêmica em torno daquela que ficou conhecida como a prostituta de João Dantas continua a existir.


**ADVOCACIA E REPRESENTAÇÕES**

**EM MATO GROSSO**

AÇÕES CÍVEIS — COMERCIAIS — AGRÁRIAS — CRIMINAL
COBRANÇAS E EXECUÇÕES — ADMIN. DE IMÓVEIS
REGULARIZAÇÃO DE DOCUMENTOS — INVENTÁRIOS.

RUA BARÃO DE MELGAÇO, 2.426 — CX. P. 704
FONES: 065.322.10.38 — 321.51.38 — CUIABÁ.

advogados

**HELIO ALVES RODRIGUES**
oab 3975 cpf 001520800/15
**JULIO CÉSAR ALVES RODRIGUES**
oab 3408 cpf 001520990/34

**RUA ANDRADE NEVES, 155**
**conjs. 71 e 72**
**fones: 24-8616 e 25-8035**

# Aos Leitores

*O Bem Amado,* de Dias Gomes, é o texto de mais longo sucesso da televisão brasileira. Principalmente depois que, sob a forma de série, transformou-se num corrosivo painel da realidade brasileira. Nele pontifica a figura de Odorico Paraguaçu, seguramente o mais conhecido prefeito do país, apesar de fictício. Assumindo a pele e a retórica delirante do autocrata de Sucupira, seu criador falou ao **Coojornal** no mês passado. E arriscou-se além das fronteiras sucupiranas.

Os anos 60 possuem a aura da ruptura, da contestação da revolução. Os anos 70, corretamente ou não, são encarados como um tempo de estagnação, de refúgio no individualismo. E os anos 80, o que nos reservam? Para responder esta pergunta, conversamos com várias pessoas, entre elas o jornalista Luis Carlos Maciel, líder da contracultura brasileira nos anos 60, e a atriz Regina Casé, espécie de porta-voz da geração dos 80. Há uma névoa espessa neste início de década, mas ambos apostam em saídas novas e inteligentes.

Estes dois assuntos são um bom exemplo do aperfeiçoamento da nossa proposta editorial. Quando anunciamos nossa parada por um mês, estávamos diante da chamada verdade cristalina: o país mudou. E nós, o que faremos?

Bem, começamos por fazer aquilo que realmente sabemos fazer: jornalismo. Mas, no caso, era preciso um jornalismo mais abrangente, de olhos atentos ao Brasil que está surgindo. Se algumas estruturas continuam intocadas e intocáveis, também é verdade que não respiramos mais um ar tão rarefeito. Apesar disso, fazíamos um jornal que não espelhava, como tão bem soubera fazê-lo, os tempos que vivíamos.

Pusemos então mãos a obra: através de uma editoria específica, ligamos nossos sensores para captar o comportamento do homem brasileiro. Outras três editorias foram criadas: cultura, geral e cooperativismo — um dos nossos compromissos fundamentais. Voltamos também com mais cartuns, novos cronistas e diagramação mais leve. Claro que, dentro do novo projeto, as grandes entrevistas e reportagens políticas, policiais, históricas e de economia — que deram o tom do antigo **Coojornal** — continuarão existindo. Abrir mão destes temas seria contrariar a própria proposta de acompanhar nosso tempo. O **Coojornal** também volta valorizado pelo papel, mais branco e espesso. Era impossível evitar que tantas alterações não refletissem no preço de capa, agora de Cr$ 100,00.

••••••

No Brasil de 1981, de tantas mudanças, uma coisa permanece inalterável: quando um jornal anuncia uma suspensão temporária de circulação, traduz-se: morreu. A tese do provisório que se torna definitivo vigora com toda a força. E houve quem pensasse que o **Coojornal** deixara de ser um organismo vivo, de pertencer ao jornalismo, para se recolher às bibliotecas, onde cumpriria sua função de peça histórica. Nossa volta, por isso mesmo, tem um prazer adicional.

**Os Editores**

# EDIÇÃO

Um outro Edgar Vasques. Para quem conhece o cartunista gaúcho apenas pela tira de seu personagem *Rango,* uma surpresa está reservada na Galeria Salamandra, em Porto Alegre. Em sua primeira exposição individual, Edgar apresenta caricaturas inéditas onde o humor e a beleza são a tônica. Mais humor na edição com Veríssimo, Canini e Santiago.




**O Operário que governa 425 mil pessoas disputa nova eleição**

**8**

*Fim da dúvida: o INCRA possui terras gaúchas para os colonos*

**9**

***Odorico dá entrevista e promete rigor contra as bombas***



**12**

*Sucesso: Kleiton e Kledir no rádio do país inteiro*

**16**

Luis Carlos Maciel fala dos anos 60 e dos 80

**24**

**O caminho das cooperativas leva a um grande banco**

**29**

*Os segredos de Enio, bi-campeão de futebol*

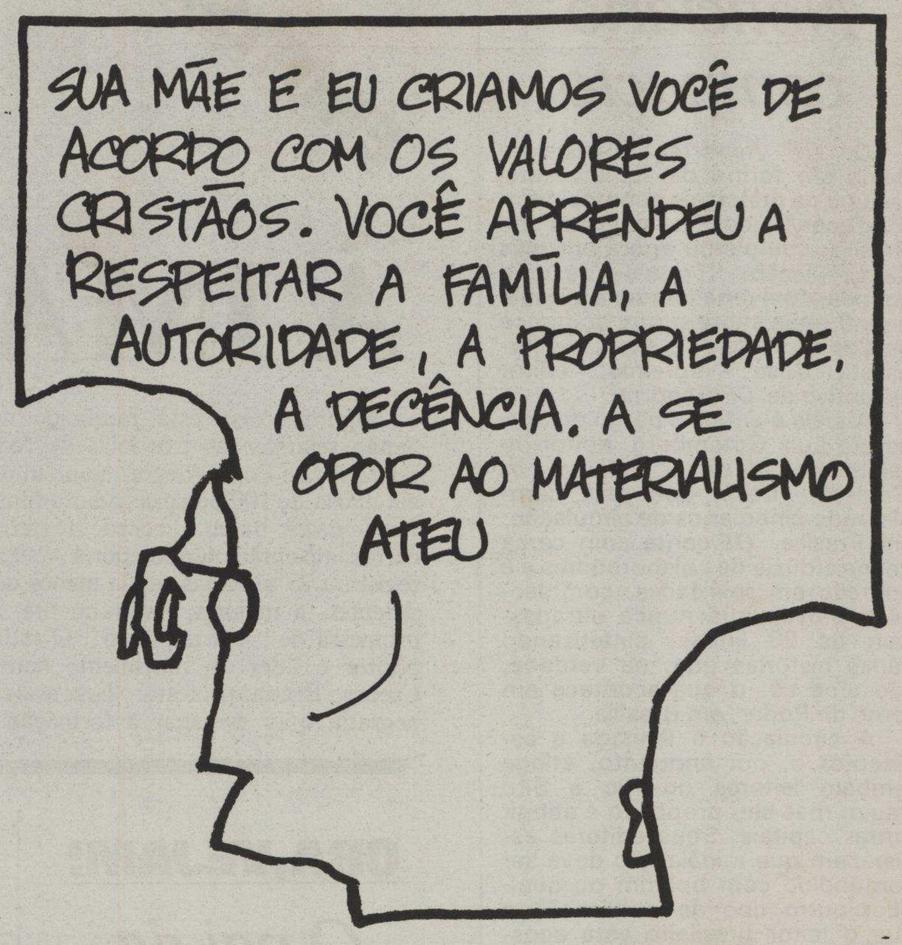
**32**

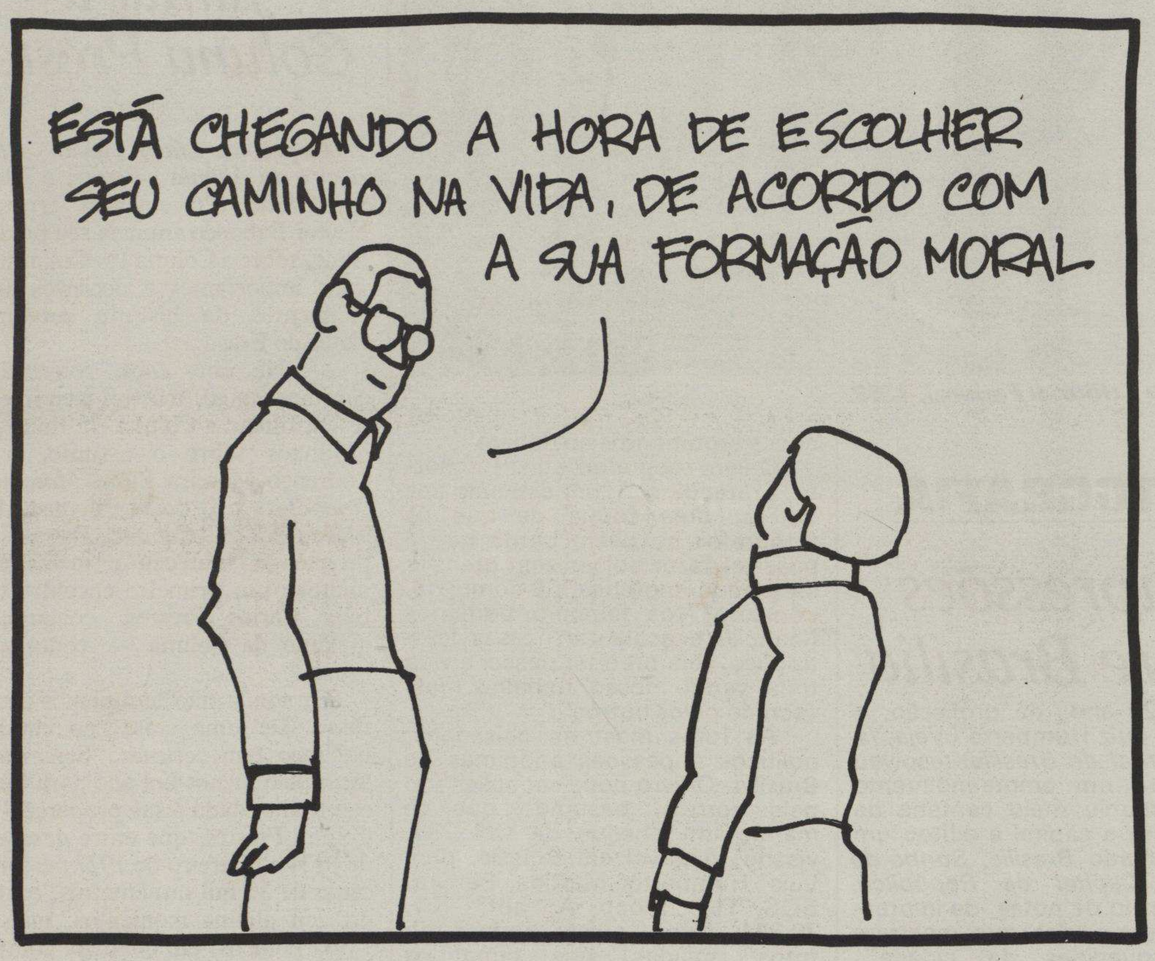

**Capa: Luiz Antônio Pinheiro — Tiragem: 30.000 exemplares**


**cooJORNAL**

**Diretor-Editor**
Osmar Trindade
**Editores**
Ayrton Centeno e Elmar Bones (Geral), Manoel Canabarro (Cultural), Victor Hugo Sperb (Comportamento), Daniel de Andrade (Fotografia), Edgar Vasques (Humor), José Antônio Vieira da Cunha (Cooperativismo).
**Redação/Fotografia**
Manoel Antônio de Oliveira, Rafael Guimarães, Elaine Lerner, Luiz Eduardo Achutti, Waldoar Teixeira, Eduardo Bueno, Luiz Fernando Flores, Luiz Recena Grassi, Maria Helena Passos, Delmar Marques, Rosa Maria Pecorelli, Heloisa Oliveira, Juarez Fonseca, Luis de Miranda, Neusa Ribeiro, Sílvia de Souza Costa, Luiz Carlos Merten, Caco Schmitt, Remi Baldasso, Sérgio Mattos, Euclides Torres, Maria Helena Suarez, Moisés Mendes, Bete Schmitt, Whalmir Anna Koenig, Floreal Rodrigues.
**Diagramação/Arte**
Luiz Antônio Pinheiro, Eugênio Neves, Luiz Gustavo Machado.
**Correspondentes**
Geraldo Hasse (São Paulo), Riomar Trindade (Rio), Ariosto Teixeira (Brasília).
**Secretária Executiva**
Vera Maria Moreira
**Endereço:** Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Porto Alegre, RS.
*Distribuição exclusiva em todo o território nacional:* Fernando Chináglia Distribuidora S/A — Rua Teodoro da Silva, 907 — Rio de Janeiro, RJ — CEP 20.563.
**Assinaturas** — País: Cr$ 900,00 por 12 edições; América Latina: 50 dólares; Demais Países: 60 dólares.
**Números atrasados:** à venda somente a partir da edição nº 30, ao preço da última edição na banca. Os pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor em cheque ou vale postal em nome da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.
(Associado à Ajocoop)

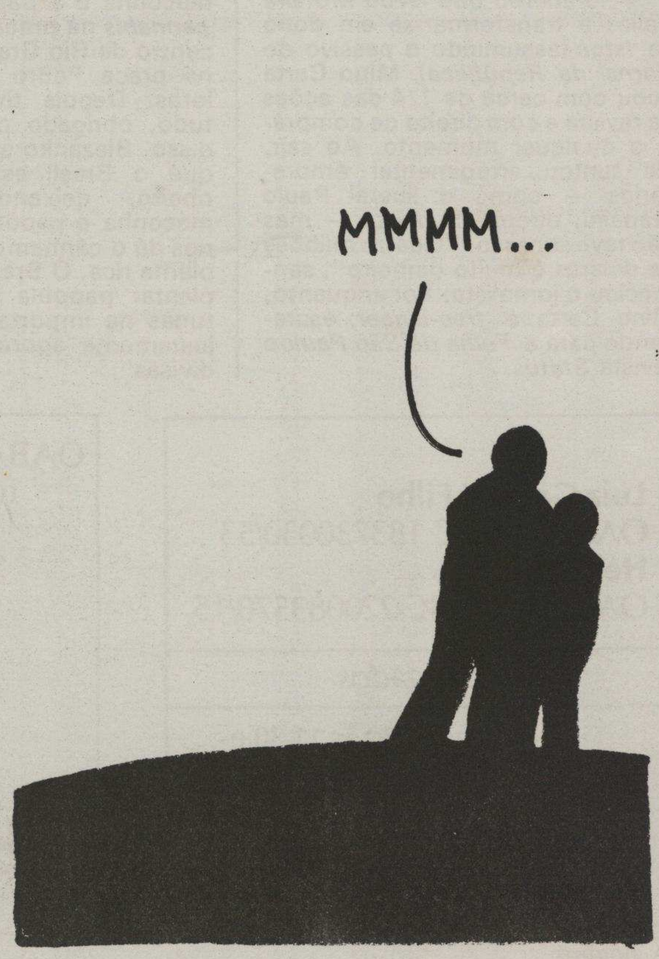

MEU FILHO...


SUA MÃE E EU CRIAMOS VOCÊ DE ACORDO COM OS VALORES CRISTÃOS. VOCÊ APRENDEU A RESPEITAR A FAMÍLIA, A AUTORIDADE, A PROPRIEDADE, A DECÊNCIA. A SE OPOR AO MATERIALISMO ATEU


ESTÁ CHEGANDO A HORA DE ESCOLHER SEU CAMINHO NA VIDA, DE ACORDO COM A SUA FORMAÇÃO MORAL


VOCÊ JÁ SABE O QUE VAI SER QUANDO CRESCER, FILHO?
JÁ, PAI


TERRORISTA DE DIREITA


MMMM...

## BRASÍLIA

# *Noticiário compacto*

O *DF Repórter,* publicação diária em forma de folheto, que resume os principais acontecimentos econômicos e políticos de Brasília, completou agora um mês de circulação. "Trata-se de uma agenda, com uma pequena súmula de informes sobre o que acontece na Capital Federal", explica o jornalista José Negreiros, editor executivo de *DF Repórter.*

A idéia é antiga e partiu do Jornalista Luís Gutemberg, editor do semanário *José — Jornal da Semana Inteira,* que está completando cinco anos de circulação, em Brasília. *DF* conta com cerca de meia dúzia de colaboradores e é dobrado em seis faces, com secções breves que nunca ultrapassam as 20 linhas, sintetizando várias histórias que, na verdade, são uma só: o que acontece em torno do Poder, em Brasília.

A circulação é limitada a assinantes e, por enquanto, atinge também leitores do Rio e São Paulo, mas seu propósito é atingir outras capitais. Seus editores esclarecem que a idéia não deve ser confundida com boletim ou qualquer outro tipo de publicação a que o leitor brasileiro está acostumado e o *DF* não tem a intenção de fazer reportagens acabadas. "Apenas queremos indicar tendências e referenciar o leitor sobre como é a maneira de decidir no Planalto", diz Negreiros.

## DIVERGÊNCIAS

# Isto é *perde* *Mino Carta*

O jornalista Mino Carta deixou definitivamente a revista *Istoé,* que fundou há cinco anos em São Paulo. "Conflito de temperamento", eis a razão de Mino, que vinha tendo divergências operacionais com o dono da revista, Fernando Moreira Salles.

Coincidindo com a saída de seu fundador e ex-sócio, *Istoé* prepara-se para estrear novos eqüipamentos gráficos que permitirão usar mais cores em suas páginas e assim, concorrer em melhores condições com *Veja,* líder abosuta das revistas semanais brasileiras.

Até o final do ano, *Istoé* deverá reequilibrar novamente suas finanças, seriamente abaladas no final de 1979 pelo fracasso do lançamento do *Jornal da República,* que durou apenas cinco meses, provocando a troca de controle acionário da *Istoé,* que pertencia a Mino Carta e acabou nas mãos de Moreira Salles, herdeiro do Unibanco.

Pelo acordo que levou Moreira Salles a transformar-se em dono da *Istoé* (assumindo o passivo do *Jornal da República*), Mino Carta ficou com cerca de 1/4 das ações da revista e com direito de comprá-la a qualquer momento. Ao sair, ele tentou arregimentar empresários — como o liberal Paulo Francini, diretor da *Fiesp* — mas não teve sucesso. "Quatro milhões de dólares é muito dinheiro", sentenciou o jornalista. Por enquanto, Mino Carta é *free-lancer,* escrevendo para a *Folha de São Paulo* e revista *Status.*

**EROTISMO**

# GAÚCHOS DÃO ASAS À IMAGINAÇÃO

Alguma coisa está mudando nos gaúchos. Senão vejamos: as três lojas de "complementos sexuais", de Porto Alegre, mantêm uma freqüência diária de 100 pessoas cada; o filme *O Império dos Sentidos* bateu o recorde de permanência em cartaz, até então mantido por *A Noviça Rebelde,* e registrou 25 semanas, nada menos de 119 mil assistentes, a maioria, naturalmente, atraída pela promessa de "sexo explícito". O radialista, compositor e líder do movimento nativista, Jayme Caetano Braun, protesta: "Esta avalanche de pornografia quer esmagar a formação familiar do gaúcho, baseada na austeridade".

Para o comerciante Claudio Toigo, dono da *Personal,* a primeira *sex-shop* instalada no Rio Grande, a questão é mais simples: "Os gaúchos estavam mesmo precisando dar asas a sua imaginação erótica". A loja está faturando diariamente cerca de Cr$ 50 mil, mas seu proprietário fala em outra "compensação" extra-comercial: "Uma loja como a nossa é uma necessidade social, afinal quantos traumas conjugais, quantos casos de *stress* sexual ela não vai ajudar a resolver? As polêmicas são normais. É o risco de quem inova".

Para resolver estes problemas, as lojas colocam à disposição dos fregueses uma parafernália erótica. Quem se dispor a investir Cr$ 60 mil, poderá, por exemplo, fazer amor numa cama d'água (Cr$ 31 mil, completa, com termostato), com uma mulher de plástico (a *Sexy Dolly,* com 37 partes, a Cr$ 6.800) usando um pênis postiço (o *Big Brother,* de 30 cm, a Cr$ 4 mil), ao som de fitas eróticas (*Alice no País da Sedução,* por exemplo, a Cr$ 800), inspirado em filmes pornô (Cr$ 4.500) e, precisando, com a ajuda de cremes e pomadas eretoras. E, por incrível que pareça, o artigo preferido pelos consumidores é o *Big Brother...*

"O que está acontecendo é que, depois de muitos anos de repressão, a abertura está chegando a todos os níveis da sociedade brasileira", opina Carlos Pinto de Souza, 31 anos, proprietário da Charles, concorrente da *Personal.* E completa: "Tendo chegado ao sexo, ela está permitindo que cada vez mais as pessoas se libertem de seus traumas".

Por via das dúvidas, as *sex-shops* adotam esquemas próprios nesta luta terapêutica para "acabar com os traumas". Na *Personal,* por exemplo, o atendimento é quase secreto. Numa ante-sala, os clientes praticamente marcam uma hora com uma secretária. Só mais tarde é que são conduzidos para a sala principal, onde outro fun-

## ORA, VEJAM!

# *O pai da soja plantou maconha*

Entre a curiosidade e o descrédito, os agricultores da região gaúcha das Missões acompanharam o trabalho de um polonês miúdo e obstinado que plantava algumas sementes que trouxera da cidade plonesa de Vilno. Hoje, 50 anos depois, ninguém duvida do potencial econômico da soja, mas o professor Ceslau Mario Biezanko, que introduziu a soja no Brasil, está decepcionado: "Estão envenenando tudo. Até a carne que a gente come está envenenada".

Aos 85 anos, professor aposentado da Universidade Federal de Pelotas, Biezanko vive modestamente: "Ganho tanto quanto o motorista do reitor. A soja enriqueceu muitos mas para mim não rendeu um tostão", comenta amargamente. Entomólogo e botânico conhecido internacionalmente, com 300 trabalhos publicados e 14 mariposas identificadas com seu nome, Biezanko alertou cedo para o uso excessivo de produtos químicos na lavoura. "Há vinte anos eu falava e me chamavam de retrógrado".

No seu apartamento atulhado de livros no centro de Pelotas, Biezanko revela que, na década de 30, também foi o insuspeitado pioneiro do cultivo no sul do Brasil da *cannabis sativa* e da *papaverum sonarum,* que nada mais são que a maconha e a papoula. "Plantei a *cannabis* na praça Tamandaré, no centro de Rio Grande, e a *papoula* na praça Pedro Osório, em Pelotas. Depois tive que arrancar tudo, obrigado pela lei". Apesar disso, Biezanko sustenta a tese de que o Brasil está perdendo dinheiro, deixando de plantar maconha e papoula. "A *cannabis* nos dá o cânhamo e o óleo, é uma planta rica. O Brasil ainda deixa de plantar papoula para gastar fortunas na importação de morfina, justamente agora que precisa de divisas".

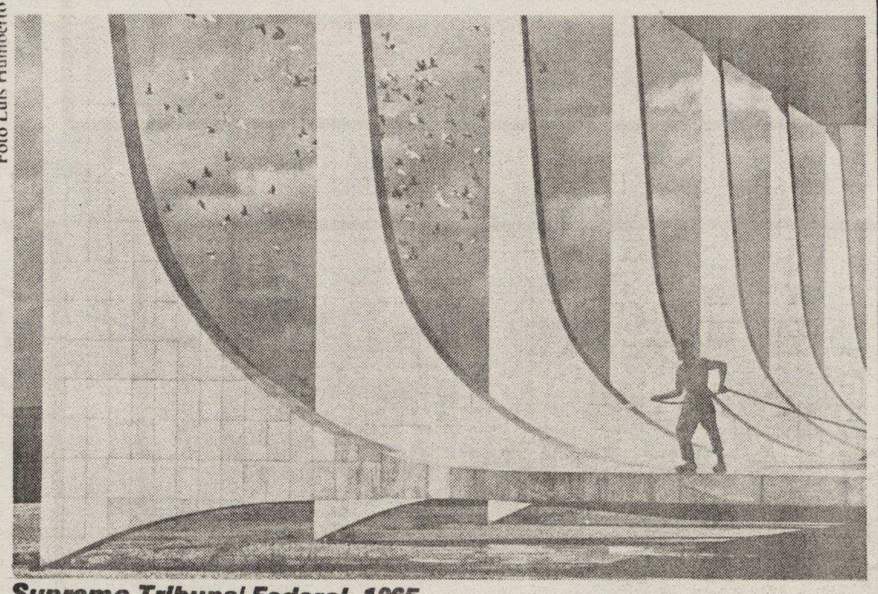


Foto Luis Humberto

*Supremo Tribunal Federal, 1965*

## FOTOGRAFIA

# *Impressões sobre Brasília*

Com 20 anos de profissão, o fotógrafo Luiz Humberto (*Veja, Istoé* e *Jornal de Brasília*) resolveu partir para um empreendimento próprio: reuniu meio centena de fotos sobre a capital e editou um livro, chamado *Brasília, Sonho do Império, Capital da República.* "Em caderno de notas, de impressões, coisas várias que mostram faces esquecidas da cidade", define o autor. "Não tem a pretensão de estabelecer grandes verdades sobre Brasília, mas de trazer novos argumentos ao debate".

O livro, segundo Luis Humberto, pretende ser "um estímulo aos outros, uma forma de que os fotógrafos se dêem conta que é possível fazer coisas sem precisar da grande imprensa". E completa, irônico: "Nós também podemos financiar e acalentar nossas frustrações, sem precisar passar a vida toda vendo nosso trabalho massacrado pelos outros".

As fotos mostram paisagens, políticos e pessoas anônimas de Brasília. O livro pode ser solicitado pelo correio, bastando que se mande um cheque de Cr$ 700, visado, pagável em Brasília, para Luis Humberto Martins Pereira, SQS 111, Bloco A, apt° 101, 70.374. Quem quiser pode pedir fotos isoladas, nos tamanhos 18x24 cm (Cr$ 1.500,00), 24x30cm (Cr$ 2.000,00) e 30x40cm (Cr$ 4.000,00).

## RECORDAÇÕES

# *O humor de Lennon*

Um momento de bom humor na entrevista de Yoko Ono no jornal inglês *The Sunday Times:* John Lennon, preocupado com a responsabilidade de escrever um quadro para a peça *Oh, Calcuttal,* pediu-lhe uma sugestão. Yoko sugeriu que ele contasse uma passagem de seu tempo de garoto: "John e seus amigos masturbavam-se juntos, gritando nomes de atrizes. Então, de repente, John gritou: 'Frank Sinatra'. O quadro foi um sucesso.

## PLANOS

# *Babenco quer filmar a Coluna Prestes*

Depois de *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia* e *Pixote, a Lei do Mais Fraco,* o cineasta argentino Hector Babenco anuncia seu próximo filme, sobre a Coluna Prestes, um dos mais importantes e decisivos acontecimentos da história contemporânea do Brasil.

— Há dois anos, conversando com um amigo, mostrei meu interesse em filmar a Coluna. Já tinha lido os livros sobre o assunto, o do Lourenço Moreira Lima, *Marchas e Combates,* e o do brasilianista Neil Macauley, *A Coluna Prestes.* O projeto amadureceu e inclusive já mantive um primeiro encontro com Luis Carlos Prestes, comandante máximo da Coluna —, conta o cineasta.

Ele ainda não tem planos para o filme. De uma coisa, no entanto, Babenco tem certeza: "Será necessário pelo menos um ano para filmar o episódio, dada a sua proporção". A Coluna Prestes, que entre dezembro de 1924 e fevereiro de 1927 percorreu cerca de 36 mil quilômetros, reunindo, em alguns momentos, mais de 1.500 homens, em combate contra o governo de Artur Bernardes, é um elo importante na cadeia histórica que vai do Tenentismo (1922) até a Revolução de 30.


**Luiz Goulart Filho**
OAB 7182 CIC 183730030/53
**Hélio Goulart**
OAB 12.600 CIC 220083570/15
*Advogados*
Horário: Das 10,30 às 11,30 e
Das 17,00 às 19,00 hs
Demétrio Ribeiro, 1078 cj. "B"
fones: 25-8393 33-6476

OAB/RS 939 CPF 001783570/49
fones: 24-2796 e 25-6305
**Helio Carlomagno**
*ADVOGADO*

***VITON DE ARAÚJO***
*ADVOGADO*
OAB 4546 CPF 004493770/91
Borges de Medeiros, 308/135
Porto Alegre fone: 25-4745

**Dr. João Carlos Domingues**
*Pediatra*
**CREMERS 7537**
**CPF 165332080/064**
**José de Alencar, 1.296, Apto. 1**
**Porto Alegre RS**

cionário que mostra o variado estoque da loja. "Essa discreção é a chave do nosso sucesso", revela Toigo.

Os esquemas incluem uma deferência especial às mulheres, que constituem cerca de 20% da freguesia. A loja escalou uma funcionária só para atendê-las. Segundo a secretária da Personal, de apenas 19 anos, encarregada de receber os clientes, "as mulheres que vem aqui tem a cabeça muito mais feita que os homens. São menos griladas, enquanto os homens são muito moralistas e transmitem um astral ruim. De qualquer maneira, tenho certeza que estes produtos só tem papel psicológico".

A *Charles* prefere "agredir logo o mercado", no dizer de seu dono: "Decidimos por um anúncio bem destacado e deixamos os produtos bem à mostra". Nesta estratégia descontraída, a *Charles* passa filmes pornográficos a partir das sete da noite. "Foi sucesso foi tanto que eu e meu sócio somos freqüentemente contratados para animar festinhas íntimas, túdo muito profissionalmente, é claro", diz Carlos Souza.

Se, por um lado, o surgimento de produtos eróticos teve boa acolhida por parte de alguns, por outro, provocou críticas e reações mais exaltadas. Um dos primeiros rompantes desta reação partiu há dois anos e meio do então secretário de Cultura, Turismo e Desporto, Lauro Guimarães que se retirou abruptamente da sala em que era exibido o filme *Os 7 Gatinhos,* durante o Festival de Gramado. Porém, lançado comercialmente, o filme de Neville D'Almeida, baseado numa peça de Nelson Rodrigues, lotou os cinemas de Porto Alegre e permaneceu várias semanas em cartaz.

Este ano, o filme *O Império dos Sentidos* bateu todos os recordes de bilheteria no Estado, com uma arrecadação bruta de Cr$ 19 milhões, com uma média nos primeiros meses, de 1.500 pessoas por dia. Apesar disso, a maioria dos comentários ouvidos por Antonio Carlos Caminha, de 52 anos, há oito na função na função de *lanterninha* do Cine Avenida, era sobre a "imoralidade" do filme. "Durante as sessões", diz ele, "dava pra ouvir gritos de jovens. Surpreendi muitos com jornais no colo e, no fim das sessões, encontra-se lenços no chão".

"Nada disso contribui para aprimorar nossos costumes", lamenta o folclorista Jayme Braun, referindo-se ao que chama de "avalanche de pornografia". Suas preocupações maiores se concentram nos comentários de sexólogos em programas de TV. "A gente escuta verdadeiras barbaridades", diz Braun. E acrescenta: "O gaúcho tem formação libertária e democrática e a gente se bate contra quaisquer proibições da censura, mas a pornografia é uma verdadeira agressão ao estado de alma do gaúcho".

***Eduardo Bueno/Luiz Fernando Flores***




Foto Eduardo Tavares



***Malacara: à espera de comprador***

## NEGÓCIOS

# *Um* canyon *por um milhão de dólares*

Por Cr$ 80 milhões, o equivalente a um milhão de dólares, quem for aficcionado por belezas naturais ou simplesmente estiver interessado em abrir mais um loteamento, pode comprar um legítimo *canyon* no nordeste gaúcho. O *canyon* Malacara — uma fantástica fenda de cinco quilômetros de extensão, 600 metros de altura e 200 de largura, coberto de mata tropical —, situado a seis quilômetros do famoso Itaimbezinho — foi colocado à venda por seus proprietários, os irmãos Pedro e Ivo Bohrer, donos de um curtume e de uma rede de açougues no município de Canela.

O Malacara está incluído numa das 10 fazendas que os irmãos Bohrer possuem na região. Trata-se de uma propriedade de dois mil hectares que está praticamente desativada, a não ser por uma incipiente criação de gado. As poucas pessoas que se arriscaram a atravessar dois rios e caminhar seis quilômetros garantem que o *canyon* Malacara é mais bonito que o Itaimbezinho.

Ele está situado na Encosta Superior do Nordeste, formada a partir de 13 gigantescas erupções vulcânicas, cujo epicentro pode ser localizado no Paraguai. Na região, encontra-se o maior derrame basáltico existente no planeta, que se prolonga em direção à serra do mar e, em certos trechos, possui mil metros de altura.

O Itaimbezinho faz parte do Parque Nacional dos Aparados da Serra, que tem 10 mil hectares. Existe um plano para aumentar o parque em mais 31 mil hectares, o que englobaria o Malacara e as belas cascatas do *Passo do S,* mas Ivo Bohrer não acredita nesta hipótese: "O Estado não tem dinheiro para indenizar os proprietários".

Por via das dúvidas os Bohrer pretendem tirar todas as araucárias existentes ao redor da fenda, "para não perdermos tanto dinheiro se a desapropriação vier de fato", explica Ivo.

## LANÇAMENTO

# *A terceira edição do* Ano Econômico

A Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre lança em outubro a terceira edição do ANO ECONÔMICO, a mais completa e confiável publicação de análise da economia do Rio Grande do Sul. Elaborado por uma equipe de experientes jornalistas da área econômica, sob orientação e supervisão de destacados economistas do Estado, o ANO ECONÔMICO agora será apresentado de forma mais prática e dinâmica, constituindo-se num manual de consulta indispensável à mesa dos empresários e executivos em geral.

Partindo da análise dos balanços de mais de duas mil empresas gaúchas, cujos dados são levados à computação eletrônica, e apresentando entrevistas e artigos de qualificados técnicos e dirigentes empresariais das áreas oficial e privada, o ANO ECONÔMICO resulta num verdadeiro "Raio X" da economia riograndense. Ele mostra seu desempenho geral e setorial, suas tendências, e sugere possíveis correções de estratégia administrativa.

Através dessa publicação — a mais arrojada do Sul do país — o dirigente terá a posição segura de sua empresa, por receita, patrimônio, lucro, liquidez e rentabilidade, tanto no cômputo geral como dentro do seu ramo específico de atividade. E conhecerá com a mesma segurança a situação dos concorrentes, dos fornecedores, dos parceiros de negócio e — o que é muito importante — dos seus devedores.

O ANO ECONÔMICO circulará com uma tiragem mínima de 25 mil exemplares, atingindo a área empresarial, órgãos oficiais, outros órgãos da grande imprensa de todo o país e às representações oficiais e comerciais brasileiras no exterior.


# Assine **eletrorural**, a revista comprometida com o cooperativismo.

Você pode ficar constantemente sabendo do que acontece no mundo da Eletrificação nas Américas, as conquistas e o trabalho das cooperativas, indústrias e os novos produtos lançados no mercado.

**Envie este cupom, juntamente com cheque no valor de Cr$ 700,00, nominal à Confederação Brasileira das Cooperativas de Eletrificação Rural Ltda., Rua dos Andradas, 1560 — Conj. 914, 90.000 Porto Alegre, RS. Você receberá, pelo Correio, um exemplar da revista em cada edição, durante todo um ano.**

Nome _____
Rua _____
Bairro _____
Cidade _____ CEP _____ ZC _____
Estado _____
Data _____ Assinatura _____



Mario Chaves
Carlos Franklin Araújo
Vera Lucia Kolling

***ADVOCACIA DE EMPREGADOS***

Andrade Neves, 155 conj. 35/36
fone: 24-3159 Porto Alegre



**Lia Colossi**
Advogada

CAUSAS CÍVEIS

OAB 11.505 Secção RS
Dr. Flores, 106 Conj. 812
F. 25.0509



**DILMA DE SOUZA**

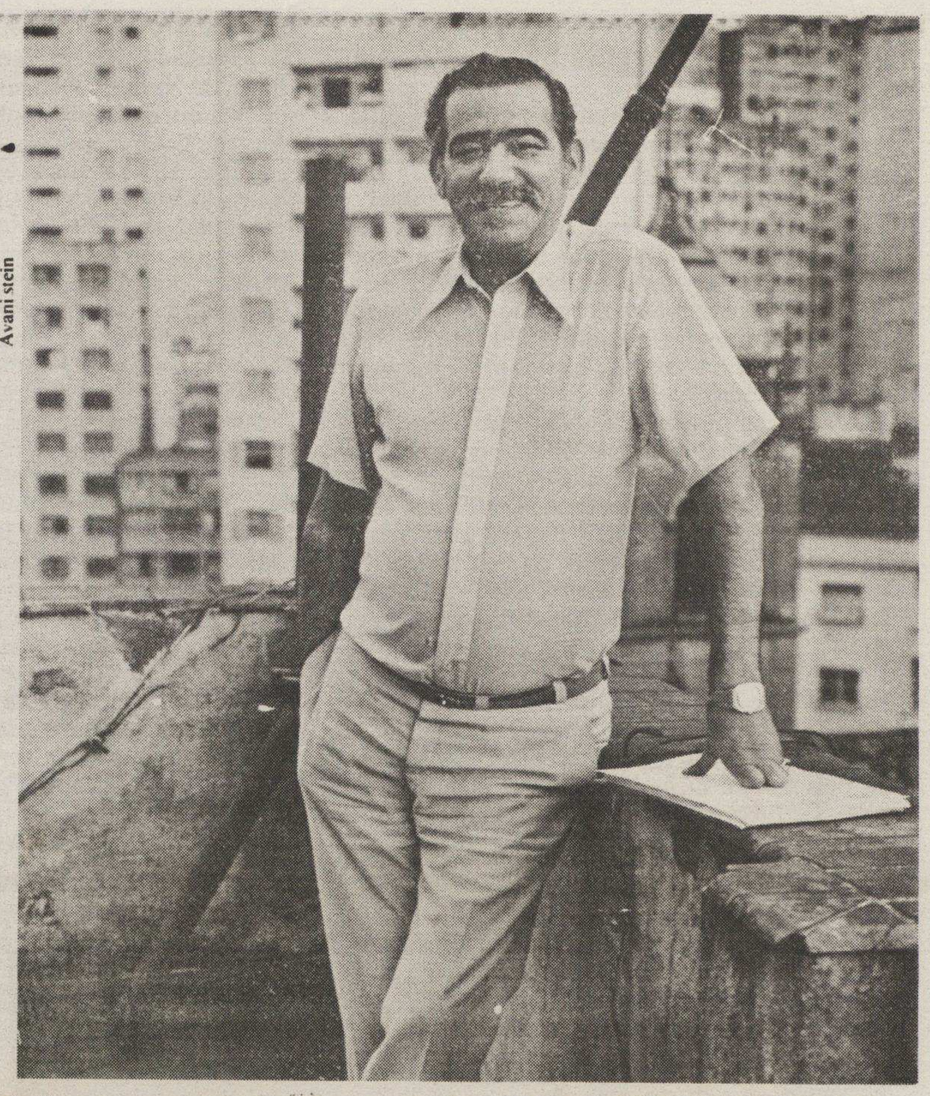
OAB 4045
CPF 077642350/91

Direito de Família
Sucessões
Direito do Trabalho

R. Andrade Neves, 155/92
F. 25.3408

Por MARIA HELENA PASSOS

# "SORRIO QUANDO ME CHAMAM DE PELEGO"


Avani stein

*Este homem comanda quase meio milhão de trabalhadores. Paulistano do bairro da Penha, conservador, católico, corintiano, há 16 anos ele controla o maior sindicato da América Latina. Uma experiência de poder que raros homens conseguiram no Brasil. Agora, neste mês de junho, ele se prepara para sua sétima eleição à presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e é quase certo que Joaquim dos Santos Andrade, o "Joaquinzão", ganhará outra vez.*

"Um pelego, serve a toda as situações, sem ter coragem de se contrapor aos fortes. Não é o meu caso". Desta forma, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, uma poderosa organização com 75 mil sindicalizados de uma categoria composta por 425 mil operários espalhados por 13 mil empresas, nega as acusações de peleguismo, freqüentemente utilizadas por seus opositores.

Aos 53 anos, filho de imigrantes portugueses que vendiam leite cru, na década de 20, este retificador ferramenteiro é presidente do sindicato há 16 anos. Seu passado de interventor federal e personagem de uma série de episódios discutidos da vida sindical brasileira provoca os mais desencontrados comentários. Para o ministro Murilo Macedo, Joaquim é um "dirigente de safra nova", por preferir a conciliação ao confronto. Por esta mesma razão, várias lideranças operárias o acusam de "pelego" enquanto o Partido Comunista, com quem se aliou a dois anos, prefere chamá-lo de "liderança conservadora". Joaquim retruca: "Pelego não é meu caso". Ele até acha graça quando o tratam assim.

Caçula dos que sobreviveram de um total de 11 irmãos, todos homens primário e ginásio completo em colégios públicos, Joaquim começou a trabalhar numa indústria têxtil e só aos 17 anos empregou-se como metalúrgico. Fez cursos profissionalizantes na Escola Getúlio Vargas para torneiro, frezador e retificador, transferindo-se, em seguida, às Indústrias Reunidas Matarazzo, em 1944.

Sua iniciação na vida sindical não podia ser menos sintomática. Na época, entre as duas correntes sindicalistas existentes — a dos comunistas e a dos anticomunistas, com considerável predominância da primeira — Joaquim não tardou em optar pela segunda. Aliou-se a outros sindicalistas como Orlando Malvezzi, Hermeto Mendes Dantas e Bernardino Testa que, em 1964, foram escolhidos como interventores dos sindicatos metalúrgicos em São Paulo e Sorocaba. O grupo, auto-intitulado "oposição democrática", opunha-se à diretoria da época — uma composição entre o PC e o Partido Socialista. Foi assim que, em 1961, a "oposição democrática" lançou sua primeira chapa, encabeçada por Joaquim, com Malvezzi de vice, que quase surpreeendeu a direção metalúrgica. Joaquim perdeu por apenas 1.500 votos.

Na eleição seguinte, em 1963, o candidato da oposição apoiada pela Juventude Operária Católica, não foi Joaquim e sim Hermeto Dantas e a diferença dobrou. "Era uma oposição eleitoral, que não agia organizadamente", lembra Afonso Delalis, presidente eleito em 63.

## EX-INTERVENTOR FEDERAL

Veio 64 e a Revolução vasculhou a vida das lideranças operárias e não perdoou os nomes constantes do fichário de 500 delegados sindicais, encontrado na sede do sindicato. Joaquim assegura que era um deles, mas Delalis nega. "Como ele poderia ter sido chamado ao Dops se, mais tarde, virou interventor?", pergunta o antigo dirigente.

Joaquim está convicto de que prestou grande serviço à categoria, ao aceitar a nomeação do Governo. "Não havia saída", justifica. "Ou nos dispúnhamos a participar da interventoria ou eles designavam militares. Aceitamos a incumbência para convocar eleições e garantir a normalização democrática do sindicato. O mesmo que está acontecendo agora, no ABC".

Após a eleição, participou da chapa única, com a participação de membros da diretoria cassada, como Otávio Siqueira e Waldemar Ferreira. Joaquim era o presidente e diz que um dos trunfos da gestão foi obter um reajuste salarial de 83%, superior ao custo de vida de 76%. "Nos reunimos com o Arnaldo Sussekind, o Hélio Beltrão e o Roberto Campos no Othon Palace Hotel e dissemos que, se o percentual fosse inferior, não nos responsabilizaríamos pelo que pudesse ocorrer. Não houve ameaça de renúncia, como chegaram a dizer, porque ela só serviria ao governo".

Em 1967, Joaquim concorreu contra a oposição, encabeçada por Valdemar Rossi, atual candidato pela chapa 2. Rossi diz que ganhou por 500 votos, mas não pediu recontagem e o Joaquim queimou tudo. O resultado oficial foi de 10.355 votos para Joaquim, contra 6.649 para Rossi e 807 para a de Cremildes Guedes da Silva. Mais tarde, o tesoureiro do sindicato, Hermeto Dantas, admitiu que houve fraude. Joaquim responde: "Só se foi ele o autor da fraude",.

A oposição acusa Joaquim de colaborar com a polícia, interessada em perseguir lideranças sindicais combativas. De concreto, há o depoimento rancoroso do deputado federal Aurélio Peres, atual candidato pela chapa 3: "Em 1972 fui preso por 27 dias e, quando saí, precisei de um atestado sobre minha participação na vida sindical para retornar ao emprego, na Eutec. O Joaquim respondeu que a situação era delicada e negou o atestado. Só não fiquei desempregado graças a Dom Paulo Arns".

## DESPACHO DO MINISTRO

Ultrapassados os anos negros — não sem antes assinalar uma baixa entre seus membros, com a morte do operário Manoel Fiel Filho, nas dependências do DOI-CODI, em 1975 — , os metalúrgicos de São Paulo reiniciaram um movimento de efervescência, com o surgimento de uma oposição organizada. E, 1978, fizeram uma greve geral de três dias, com assembléias de 30 mil pessoas, quando Joaquim permitiu à oposição o acesso às convocatórias para a campanha salarial. No entanto, segundo a oposição, ele acabou com a greve, fazendo um acordo antes, passando por cima das negociações.

Naquele ano, as eleições foram tumultuadas, fazendo com que o procurador da Justiça do Trabalho, Osvaldo Preus anulasse o pleito em que Joaquim saiu vencedor. Os motivos: falta de lacre nas urnas, falta de assinaturas dos fiscais, votos a mais ou a menos nas urnas em relação às listagens e a constatação de que votaram nomes que não eram filiados ao sindicato. Mas um despacho do ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, validou os resultados.

"Meu estilo é conversar com a oposição até o momento em que é possível conversar. A partir daí, não tem mais conversa". Assim Joaquim define suas relações com os opositores. Ele se refere à pancadaria generalizada em que se transformou a assembléia da última campanha salarial, no Cine Roxy, deixando oito metalúrgicos hospitalizados. A briga teve origem quando os membros do *Décio Malho* — um grupo de operários formados pela diretoria para atuarem nas fábricas e assembléias sob sua orientação, ao todo 2.800 —, aos gritos de "unidade! unidade!", resolveram arrancar uma faixa estendida pela oposição sindical, que dizia "Santo, a luta continua".

A frase referia-se ao operário Santo Dias da Silva, membro da Pastoral Operária, assassinado pela polícia durante a fracassada tentativa de greve, no ano passado.

Nesta época, Joaquim já contava com o apoio do PC e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8 ). "O casamento é recente, mas o namoro é antigo", diz Afonso Delalis, explicando que já em 1975, Joaquim permitiu a inclusão de comunistas na chapa. A aliança foi selada com a recepção que Joaquim promoveu em seu sindicato às lideranças do PC anistiadas. "Se o Partido Comunista quiser me apoiar, tudo bem, mas eles nunca chegaram e disseram faça isto ou faça aquilo que nós te apoiamos", ressaltava Joaquim em 1979. "O apoio não resulta de nenhum acordo com o PC. É que defendemos os mesmos pontos de vista".

## NOVA IMAGEM

Ao que tudo indica, é o grupo de Joaquim quem controla esta aliança. Foi em pleno vigor deste casamento que ele evitou greves e resumiu a campanha salarial de 1980, cujo acordo com os patrões, considerado além das expectativas, foi facilitado pela Fiesp. Por outro lado, Joaquim trata de se atualizar, incorporando novas facetas a sua imagem. Está usando palavras mais veementes, em defesa do trabalhador, vai a feiras verificar preços, distribui o órgão oficial do sindicato — *O Metalúrgico* — nas portas de fábricas e recentemente propôs ao senador Franco Montoro uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar as verdadeiras causas que levam as empresas a propor reduções na jornada de trabalho.

Para isto, conta com uma assessoria eficiente que inclui além de seu velho companheiro Malvezzi, o ex-vice-presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria e dirigente do PC, Luis Tenório Lima, mais economistas, sociólogos, jornalistas e advogados. Essa equipe o levou a implantar comissões de fábricas, organizar os *Décios Malhos* e não se ater exclusivamente ao sindicalismo assistencialista que praticou em dezessete anos de diretoria.

Nessa estratégia, a oposição foi seriamente abalada, e foi fundamental a participação de Miguel Huertas — que alguns consideram uma espécie de Golbery na vida de Joaquim. Ex-membro da "oposição democrática" antes de 64 e elemento de ligação entre o sindicalismo brasileiro e o americano. Huertas é responsável pelos cursos de sindicalismo, por onde passaram inclusive as lideranças de oposição e hoje passam os *Décios Malhos,* previamente selecionados na categoria.

Segundo seus adversários, Joaquim sempre evitou ampliar o quadro de sindicalizados. Em 1969, quando a categoria era formada por 216 mil metalúrgicos, o número de associados não passava de 40 mil, cerca de 20 mil a menos do que existia em 64, muito pouco para um sindicato que constrói uma sede com 16 andares e possui um orçamento para 1981 de Cr$702 milhões.

## CATÓLICO E CORINTIANO

"Ele gosta mais da categoria do que da própria família", diz Ana Lúcia dos Santos, tecelã, casada com Joaquim desde 1953 e mãe de seus quatro filhos. "Quando casamos, ele não me deixava cortar o cabelo, pintar sobrancelha, usar calça comprida nem andar com braço de fora. Hoje não fala mais nada".

Dona Ana até hoje não se conforma com a pouca assistência que a "vocação sindical" do marido reserva à família, mas reconhece que num aspecto o sindicato conseguiu transformá-lo: "Ele tinha um gênio violento e costumava quebrar o radinho de pilha cada vez que seu time, o Corínthians, perdia. Mas a vida do sindicato fez com que ele mudasse e se acalmasse com o tempo".

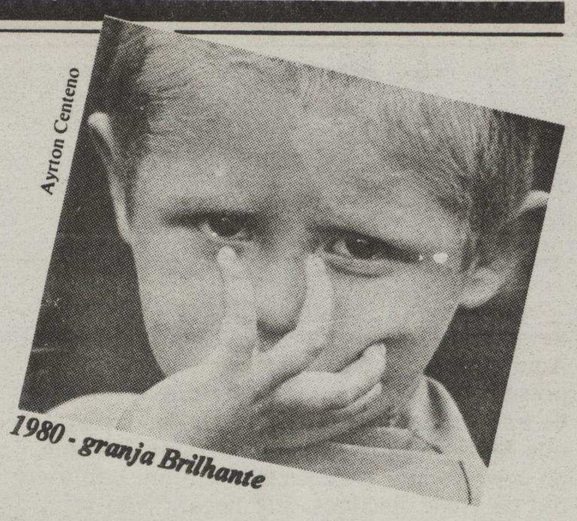
Dos filhos, o mais velho, Ronaldo, 26 anos, advogado trabalhista do Sindicato dos Engenheiros, é o que tem mais contato com o pai. Mas a filha, Rosana, de 22 anos, funcionária do Banco Bandeirantes, é quem mais discute sindicalismo com ele. Os mais moços estudam: Ronei, de 17 anos, no colegial, e Roger, de 13, no primário de um colégio público.

Católico — "mas só vai a missa de defunto" — e corintiano, cuja única extravagância é usar um exuberante anel de topázio, Joaquim mora com a família numa casa de três quartos, sala, cozinha e banheiro comprada com o dinheiro de uma herança que dona Ana recebeu. Ela orgulha-se dos amigos do marido: o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, "que sempre atende o Joaquim", o ex-ministro Arnaldo Prieto e, sobretudo, o ex-governador paulista, Paulo Egydio.

As eleições estão marcadas para os dias 13 e 17 de junho e a oposição vem dividida em duas chapas, uma encabeçada por Valdemar Rossi, que já concorreu contra Joaquim em 1967, e outra por Aurélio Peres, deputado federal do PMDB, antigo opositor do atual presidente. Rossi, que ficou famoso como o operário que saudou o Papa João Paulo II, no Estádio Morumbi, quando denunciou às más condições de vida do trabalhador brasileiro, é apoiado pela Igreja, através da Pastoral Operária. Aurélio Peres, por sua vez, é o candidato do jornal *Tribuna da Luta Operária* e de setores da esquerda independentes do PC. Nas últimas eleições, em 1978, a que foi impugnada pela Justiça, mas referendada por Arnaldo Prieto, Joaquim recebeu 24.511 votos contra 10 mil somados pela duas chapas concorrentes.

Joaquim já se prepara para o confronto com Lula no Congresso das Classes Trabalhadoras (Conclat), marcado para agosto. E votará contra a proposta de greve nacional apresentada pelo líder do PT no dia 1° de maio, caso não seja possível negociar as principais bandeiras do sindicalismo brasileiro. "Talvez esta proposta pudesse servir como instrumento de pressão para um novo pacto social", afirma Joaquim, "mas seus autores são contra este pacto, não é verdade?".

*O Estado tem 100 mil colonos sem terra e metade de seu território coberto por latifúndios. Aqui, revelamos onde eles estão*




# OS LATIFÚNDIOS DO RIO GRANDE

**Por Ayrton Centeno**

Foi um recorde: num dia apenas de Porto Alegre, o presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Paulo Yokota, conseguiu desagradar, ao mesmo tempo, as Igrejas Católica e Luterana, os colonos sem terra, os sindicatos e associações rurais, o governo estadual e todos os partidos, inclusive e principalmente o seu PDS. Ouviu críticas dos pedessistas, teve uma escaramuca com os camponeses — com ironia, respondeu suas perguntas chamando-os de "doutor". Os sem terra revidaram a sua maneira: "Com um japonês que nem o senhor o governo tá ralado", gritou um deles. Tudo isso porque não respondeu positivamente a uma pergunta: "Existem terras para os colonos gaúchos no Rio Grande do Sul?"

Atrás da pergunta está a inquietação com as conseqüências de um acampamento de três mil agricultores pobres em Encruzilhada Natalino, município de Ronda Alta, a 350 quilômetros de Porto Alegre, onde muitos enxergam a ponta de um estopim capaz de incendiar o Estado nos próximos anos.

"Olhando o que vai acontecer com estas famílias existem, no mínimo, mais 100 mil pessoas na mesma situação", adverte o economista João Pedro Stédile, delegado da Associação Brasileira de Reforma Agrária. Valendo-se de dados do próprio INCRA e da ABRA, Stédile diz que o governo federal pode resolver a questão no momento que quiser.

"Dos 24 milhões de hectares gaúchos quase a metade é constituída de latifúndios improdutivos ou de pouca produção", garante. E exemplifica: "O fazendeiro Ernesto Anoni, que discute a desapropriação de suas terras de Sarandi, próximas à Ronda Alta, com o governo federal, possui cinco mil hectares de terras sub-utilizadas em São Gabriel. São terras capazes de abrigar 200 famílias de agricultores".

Um rápido olhar na listagem de cobrança do Imposto Territorial Rural de 1978, elaborada pelo próprio INCRA, revela dezenas de latifundiários com mais de mil hectares em apenas nove municípios nas regiões das Missões, Planalto Médio e Alto Uruguai. O maior deles, de Manoel Alves Paixão e sócios, está localizado em Passo Fundo e possui 5260 hectares. É um latifúndio por exploração (qualquer gelba acima de 40 hectares pode ser considerada latifúndio se não estiver sendo explorada convenientemente).

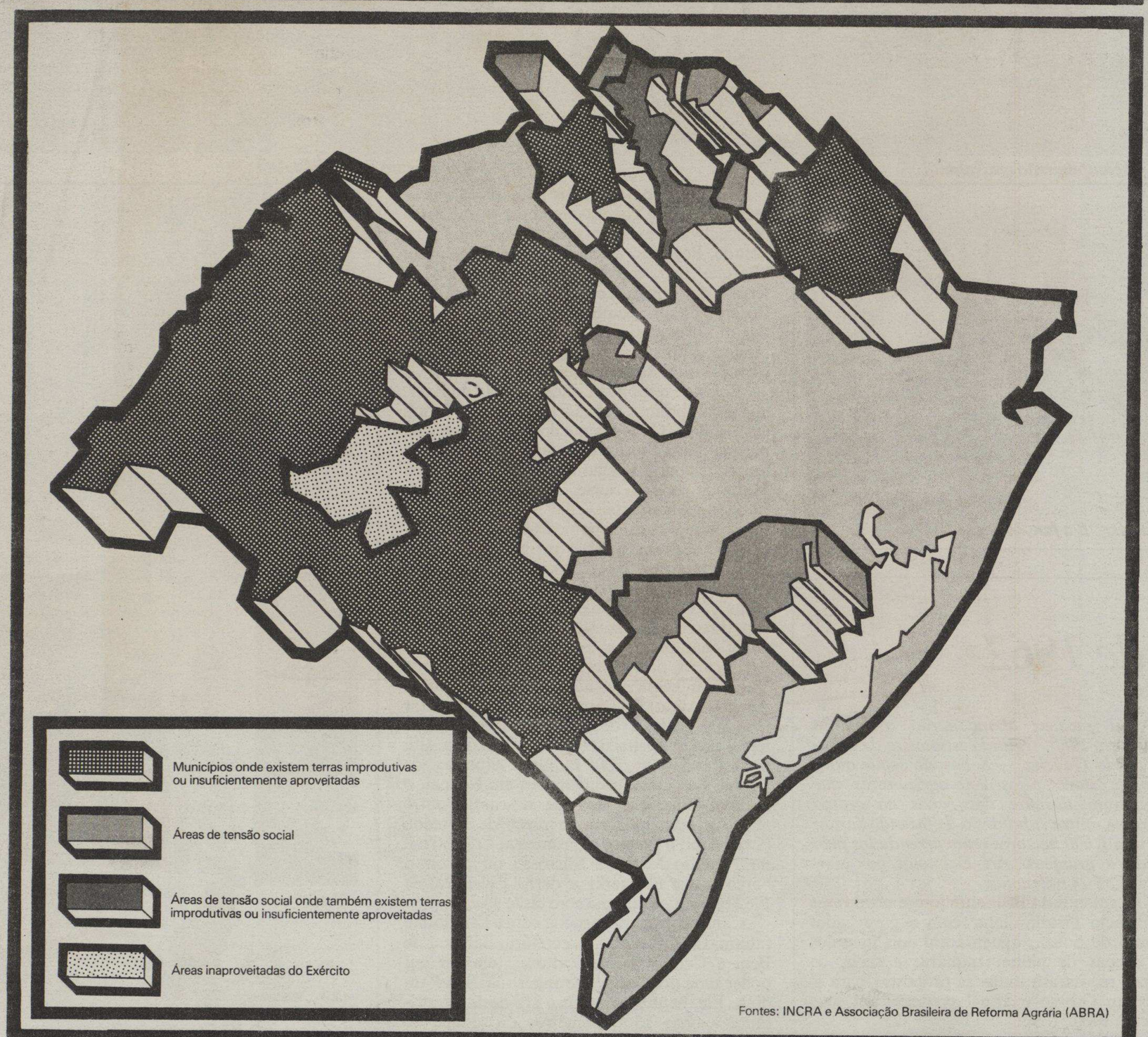
O latifúndio por extensão, com tamanho 600 vezes superior ao módulo rural da região (o módulo gaúcho oscila entre cinco hectares em Porto Alegre e 40 em Jaguarão) inexiste no Rio Grande do Sul. Pelo menos é o que afirma o diretor de cadastro do INCRA, Luiz Fernando de Alfama. No entanto, números de 1978, do mesmo INCRA, acusam a presença de um latifúndio de 25.530 hectares. "Foi um erro", admite Alfama. O INCRA igualmente não conhece os 50 mil hectares que o Ministério do Exército possui em Cacequi, no centro do Estado.

Mas a mesma listagem não nega que Alberto Tagliari, considerado o maior plantador de soja do Brasil, deixa 1.634 hectares de terras desocupadas ou insuficientemente ocupadas em Nonoai. No mesmo município — que o INCRA identificou como área de tensão social pela presença de camponeses sem terra — as terras de Arthur Dall Asta (1.180 hectares), Alberto Berthier de Almeida (2.264 hectares) e da Granja Bela Vista (1.647 hectares) estão em igual situação.

Em Ronda Alta, a poucos quilômetros do acampamento dos sem terra, o fazendeiro Otávio José dos Santos mantém 1.409 hectares sub-utilizados. Mas o campeonato de latifúndios, pelo menos na região, fica com Palmeira das Missões. São 15, dos quais o maior é o de Plínio Pereira Dutra com 5.232 hectares. É preciso lembrar que um hectare equivale a 10 mil metros quadrados. Para que se tenha uma idéia de que significam, por exemplo, cinco mil hectares basta imaginar a reunião de seis mil campos de futebol.

O vice-campeão de Palmeira é Otto Albino Gerhardt. Seu latifúndio chega aos 4.487 hectares. A seguir vem Marcelino Amado (e sócios) com 3.573 hectares, Cláudio da Silva Abrantes (e sócios) com 2.490 hectares, Fernando Quintana (espólio) com 1.914 hectares e Oracy Louzada Abreu (e sócios) com 1.881 hectares.

## As terras disponíveis




Fontes: INCRA e Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA)

# *Nos últimos 10 anos, 700 mil pessoas abandonaram o interior gaúcho. Em 1980, foram 130 mil. Este ano serão 200 mil*

Passo Fundo tem oito latifúndios com mais de mil hectares catalogados pelo INCRA. Aqui o destaque é para a Brigada Militar que possui 1.166 hectares mal utilizados. Os dados de Esmeralda, no nordeste do Estado, dizem que Mário Ramos, ex-secretário de Turismo do governo Sinval Guazzelli, tem um latifúndio de 1.647 hectares. Ele nega. "Não sei a que atribuir isto", diz. Ramos assegura que suas terras produzem principalmente milho e feijão.

O último cadastramento do INCRA mostra números espantosos: os latifúndios, nos últimos oito anos, passaram de 76.455 para 94.805, ocupando uma área superior a 12 milhões de hectares, metade do Estado. "No entanto, quando concluirmos a revisão do cadastro este número deverá ficar mais reduzido", diz Luiz Fernando de Alfama. Assustados com a taxação de seus imóveis, muitos proprietários pediram a retificação de suas declarações ao INCRA. A grande maioria declarará que não possuem latifúndios e sim empresas rurais, pouco taxadas, equiparadas pela lei, para fins de desapropriação, às benfeitorias e reservas florestais. Isto significa que se o governo quiser distribuí-los aos colonos terá de pagar preço de mercado. Como os fiscais do INCRA não têm condições de vistoriar quase cem mil propriedades — eles escolhem as situações mais suspeitas de cada região, — é um risco menor.

"Apesar de tudo, será difícil esconder da fiscalização alguns latifúndios", garante João Pedro Stédile, apontando áreas desapropriáveis em toda a fronteira — "onde o solo requer mais cuidados, mas nem por isso é inviável" — e nos municípios de Cruz Alta (quatro mil hectares), Campinas do Sul, Lagoa Vermelha, Vacaria, Palmarres, Roque Gonzalez, Santo Antonio das Missões, Santa Maria, Santiago, Júlio de Castilhos, Tupanciretã e Erval Grande". Enquanto isso, os minifúndios encolhem: eram 410 mil em 1972 e hoje não passam de 372 mil. Um cálculo do ex-secretário de Agricultura, Edgar Írio Simm, demonstra a estensão das terras ociosas. Simm divide o preço da produção total do Estado pelo número de hectares atribuídos à agropecuária e o resultado e ínfimo: o Rio Grande do Sul produz apenas Cr$ 1 mil por hectare. Entretanto, sabe-se que a uva rende até Cr$ 200 mil e a soja Cr$ 30 mil. A conclusão é a existência de imensas zonas de nenhuma ou irrisória produtividade.

"Temos que distribuir 60 mil hectares subutilizados que o Ministério do Exército arrenda parcialmente a grandes proprietários plantadores de soja. A sugestão é do deputado Erico Pegoraro, do PDS. Eleito pelo voto rural, Pegoraro está alarmado: "Se não houver uma solução rápida, o PDS vai ter prejuízos enormes em 1982".

Dos 60 mil hectares, 50 mil estão localizados em São Simeão, no interior de Cacequi. É uma área no centro do Estado, banhada pelos rios Saicã e Santa Maria, cruzada por dois ramais ferroviários. "São terras férteis, que ainda possuem 100 casas de alvenaria com sanitários, um hospital de dois andares, refeitório para 200 pessoas, engenho de arroz, galpão, oficina e depósito. Tudo completamente abandonado. Até o parquê das casas está apodrecendo", lamenta-se Pegoraro.

Foto: Marco Aurélio Couto



*1980 - Granja Brilhante*

Foto: Wiss Soares



*1962 - Acampamento em Sarandi*

Foto: Ayrton Centeno



*1981 - Acanpamento em Ronda Alta*




*Gaiger: "E a função social?"*

Um dos oito deputados pedessistas que se reuniram com Yokota tentando extrair uma perspectiva de reassentamento dos colonos no Estado, Pegoraro acusa o INCRA de relapso. "Porque não entregar aos agricultores as terras da antiga coudelaria de Saicã, em Rosário do Sul, também do Exército? "Com dez mil hectares, dez açudes, 20 casas de alvenaria, galpões, mangueira e energia elétrica, a coudelaria está abandonada.

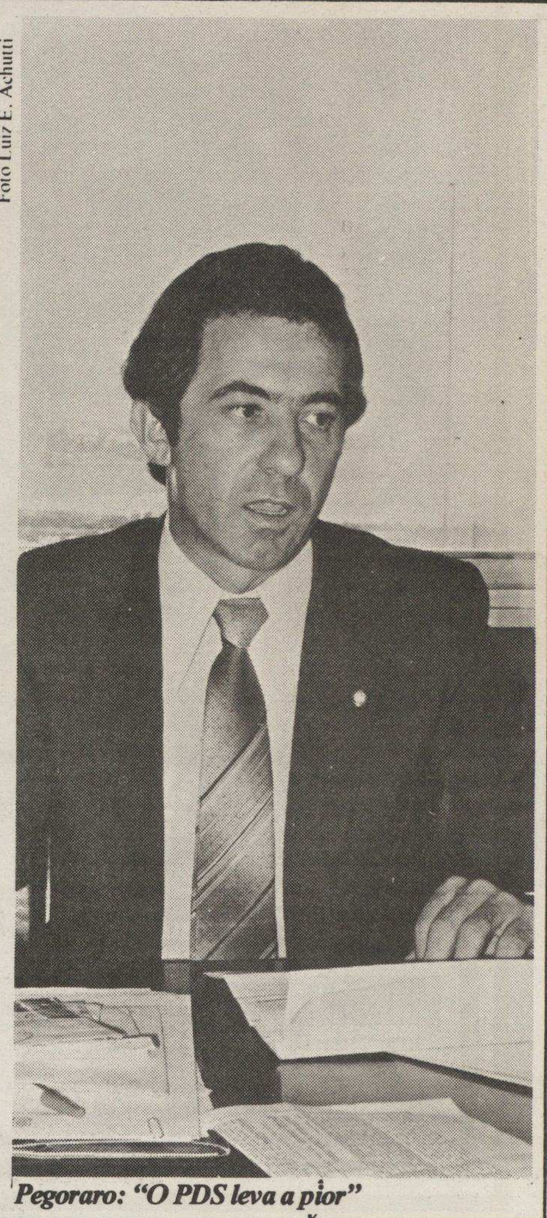
Yokota respondeu que as terras do Exército "cumprem a função para a qual foram destinadas". O presidente do INCRA bateu na mesma tecla durante toda a reunião: "as terras disponíveis estão nas regiões pioneiras: Mato Grosso do Norte, Acre, Bahia, Pará, Rondônia e Roraima.

Bombardeado pelos pedessistas — "o INCRA só serve para cadastrar e cobrar imposto"; "é inoperante" — Yokota escudou-se em afirmações como "Não temos medidas rápidas", "Eu sou órgão executivo, apenas cumpro diretrizes". Irritados, alguns deputados abandonaram a reunião.

Para os pedessistas, a inflexibilidade de Yokota antecipa más notícias também para o governo Amaral de Souza. Depois de gastar Cr$ 500 milhões de seus cofres comprando terras em Palmeira das Missões e Ronda Alta para reassentar 200 famílias expulsas da reserva dos índios caingangues em Nonoai, o Estado sente que terá de descascar outro abacaxi: adquirir terras a preço de mercado (Cr$ 50 mil o hectare na fronteira; Cr$ 150 mil no Planalto Médio e Missões) ou deixar o barco correr e esperar a derrota eleitoral de 1982 e, de quebra, uma convulsão social.

Candidatos para negociar com o Estado não faltam. Desde janeiro, o secretário Baltazar do Bem e Canto, da Agricultura, tem em seu poder uma proposta do granjeiro Wilson Pandolfi. Ele oferece ao governo 815 hectares, distante apenas 15 quilômetros da cidade de Ronda Alta. Possui diversas benfeitorias, e

Foto Luiz E. Achutti



*Pegoraro: "O PDS leva a pior"*

## *O exemplo de 1962*

*Cinco mil agricultores invadiram e ocuparam a fazenda Sarandi, em 1962, reivindicando terras. Tinham o estímulo do governador Leonel Brizola e participaram de um esboço de reforma agrária, logo abortado com o movimento de 1964. Dos cinco mil, pouco mais de 200 ainda possuem suas terras. Foi a primeira grande manifestação camponesa que o Rio Grande assistiu. Hoje, 19 anos passados, 500 sem terra e suas famílias — num total de três mil pessoas — acampados em Ronda Alta, município vizinho a Sarandi, repetem 1962.*

*Daqui só saio com terra ou morto", diz Sebastião Santos, 3 anos, 31 anos, há quatro meses acampado. Embora candidato no êxodo 200 mil pessoas abandonarão o interior gaúcho em 1980, segundo estimativa da Frente Agrária Gaúcha — Sebastião segue outro exemplo, dado pelos 200 agricultores que acamparam durante dois anos na granja Brilhante, outra subdidivsão da fazenda Sarandi, cujos 1.600 hectares eram arrendados pelo Estado a granjeiro Ari Dalmolin por simbólicos Cr$ 24 mil anuais.*

O s colonos da Brilhante foram nove vezes ao Palácio Piratini falar com o governador Amaral de Souza, aguentaram dois invernos em choças de palha, taquaras e sacos de adubo, recusaram todas as propostas para ir ao Mato Grosso e afinal conseguiram seus lotes em 1980.

# *Cem casas, hospital, engenho e galpões abandonados. Tudo nos 60 mil hectares de terras do Exército*

totalmente mecanizável e ainda dispõe de matos naturais em 15% da área. A entrega é imediata. O preço? Cr$ 100 mil por hectare, um pouco abaixo da média da região.

As terras de Pandolfi fazem divisa com a granja Brilhante, desmembramento da fazenda Sarandi, um latifúndio de 24 mil hectares desapropriado parcialmente em 1961 pelo governo Leonel Brizola (veja quadro). Hoje, caso o governador Amaral de Souza resolvesse partir para a solução mais drástica, não teria este recurso: a Constituição em vigor atribui exclusivamente à União desapropriar terras por interesse social.

Mesmo a União só poderá executar qualquer desapropriação por interesse social se a gleba for "área prioritária". Segundo o decreto-lei 582, que criou o INCRA, existem seis tipos de "áreas prioritárias". Destas, existem cinco no Rio Grande do Sul: áreas de latifúndios por exploração; de concentração de minifúndios; de elevada incidência de não-proprietários; onde existe manifesta tensão social; e aquelas próximas aos centros consumidores, que sejam mal exploradas. "A rigor — diz João Pedro Stédile — o governo federal tem amparo legal para desapropriar terras por interesse social até em Porto Alegre, recorrerndo ao item "áreas mal exploradas, próximas aos centros consumidores". Ele afirma que uma providência deste tipo criaria um novo cinturão agrícola para produção exclusiva de hortifrutigranjeiros, já que o Estado importa tomate, repolho, laranja, maçã, pera, mandioca,, azeitona, alho e batata.

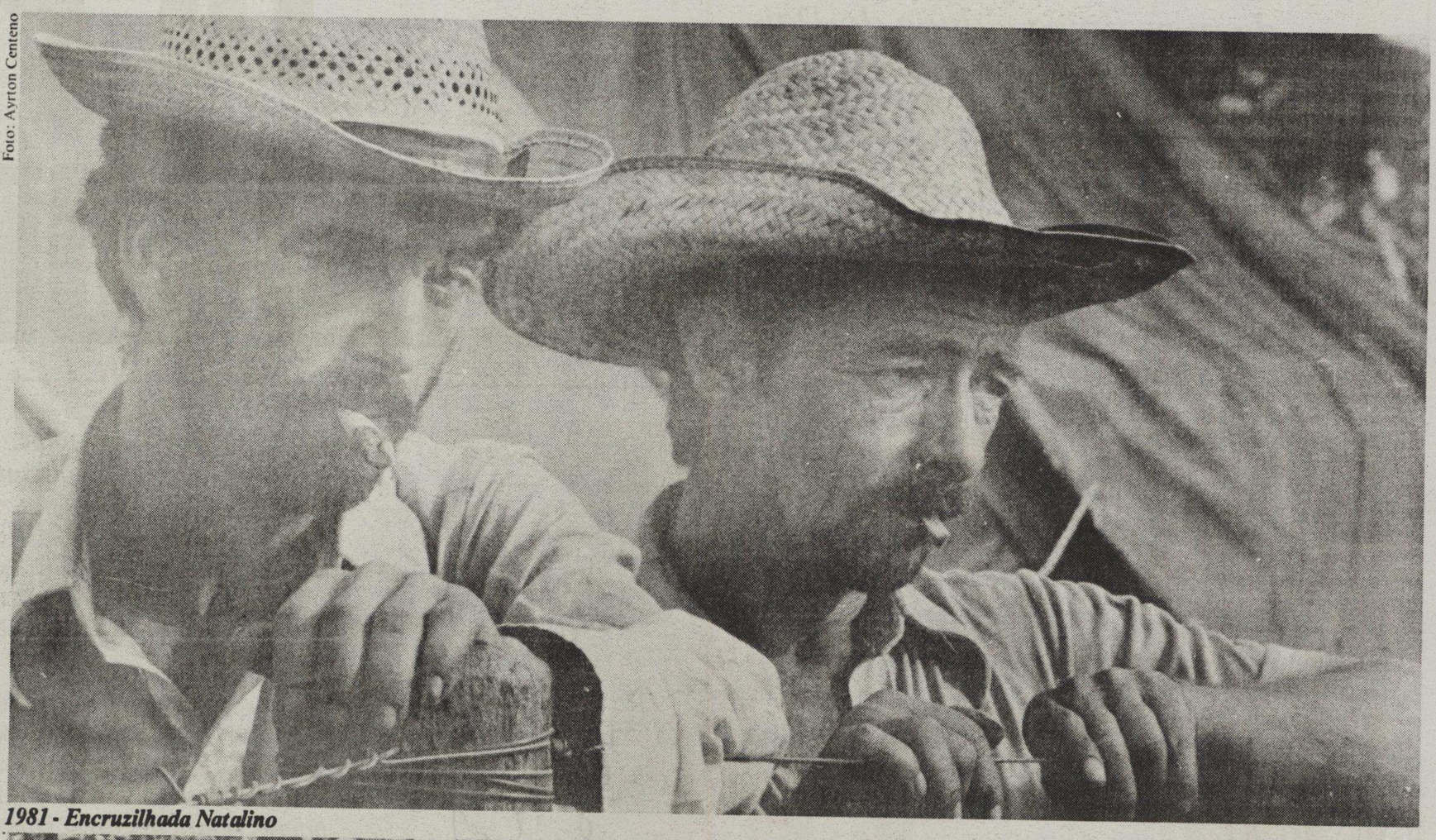
"Na prática porém, são raros os casos de desapropriação. Nos últimos 10 anos, houve apenas um caso, o da fazenda Anoni, com oito mil hectares, que abrange os municípios de Sarandi e Ronda Alta, destinada aos minifundiários desalojados das terras inundadas com a construção da barragem do Passo Real, em 1969. "Falta sensibilidade social ao Poder Público que sempre se apega aos formalismos sem se deter numa interpretação mais abrangente da Constituição", argumenta Celso Gaiger, presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos.

Gaiger, ex-desembargador, autor de um estudo sobre direito agrário, acusa o "Estatuto da Terra" — "bom na parte expositiva" — de emperrar seus próprios objetivos. Para ele, o "Estatuto" dificulta a desapropriação por interesse social, conflitando com a Constituição. "Além do mais, com base no "Estatuto" é vetado desapropriar empresa rural".

Apesar disso, Gaiger sustenta que o INCRA tem instrumental para desapropriar terras em condições muito favoráveis. A indenização seria paga com titulos da dívida pública, resgatáveis em 20 anos, ficando apenas as benfeitorias para pagamento em dinheiro.

No entanto, há uma omissão constitucional sobre o que constitui "função social da propriedade". Neste vácuo, o "Estatuto da Terra" pode dar a entender que terra com função social é aquela que esta produzindo. É o que pensa o INCRA. "Com base neste raciocínio — diz Gaiger — o Rio Grande do Sul poderia ser propriedade de um só homem, desde que ele mantivesse todas as terras com uma certa produção sem ligar para o drama a sua volta. Mas a interpretação dos constitucionalistas, da Constituição de 1946 e do próprio *Estatuto da Terra* é de que à propriedade privada da terra cabe uma função social, um uso condicionado ao bem-estar coletivo".

Foto: Ayrton Centeno



*1981 - Encruzilhada Natalino*

Foto: Wiss Soares



*1962 - Recepção a Brizola na fazenda Sarandi*


advogados

**HELIO ALVES RODRIGUES**
oab 3975 cpf 001520800/15
**JULIO CÉSAR ALVES RODRIGUES**
oab 3408 cpf 001520990/34

**RUA ANDRADE NEVES, 155**
**conjs. 71 e 72**
**fones: 24-8616 e 8035**

**Luiz Carlos**
**Calachi Moraes**
*Advocacia Trabalhista*
*P/Empregados*

**Andrade Neves, 159 sala: 64**
**fone: 33-5445**
**Edifício Amazonas**

*Nereu Lima*

**CPF-MF 082058760-53**
**Advocacia Criminal**
**Borges de Medeiros, 410**
**salas: 509/510**
**tel: 24-6049 Porto Alegre**

Entrevista:
Odorico Paraguaçu

# "SE APARECER EU PRENDO E EXPLUDO ELE"

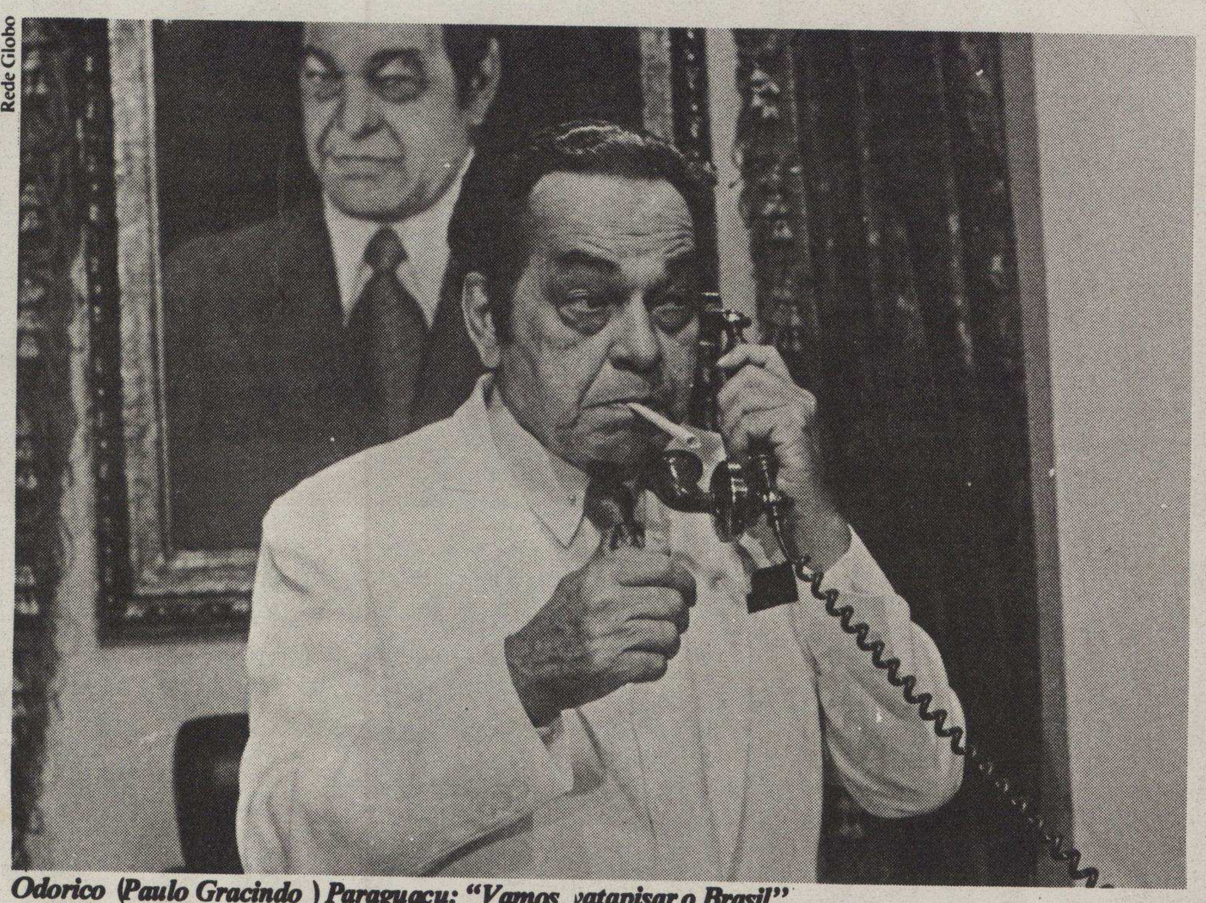
*O Brasil de hoje, visto por Odorico Paraguaçu, prefeito da mais típica cidade do País, a imaginária Sucupira*

*A princípio ele achou estranha a idéia de uma entrevista com seu mais famoso personagem. No entanto, Dias Gomes acabou concordando em responder algumas das perguntas feitas pelo* **Coojornal**, *abordando temas variados, sem se afastar muito dos assuntos que costuma desenvolver no seriado* O Bem Amado. *Para tanto, o escritor fez duas restrições: preferiu redigir o texto, "porque não sei falar como o prefeito de Sucupira"; e também não quis tratar de fatos ou pessoas que não resultassem em respostas engraçadas.*

*"Se for para falar sério, não tem nada a ver com Odorico Paraguaçu", sentenciou Dias Gomes, esquivando-se de manifestar qualquer opinião sobre o presidente Figueiredo — e sua política de abertura —, o governador Antônio Carlos Magalhães, da Bahia; e líderes políticos como Ulisses Guimarães, Miguel Arraes, Leonel Brizola, Tancredo Neves, Magalhães Pinto e Luis Inácio da Silva, o Lula.*

*De qualquer forma, o exercício serviu para ajudá-lo a criar um dos futuros episódios do seriado da Rede Globo, que versará sobre uma grande entrevista coletiva à imprensa. A repórter Rosa Maria Pecorelli, do* **Coojornal**, *porém, o prefeito de Sucupira concedeu uma entrevista exclusiva.*

Rede Globo



*Odorico (Paulo Gracindo) Paraguaçu: "Vamos vatapisar o Brasil"*

**— Sr. Prefeito, o senhor atualmente pertence a que partido?**

— Ao PDS (ele pronuncia à baiana, pe-de-ci).

**— E antes da reforma partidária?**

— A menina quer saber os meus pratrasmente. Eu fui da Arena, a falecida Aliança Renovadora Nacional. Sempre fui um renovista juramentado. Mais patrasmente, militei no PSD, andei namoricando o PTB fisiológico e até dei umas escapadelas com uma matrona da tradicional família, a velha UDN. Tudo isso nos gloriosos tempos do curralismo.

**— Curralismo?**

— Voto de curral. Agoramente, estou no PDS. Prafrentemente, só Deus sabe.

**— Qual a sua formação política?**

— Eu sou um partidário da democradura, um regime que faz a conjuminância das merecendências da democracia com os talqualmentes da ditadura.

**— Quer explicar melhor?**

— Pois não. Na democracia, o povo escolhe a gente, os governantes. Na democradura, a gente escolhe o povo que vai escolher a gente.

**— Onde o senhor estava no dia 31 de março de 1964?**

— Atarefadíssimo nos providenciamentos para realizar a Marcha da Família Sucupirana com Deus pela Liberdade. Felizmente, não foi preciso.

**— Qual o seu modelo de estadista?**

— É aquele que tem os pés no hoje e os olhos no depois-de-amanhã.

**— O que acha do governador Paulo Maluf?**

— Só tem um defeito: o de viver me imitando.

**— O que acha o senhor Prefeito da eleição direta para Presidente e para Governador?**

— Oxente, mas desde 64 que a eleição para Presidente e Governador tem sido direta, sem intermediários e sem consulta a ninguém. Mais direta, só se cada um se escolher a si mesmo. O que não seria nada mau, emboramente houvesse o perigo de superpopulacionar os palácios governamentais.

**— E o que pensa o coronel da Lei de Segurança Nacional?**

— É uma lei deverasmente sábia porque serve de motivo sempre que não se tem motivo algum e permite não precisar dar maiores explicações quando não se tem explicação pra dar.

**— E o que diz o senhor da inflação?**

— A oposição difamista e subversenta fala muito da inflação. Mas a inflação está morta, e é uma pena que eu não possa enterrá-la no nosso cemitério, resolvendo assim essa crise defuntícia. É bem verdade que a inflação já passou dos 100%, mas isso são os pratrasmente, prafrentemente é que importa. E eu provo por A mais B, e por C mais D, que é justamente a inflação que vai nos salvar.

**— Como assim, coronel?**

— Muito simples. Os salários são aumentados semestralmente e os salários até três são reajustados acima da inflação. Ora, 95% da população do País ganha menos de três salários-mínimos. Logo, a esmagadora maioria, o povo, está ganhando com a inflação. E se a inflação continua, esses 95% vão melhorando de vida, melhorando, até que se igualarão aos 5% que ganham mais. Então será feita a redistribuição da riqueza, a igualdade entre as classes, a justiça social. Destarte, devemos promover o aumento da inflação para 300% até o ano 2.000, tempo suficiente para que, pelo encumprimento dos pequenos salários e achatamento dos grandes, seja feito o nivelamento salarial. Ipso fato, mutatis quase mutandis, a revolução socializante e anti-hemorrágica, isto é, sem sangue, que ficará nos anais e menstruais da História.

Ferré/Roberto Silva



**— O senhor é candidato a Governador?**

— Emboramente os calunistas da esquerda maquiavelenta, esses que costumam dar um torcicolo no pescoço da

# UM TERRORISTA,





Ferré/Roberto Silva

## *Dias Gomes, um criador solitário, sucesso de público e crítica*

verdade, digam o contrário, não sou candidato a coisa alguma. Não-obstantemente, se o povo quiser, se o povo exigir, se for para felicidade geral de Sucupira, se-lo-ei.

**— Caso o senhor seja candidato, apresentaria em sua plataforma política alguma solução para o nosso problema econômico?**

— No terreno econômico, darei o berro da independência ou morte, promovendo a exportação de nosso principal produto, o azeite de dendê. O Brasil inteiro será temperado com azeite de dendê e prafrentemente vamos temperar o mundo. E o mundo vai, mais uma vez, se curvar ante o Brasil, quando provar nosso acarajé, o nosso vatapá, o nosso carurú. Vamos acarejeisar a Europa. Vamos vatapisar a América. Pensando nisso meu coração verdeamarelecido nada de braçada no mar das euforias, mormentemente considerando que isso representa mais divisas para o País, o equilibrismo em nossa balança de pagamentos e a salvação de nossa amada e assasmente endividada Pátria.

**— E o problema do petróleo, coronel? Como vamos resolvê-lo?**

— Já criei a Petropira, para explorar o petróleo de Sucupira. Os negativistas ou retaguardistas, os corujistas, dizem que não existe. Mas nós vamos assinar um contrato de risco com a Petrobrás — desses em que o risco é todo dela e o petróleo é nosso - e vamos provar o contrário.

**— O senhor é mesmo um otimista e um homem que acredita na sua terra.**

— Claro que acredito, claro que me ufano da minha terra. Mas não é um *mal-ufanismo* dizer que, se ela dá de tudo, por que não dá petróleo?

**— E o terrorismo, coronel?**

— Meu espírito pacatista repudia a violência, venha ela da extrema esquerda, da extrema direita, da defesa ou do meio-de-campo. Aqui em Sucupira, apareceu um terrorista, eu prendo e expludo ele.

**— Que acha o senhor do propósito do Governo de dialogar com as oposições?**

— Ah, sou inteiramente a favor dessa confabulância democrática. Só há um entretanto. É que quando a gente fala em dialogar eles pensam logo que vão ter o direito de opinar. É a tal história, a gente oferece a mão, eles já querem pegar no cotovelo.

**— Qual a sua opinião sobre o General Golbery?**

— Não importa o sobrenome, se é general eu tou com ele, como tou com Deus. Ainda que seja General Motors ou General Eletric, dois multigenerais. De coronel pra cima, todos dormem em berço esplêndido dentro do meu coração.

**— O senhor é acusado de ter nomeado parentes seus para alguns cargos públicos. Que é que o senhor tem a dizer sobre isso?**

— São cargos de confiança. E se a gente não tem confiança nos parentes, em quem é que vai ter?

**— É verdade que o senhor sente saudades do Presidente Médici?**

— E como não havia de ter? No tempo do Excelentíssimo nós fomos tricampeões mundiais de futebol. Fomos bi-campeões de Fórmula-1. Noves-fora esses eventos, o General Médici foi um santo.

**— Santo?**

— Oxente, não foi ele que fez o milagre brasileiro?

**— Mas hoje sabemos que esse foi um falso milagre. O que tivemos foi muita repressão, prisões, torturas.**

— E que povo não passa fome e leva bordoada, se é Campeão do Mundo?

**— Coronel, há indícios de que vamos entrar num período de recessão. O desemprego aumenta, parte do povo brasileiro passa fome. Que é que o senhor tem a declarar sobre isso?**

— Invencionices da oposição demagogista. No Brasil não existem desempregados, existe gente procurando emprego. No Brasil, talqualmente, não existe fome, existe gente lutando pra achar o que comer. É diferente.

**— Qual a sua opinião sobre a deputada Ivete Vargas?**

— Trata-se de uma donzela praticante e juramentada, moça de muitos predicativos, notável por suas redondices e reentrâncias, me lembra muito as meninas Cajazeira, de quem sou fiel e renitente admirador.

**— Que é que o senhor acha do homossexualismo?**

— Em Sucupira não tem disso não. Aqui, homem é homem e mulher é mulher. Esta é uma terra de gente que mata a cobra e mostra o pau.

Odorico Paraguaçu nasceu nos idos de 1961, e seu berço natural foi o teatro. A primeira versão da peça de Dias Gomes — *Odorico e o Bem Amado, e os Mistérios do Amor e da Morte* — porém, não chegou a ser encenada simplesmente porque o texto não agradou muito ao autor. Embora radicado numa pequena cidade do interior baiano, o prefeito da imaginária Sucupira encarnava uma crítica velada a um dos políticos mais combativos da época, o então governador carioca Carlos Lacerda, da extinta UDN.

— Era uma espécie de caricatura — explica Dias Gomes — e uma sátira ao estilo palavroso dele, aos seus discursos inflamados, àquele emprego de sinônimos, àquela retórica lacerdista. Lembro-me que ele planejava construir um cemitério no Parque Lage (bairro Jardim Botânico, zona nobre do Rio), de onde tirei a idéia central da trama.

Em 1968, devidamente reescrita por Dias Gomes, a peça foi levada à cena, no Rio. E, sobrevivendo aos limites das "quatro" paredes do placo, Odorico — agora apenas *O Bem Amado,* interpretado magistralmente por Paulo Gracindo, — voltaria triunfalmente nos braços de seus eleitores sucupiranos, na novela que a Globo estreou no final de 1972. Acompanhando o passar do tempo, o personagem também evoluira.

**— Durante os meses seguintes, ele passou a representar um protótipo de político brasileiro, uma mistura do velho PSD, com algumas conotações do PTB fisiológico e umas gotinhas da UDN. Minha preocupação já era a de retratar o chamado político populista —, diz Dias Gomes.**

O sucesso da novela foi tão grande que José Bonifácio Sobrinho — o poderoso Boni, da Rede Globo — tentou convencer Dias Gomes a manter vivo o personagem. Após muita relutância, o teatrólogo concordou e foi criada a série que, uma vez por semana, leva às alturas o ibope global.

**— Sucesso a gente não explica — afirma Dias Gomes —, mas a boa receptividade do seriado junto ao público talvez se deva ao fato de tratar de assuntos**

**muito próximos de nós, facilmente identificáveis, ou por ser bem humorado. Além disso, a direção e os atores são fantásticos.**

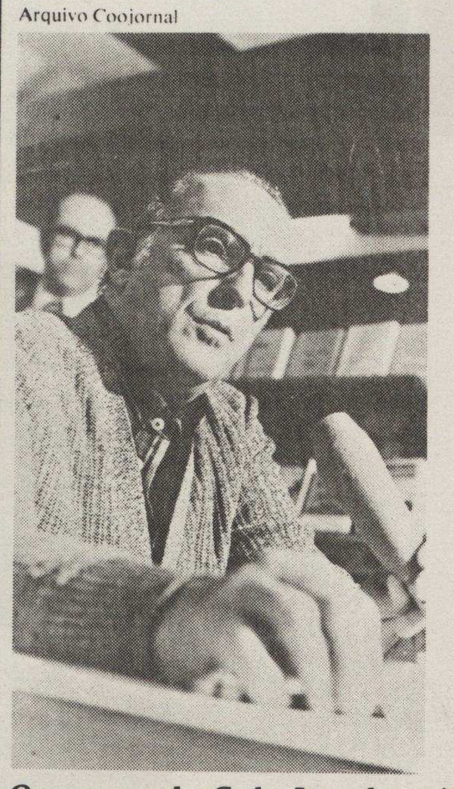
De fato, calcados na realidade brasileira imediata, os episódios e personagens de Sucupira são identificados à primeira vista. Em Sucupira já foi concedida a anistia; a oposição discutiu seriamente a possibilidade de criar novos partidos; um padre estrangeiro quase foi expulso por envolver-se com jagunços e posseiros num problema de terras; a população fez manifestações de protesto contra a proibição do beijo em lugares públicos; houve alarme falso, sobre a existência de petróleo no município (quando Odorico, incontinenti, criou a *Petropira*).

## CRIADOR SOLITÁRIO

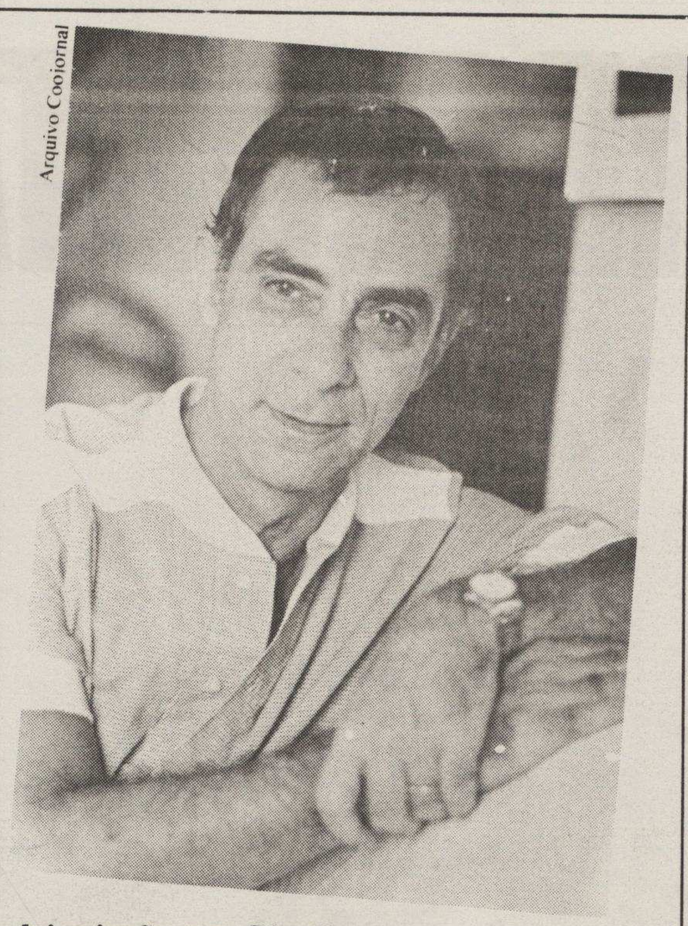
Dar vida a Odorico Paraguaçu, semanalmente, é trabalho que exige de Dias Gomes dedicação integral, de segunda à sexta-feira. Em primeiro lugar, ele escolhe o tema do programa; em seguida, a pesquisadora Marília Garcia colhe todas as informações sobre o assunto. Só então Dias Gomes senta-se diante da máquina, no pacato ambiente de seu escritório, em sua própria residência, um casarão na Lagoa Rodrigo de Freitas (onde também, aliás, sua mulher, Janete Clair, cria as novelas de maior ibope da televisão brasileira).

Toda essa concentração entretanto, não impede que Dias Gomes continue seu trabalho de criação teatral, iniciado em 1939, quando venceu um concurso promovido pelo Serviço Nacional de Teatro (SNT), com a peça *A Comédia dos Moralistas*. Dias Gomes tinha apenas 15 anos, quando a escreveu. Sua primeira peça encenada foi *Pé-de-Cabra*, em 1942, no Rio de Janeiro, com ninguém menos do que Procópio Ferreira no papel principal, então o maior ator teatral brasileiro. Seu grande sucesso, porém, foi *O Pagador de Promessas*, levado ao palcos em 1960, pelo Teatro Brasileiro de Comédia (TBC). Entre *Pé-de-Cabra* e *O Pagador de Promessas*, Dias Gomes escreveu inúmeras outras peças e trabalhou em rádio.

Arquivo Coojornal



Arquivo Coojornal



***O ex-governador Carlos Lacerda serviu de inspiração para Dias Gomes***

Um dos mais respeitados autores teatrais do Brasil, sucesso de crítica e de público, conhecido internacionalmente, Dias Gomes nunca participou de nenhum dos movimentos coletivos importantes do teatro brasileiro. Criador solitário, acompanhou com interesse a renovação promovida por Ziembinsky e Nelson Rodrigues, o surgimento e declínio do TBC, a criação do Teatro de Arena, de São Paulo, o aparecimento do Centro Popular de Cultura (CPC), no começo dos anos 60, e derivações mais importantes, como os grupos *Opinião* e *Oficina*.

## BRASIL OU SUCUPIRA?

Foi Dias Gomes, igualmente, o primeiro intelectual do teatro brasileiro a pressentir a importância da televisão como meio de expressão, capaz de proporcionar ao teatro aquilo que sempre lhe faltou: milhões de espectadores. Assim, em 1969, num gesto muito criticado pela intelectualidade, passou-se de armas e bagagem para a Globo. Na TV ele provou, "por A mais B e C mais D", como diria seu personagem Odorico, que a máquina também poderia servir para veicular outras mensagens que não somente o pensamento oficial e a alienação. Nestes 12 anos, a Globo levou ao ar, sempre com sucesso, *Verão Vermelho, Sinal de Alerta, O Espigão, Bandeira 2* e *O Bem Amado*, entre outras. Os telespectadores da Globo só não conheceram *Roque Santeiro*, cujo tema gira dentro do mesmo universo de *O Pagador de Promessas* e *A Revolução dos Beatos*, por exemplo, porque a censura achou que era demais, e proibiu a novela pouco antes de sua estréia, quando vários capítulos já estavam gravados. O sucesso na TV, que trouxe a Dias Gomes a popularização e a independência financeira, não turvou, porém, sua visão crítica sobre o veículo, nem diminuiu seu amor e dedicação ao teatro.

**— Na TV, embora por vezes seja permitida a abordagem de certa temática, a censura proíbe seu aprofundamento. E eu tenho minhas dúvidas se a própria natureza da televisão permitiria chegar ao fundo do poço. Dotada de grande poder de impacto, a TV, entretanto, carece de perenidade. E isto a torna uma forma de expressão onde o efêmero sempre prevalece e que nunca convida à reflexão. Talvez esteja aí o seu grande ponto fraco, onde o teatro lhe é infinitamente superior. O teatro respira eternidade —, disse ele no final de 1978.**

É provavel que hoje, depois da bem sucedida experiência com o sistema de seriado essa superficialidade da televisão esteja sendo aos poucos contornada, na medida em que, semanalmente, o prefeito Odorico aparece nas telas com renovada vitalidade. Afinal, como diz o próprio Dias Gomes, "enquanto nosso País existir, e principalmente enquanto for um País surrealista, não faltará assunto. Costumo dizer que não sei direito se Sucupira é um microcosmo do Brasil, ou se somos uma grande Sucupira. A realidade é que um imita o outro".

**R.M.P./M.C.**

Ferré Roberto Silva



* As demais peças de dias Gomes são. *Amanhã Será Outro dia, Zeca Diabo, João Cambão, Dr. Ninguém, Um Pobre Gênio, Eu Acuso o Céu, O Santo Inquérito, Os Cinco Fugitivos do Juízo Final, Dr Getúlio* (com Ferreira Gullar), *O Berço do Herói, A Invasão, Vamos Soltar os Demônios, A Revolução dos Beatos* e *As Primícias.*


João Carlos Gastal OAB 599
Newton Domingues Kalil OAB 7061
Milton Machado Rosa OAB 8550

*Falências e Concordatas*

Inventários — Separações — Divórcios
Rua Ramiro Barcelos, 330
2° and. fone: 24-9846

Rovílio Antonio Breda
OAB/RS 2583

Abade P. Bulhões
OAB/RS 2835

AVENIDA BORGES DE MEDEIROS, 453
CONJ. 81 FONE: 24.69.23

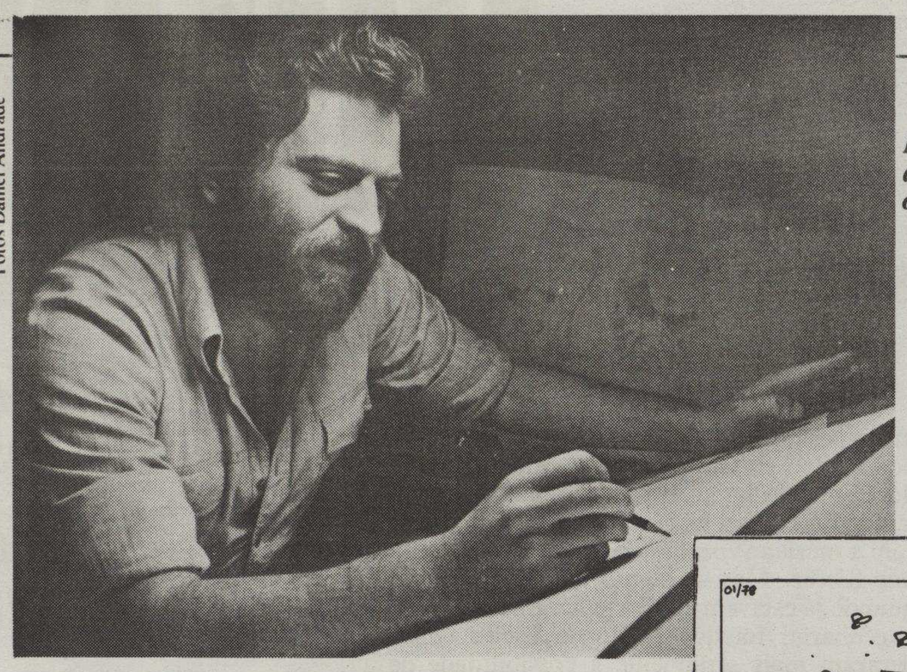
ADVOGADOS

**Luiz Lopes BURMEISTER OAB 2334**
**REJANE Souza Pedra OAB 11.893**
**Celso HAGEMANN OAB 65E47**
**ROGÉRIO Mendonça OAB 66E17**

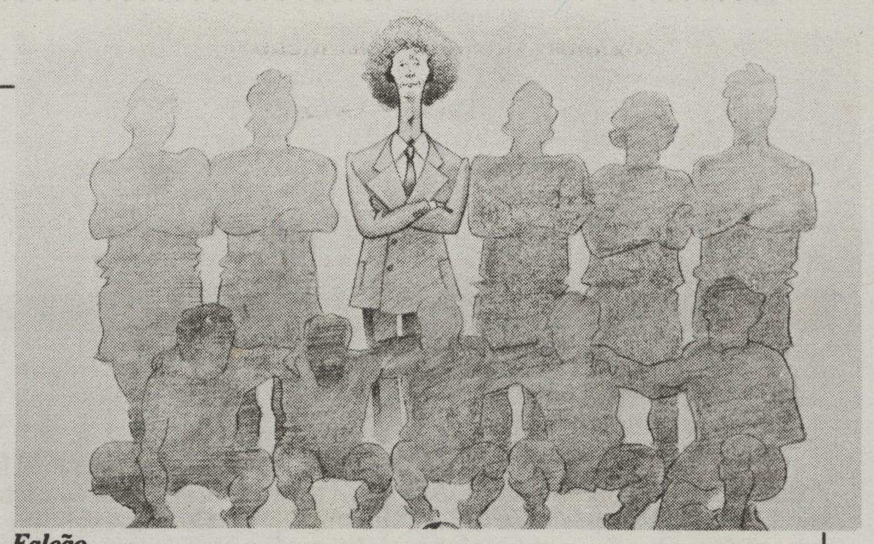
Advocacia trabalhista de empregados

**Andrade Neves, 159 cj. 105**
**tel. 25-5866 P. Alegre**
**Rua Cândido Machado,**
**372 s/608 Canoas**

Fotos Daniel Andrade



*Edgar: aprimorando o traço*



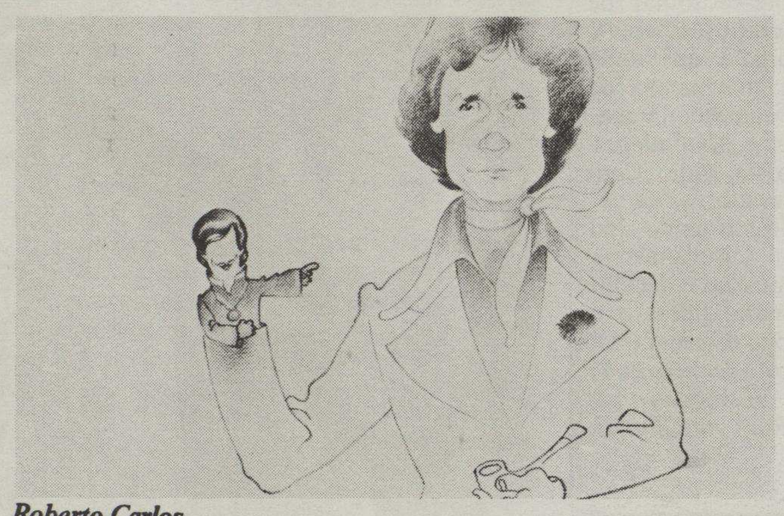
*Falcão*



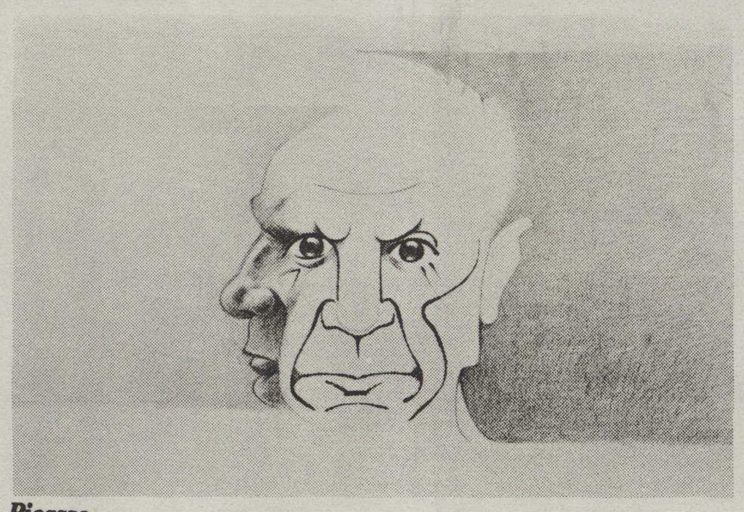

*Rango crítico e esperto*

# DO RANGO À GALERIA

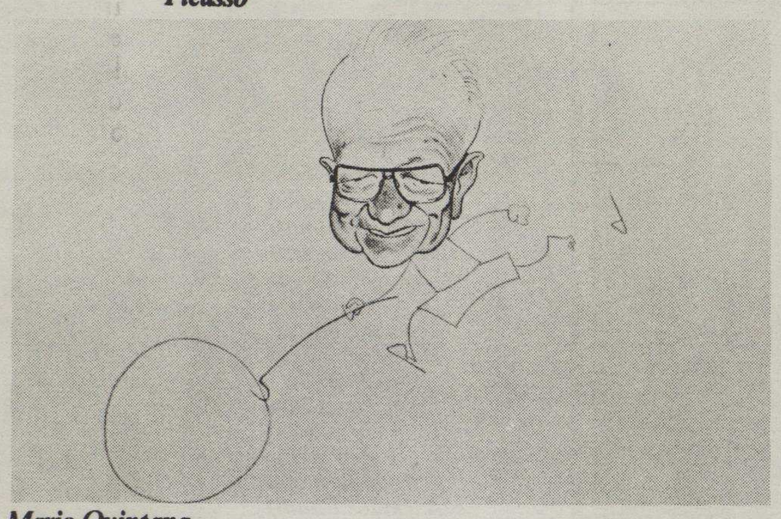
## *Caricaturas inéditas na primeira mostra individual de Edgar Vasques*



*Roberto Carlos*



*Picasso*



*Mario Quintana*

Aos seis anos, "compulsivamente", ele já fazia seus primeiros retratos. Filho de pai funcionário público e mãe professora primária, o mais velho de sete irmãos, Edgar Luis Vasques Simch da Silva, ou só Edgar Vasques, nasceu e cresceu no centro de Porto Alegre, um bairro "onde estão reunidos todos os tipos de fracassos humanos". Nessa época, devorava toda a espécie de história em quadrinhos que lhe caía nas mãos, mas o que lhe marcou mesmo foram as peripécias vividas pelo *Dr. Macarra,* de Carlos Estevão, e o *Pif-Paf* de Millôr Fernandes, nas páginas da revista *O Cruzeiro.*

Em 1968, aops 19 anos, ele começou a colaborar com o extinto *Caderno de Sábado* do *Correio do Povo,* onde publicou suas primeiras ilustrações. No ano seguinte, entrou para a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O AI-5 recém-começava sua obscura tarefa de eliminar cabeças discordantes em todos os setores da vida brasileira, sobretudo na política e na universidade, e ele ainda conheceu e freqüentou um ambiente fervilhante, agitado e criativo.

O primeiro grande resultado da fusão dessa vivência de garoto urbano classe média e da súbita conscientização provocada pelas intermináveis discussões políticas dentro da faculdade, nascia um ano depois, em 1970, nas páginas da revista *Grilus,* feita pelos próprios estudantes da Arquitetura, onde o *Rango* apareceu pela primeira vez — já definitivamente marginal, faminto, esperto e contestador.

Edgar passou 10 anos dentro da Faculdade, obtendo afinal seu diploma de Arquiteto — uma prova da obstinação de quem já sabia, há muito tempo, que sua profissão estava irremediavelmente ligada ao desenho e à imprensa. Afinal, durante a década em que freqüentou o prédio da faculdade de Arquitetura, Edgar tornou-se nacionalmente famoso com o *Rango,* publicado na *Folha da Manhã,* de Porto alegre (de 73 a 75), no *Pasquim* (1977), no *Estado do Paraná* (78) e no *Correio de Notícias* (1980), também de Curitiba.

Em 78 ainda, *Rango* viajou para a Europa, e durante seis meses os leitores da revista *Charlie Mensuel,* editada em Paris pelo cartunista Wolinsky, conheceram as agruras daquele homem com cabelo black-power e estômago disforme que emitia roncos alucinantes. Entre uma tira e outra, Edgar Vasques fez ilustrações, charges, cartuns, capas de livros e cartazes. É editor de arte do **Coojornal** desde a sua fundação, em 75. E somente agora, aos 31 anos e 11 de profissão, finalmente aceitou o convite da Galeria Salamandra, de Porto Alegre, para realizar sua primeira mostra individual*.

— Já havia recebido convites para expor em galerias, mas não aceitei antes porque tinha um certo medo disso. Desenhista de jornal, me acostumei a ver meu trabalho reproduzido em milhares de cópias e ser consumido democraticamente por todos os leitores. No jornal a gente trabalha em cima dos fatos, na pressa, e o desenho pode sair um pouco "sujo". Temos, por assim dizer, o direito de errar. Agora, na galeria, onde vai menos gente e o trabalho é vendido a um preço maior, a gente não pode errar. O original tem que ser limpo, impecável —, explica o cartunista.

**PERPLEXIDADE**

Não foi só o receio de expor em galerias que levou Edgar Vasques a demorar tanto tempo para fazer sua primeira mostra. Há outros motivos. Como toda uma geração de cartunistas brasileiros, ele iniciou seu trabalho na era da censura, sob sufoco. "Por isso, sempre me preocupei mais com a idéia, com a força do desenho, com a comunicação instantânea, do que com a beleza gráfica". Depois da *abertura,* como quase todos os profissionais do humor no Brasil, Edgar passou por uma fase de indefinição, de uma certa perplexidade.

— Chegou uma hora — conta ele —, em que eu parei de fazer o *Rango* porque estava tendo problemas para criá-lo. Antes, as coisas era muito mais claras, éramos *nós* aqui e *eles* lá. Depois isso mudou, esse antagonismo tornou-se muito mais sutil. A própria oposição, antes compacta, dividuse em várias siglas. Mas hoje, acho que as histórias do *Rango,* já acompanham essa mudança. Já há dissenções dentro da tira, por exemplo. Um personagem optou pelo PTB, e outro pelo PBB (*Partido dos Bilitantes da Birita*). O livro que estou lançando agora, o *Rango VII* (que reúne tiras publicadas exclusivamente no Paraná), já historia essa mudança — afirma.

A mudança criou em Edgar outro tipo de preocupação, a necessidade do aperfeiçoamento técnico, do aprimoramento do traço, da criação de um desenho também mais sutil e sofisticado. As 15 caricaturas inéditas que ele expõe agora evidenciam isso. E, para felicidade geral dos seus leitores, a exposição mostra que nem por isso, Edgar perdeu o humor, a força e a carga de emoção que sempre estiveram presentes em seu trabalho.

**Manoel Canabarro**

*** A exposição de caricaturas inéditas de Edgar Vasques vai de 3 a 22 de junho, na Galeria Salamandra (Rua Luciana de Abreu, 22), em Porto Alegre.**

Tarso Fernando Genro OAB 5627
Luis Ulysses de Pauli OAB 7819

*Advocacia Trabalhista de Empregados*

Vig. José Inácio, 368 cj. 503
De segunda a quinta das 17:00 às 19:00 horas.
fone: 25-5996

HERMES ZANETI

ADVOGADO
OAB/RS 6669

RUA DOS ANDRADAS, 1234
CONJ. 2309
F. 24.36.73

Adalberto Preis

OAB 4636 CPF 017883450-53
Advogado
Borges de Medeiros,
430 7° andar
fone: 33.5777

# QUEBRAN

## *Após quase 10 ano os irmãos Kle conquistam o pú sua música de fort*

Mais de 30 mil cópias já vendidas do primeiro disco; uma música, *Vira Virou,* na novela das 8; outra, *Maria Fumaça,* durante meses liderando as paradas gaúchas (à frente de Roberto Carlos, Rita Lee, Maria Bethânia); outra ainda, *Fonte da Saudade,* entre as mais executadas pelas rádios paulistas e cariocas. A Rede Ferroviária Federal os condecorou pelo sucesso de *Maria Fumaça* e o segundo disco está pronto para ser lançado, com nível de produção e promoção duas vezes superior ao primeiro. Sim, após quase 10 anos de aprendizado e insistência, os irmãos gaúchos Kleiton e Kledir Ramil finalmente começam a conhecer o sucesso, quebrando a tradição de que músicos do Rio Grande do Sul não conseguem conquistar o centro do País e, por tabela, os outros centros.

Há exceções, é claro, Lupicínio Rodrigues, que ainda assim só teve seu talento reconhecido quase no fim da vida, é uma delas. E Elis Regina, que ao contrário do velho *Lupe* construiu sua carreira fora do Rio Grande do Sul. São dois fortes, mas exíguos exemplos. Keltion e Kledir também só começaram a ser levados a sério pelo mercado musical do Centro, quando decidiram mudar-se para lá. Mas, ao contrário de Elis — que nunca pretendeu projetar nenhuma manifestação peculiar da terra em que nasceu — eles chegam ao sucesso sem prejuízo do forte sotaque gaúcho de suas músicas. Elis Regina é uma (grande) cantora nascida no Rio Grande do Sul; Kleiton e Kledir são compositores gaúchos, revelando um universo músico-cultural próprio, assim como fazem os baianos, mineiros, pernambucanos, cearenses, paulistas e cariocas. Esse dado é importante para situar os irmãos Kleiton e Kledir. e deve-se dizer que foi graças à intervenção do *MPB 4,* que eles foram ouvidos pelos produtores da toda-poderosa gravadora alemã Ariola — e contratados.

O início do sucesso está todo ligado ao *MPB 4,* e não apenas por isso: em 79, um dos principais sucessos do quarteto carioca foi a música *Circo de Marionetes,* de Kleiton e Kledir. Em 1980, gravada pelo mesmo *MPB 4, Vira Virou* atingiu os primeiros lugares das paradas, transformando-se na música mais executada entre todas as da gravadora Ariola. Logo em seguida, os dois irmãos gaúchos excursionaram pelo Brasil inteiro como convidados especiais do show do *MPB 4,* e sua *Maria Fumaça* era inevitavelmente bisada em todas as apresentações.

Como dupla, Kleiton e Kledir começaram a aparecer em 79, quando essa mesma *Maria Fumaça* recebeu o "prêmio especial" no Festival da extinta Rede Tupi. A música causou forte impacto. Mas eles não eram novatos. Há até pouco meses, eram os mentores e os principais compositores do grupo *Almôndegas,* que chegou a alcançar quatro LPs antes de dissolver-se, no segundo semestre de 1979. De qualquer modo, foi através do *MPB 4* e da Ariola que a projeção nacional e a estabilidade profissional finalmente apareceram para os irmãos Ramil.

### CHIMARRÃO E BOMBACHA

Hoje, eles moram, a contragosto, num apartamento de dois quartos na Gávea, zona sul do Rio de Janeiro. Dizem que prefeririam viver em Porto Alegre, mas admitem que não há outra saída. Vão muito pouco à praia. Optam por ficar em casa lendo, ouvindo discos (em especial jazz e eruditos) e, principalmente, compondo. O apartamento é um reduto gaúcho, onde vez por outra aparece um amigo do Sul e onde se consome muita erva-mate — o chimarrão, aliás, também um dado mais ou menos essencial na projeção regional do trabalho de Kleiton & Kledir. Assim como a bombacha, que costumam usar e que transportaram para o palco. Em breve, porém, os irmãos vão separar-se — não musicalmente, é claro. Kleiton, o mais velho, vai mudar-se para outro apartamento.

**— Moramos juntos desde que nasci, e isso às vezes atrapalha um pouco — explica Kledir. — Nosso período de criação musical mais forte, por exemplo, foi quando o Kleiton voltou a Porto Alegre para terminar o seu curso, e eu fiquei no Rio. Nessa época é que surgiram as músicas do disco, como** *Maria Fumaça.* **O Kleiton fez a música, mandou a fita e eu fiz então a letra.**

Os dois explicam o entendimento musical justamente por serem de temperamentos muito diferentes. Kledir, 28 anos, é formado em engenharia mecânica, prática ioga, é vegetariano há seis anos e ligadíssimo em astrologia. José Alberto Fogaça, professor de português, deputado do PMDB gaúcho e parceiro constante da dupla, diz que Kledir consegue "conciliar perfeitamente seu lado orentalista com uma profunda inserção na realidade". Já Kleiton, 29 anos, engenheiro eletrônico, acha a ioga "muito lenta". Prefere a natação e pratica expressão corporal.

Filhos de um engenheiro da Prefeitura de Pelotas e de uma professora primária, Kleiton e Kledir Ramil (o sobrenome é espanhol) cresceram num ambiente musical: seus avós conheceram-se tocando bandolim numa festa, um de seus tios tocava em uma orquestra e seus pais, embora não tocassem nenhum instrumento, incentivaram os filhos a estudar música. Kleiton aprendeu a tocar violino com 9 anos). Dos seis irmãos Ramil — quatro homens e duas mulheres — dois são psicólogos, uma é assistente social e os outros são todos músicos. Além de Kleiton e Kledir, também o irmão mais moço, Vitor, 19 anos, optou pela música e acaba de gravar seu disco de estréia para a gravadora Phillips (**veja quadro**).

Meninos em Pelotas, Kleiton e Kledir, mais um amigo, formaram um conjunto que se restringia aos saraus familiares e às festas do Instituto de Educação Assis Brasil. Cantavam músicas regionalistas e populares, com um repertório que ia desde Teixerinha até os boleros do Trio Iraquitan. O conjunto emergiu do círculo fechado, e em 69 conseguiu o segundo lugar num festival estudantil pelotense, com a música *Supersatisfeito,* a primeira feita por Kledir. Mas só alguns anos mais tarde, quando já estavam em Porto Alegre estudando engenharia, foi que Kleiton e Kledir consideraram mais seriamente a possibilidade de desenvolver uma carreira musical. Formaram então o conjunto *Almôndegas,* nome *chupado* de um bloco burlesco de Pelotas. Além dos irmãos nos violões e vocais, o *Almôndegas* era formado por Quico Castro Neves, Pery Souza (primo dos Ramil) e Gilnei Silveira.

### OVO DE COLOMBO

A primeira referência do *Almôndegas* é sua participação em uma Mostra de Música promovida por um curso pré-vestibular de Porto Alegre. Pouco depois o grupo já liderava, tanto em termos de público como de qualidade de trabalho, um crescente movimento de música jovem gaúcha, que começou a manifestar-se em 74. Nesse ano, o *Almôndegas* gravou uma fita no estúdio da rádio Continental, para enviá-la às gravadoras, na expectativa de um contrato. Mesmo tendo sido gravadas precariamente, em dois canais, a direção da rádio gostou das músicas e decidiu colocá-las no ar. A Continental liderava a audiência jovem da cidade e logo começaram a ficar conhecidas *Vento Negro* (de Fogaça), *Até Não Mais* (de Kledir) *Haragana* (de Quico), e *Sombra Fresca e Rock no Quintal*



Reprodução Paulo Rodrigues Jr.

*Em Pelotas, no fim da década de 50: de Teixeirinha aos boleros do Trio Iraquitan*



Arquivo Coojornal



Arquivo Coojornal

***Kledir e Kleiton (acima): o sucesso chegou depois da crise e da dissolução do Almôndegas (à direita, em sua última formação: Zé Flávio, João Baptista e os irmãos Ramil)***

# DO O TABU

**Por RAFAEL GUIMARÃES**

**(Colaborou Juarez Fonseca)**

## *os de aprendizado, leiton e Kledir úblico, impondo rtes raízes gaúchas*



(de Zé Flávio, que mais tarde integraria a terceira e última formação do grupo).

Em pouco mais de uma semana, *Vento Negro,* cantada pelo desconhecido *Almôndegas,* era a música mais solicitada pelos ouvintes. Foi uma coisa tipo "ovo de Colombo": animada, a direção da rádio Continental passou a gravar e divulgar vários outros músicos e o disc-jockey Júlio Fürst, que centralizava a iniciativa, passou a produzir espetáculos coletivos com os grupos e compositores que proliferavam em Porto Alegre. Julio Fürst lembra da impressão que o grupo lhe causara: "É, a gente já previa que se alguém tinha que acontecer, era o *Almondêgas.* Eles faziam uma música acústica muito ligada às raízes e cantavam muito bem".

Não demorou muito para que o conjunto chegasse ao disco. Em 75 saía o primeiro elepê para a gravadora Continental (nad a ver com a rádio), fazendo bastante sucesso no Rio Grande do Sul mas passando desapercebido no resto do País. Cerca de 15 mil cópias foram vendidas, motivando a gravadora a produzir imediatamente um segundo elepê, *Aqui,* lançado no final do mesmo ano. Com produção bem mais elaborada e uma melhor estrutura de divulgação, o novo disco conseguiu romper algumas barreiras no Rio e em São Paulo. Incluída na trilha sonora da novela Saramandaia, a música *Canção da Meia-Noite,* de Zé Flávio, fez relativo sucesso nacional. E outra de suas faixas, *Haragana,* de Quico Castro Neves, gravada pela estreante Fafá de Belém, transformou-se no primeiro grande sucesso da cantora paraense.

### CRISE E INSEGURANÇA

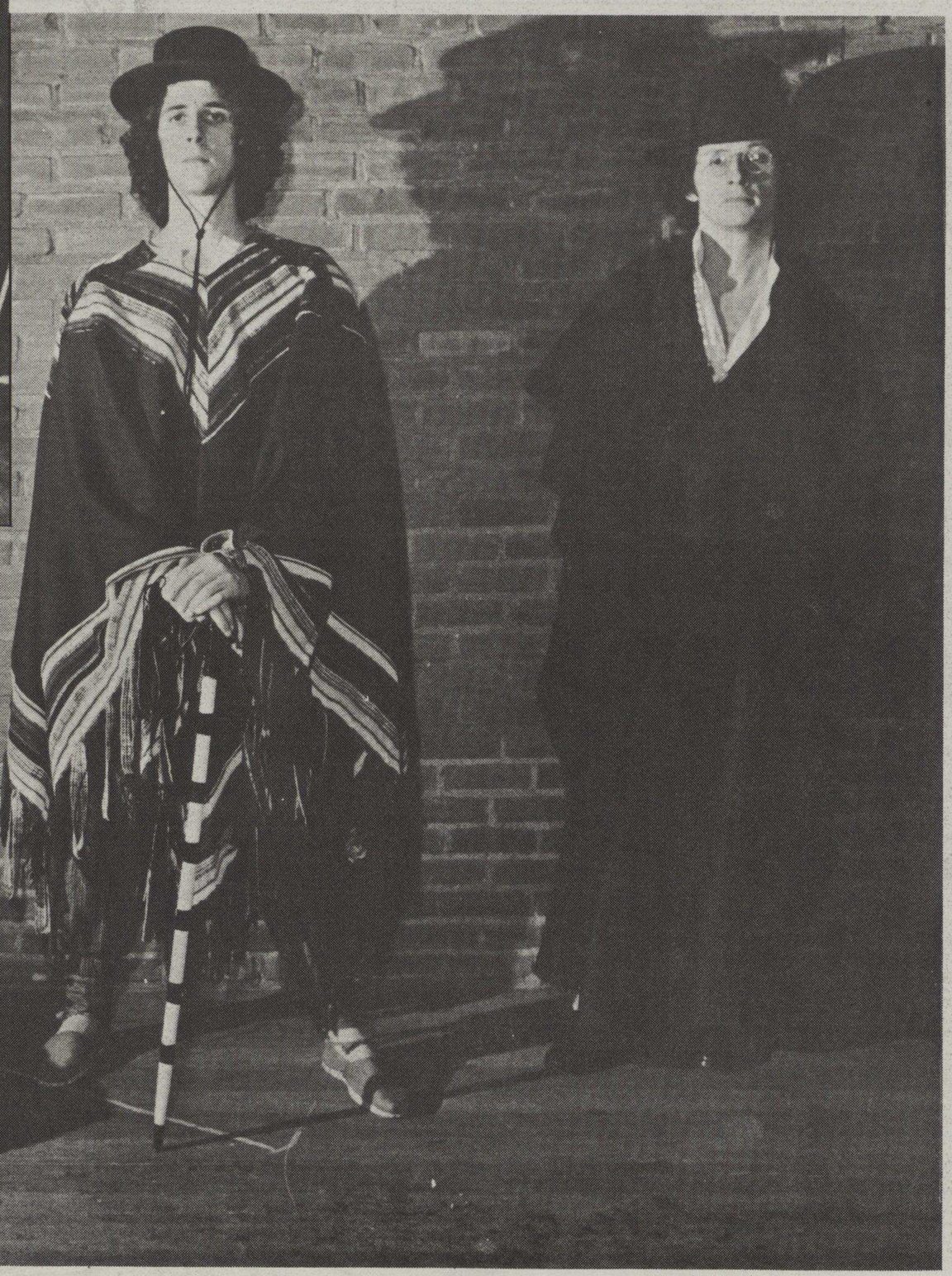
Mesmo permanecendo em Porto Alegre, onde fazia shows cada vez mais profissionais, o *Almôndegas* chamou a atenção de várias gravadoras mais fortes que a Continental. Em 76, a Phillips "comprou o passe" do *Almôndegas* com a condição de que o grupo (agora formado pelos irmãos Ramil mais Gilnei, João Baptista e Zé Flávio) fosse morar no Rio de Janeiro. Valor do "passe": o aluguel de um apartamento na Lagoa e Cr$ 50 mil por mês. Mas a experiência não foi feliz. O primeiro disco pela Phillips, *Alhos com Bugalhos,* lançado em 77, teve menos repercussão que o anterior, inclusive no Rio Grande do Sul. Kleiton tem uma opinião sobre o porquê disso: "A Phillips foi um passo adiante, mas ainda tivemos problemas. *Alhos com Bugalhos* saiu completamente diferente do que imaginávamos, porque o grupo estava inseguro e aceitou muitos palpites dos produtores".

Essa insegurança permaneceria no disco seguinte — o quarto, tecnicamente mais bem produzido que os outros — *Circo de Marionetes* (78). Nele, por insistência da produção o *Almôndegas* perdeu sua essência gaúcha em favor da sonoridade que pretensamente seria melhor aceita no Rio e em São Paulo. Com um clima meio "roqueiro", o disco não aconteceu e, pior, aprofundou a crise do conjunto. O *Almôndegas* ainda fez um show no Rio, por sinal bastante elogiado pela crítica, mas isso de nada adiantou: logo depois, o grupo se dissolvia (não sem antes fazer uma emocionada e competentíssima apresentação de despedida em Porto Alegre, que lotou o Salão de Atos da Universidade Federal).

**— Estávamos nos desviando de nossas próprias intenções como grupo de músicos e de pessoas — conta Kledir —. Nós demos conta de que o *Almôndegas* estava atrapalhando cada um de seus integrantes e permitindo demasiadas influências externas. Aí decidimos parar.**

A dupla Kleiton e Kledir só voltou a aparecer no final de 79, com *Maria Fumaça,* no já citado Festival da Tupi. Depois vieram o *MPB 4* e a Ariola, onde os dois irmãos puderam gravar exatamente como queriam, sem qualquer restrição. O contrato com a gravadora, inédito até então (a política da Ariola era contratar apenas artistas consagrados), superou todas as expectativas, e segundo Jorge Ayrola, diretor de vendas, a dupla gaúcha passou a merecer atenção especial por causa do potencial de sucesso e da originalidade de seu trabalho.

Kleiton e Kledir, apesar disso, acham que estão ainda começando sua carreira musical. Não desconhecem que hoje são os artistas gaúchos mais conhecidos no Brasil, mas dizem que o próximo disco (atualmente em fase de gravação) é que realmente consolidará sua carreira e seu trabalho. Com lançamento previsto para julho ou agosto, o elepê tem entre suas faixas mais fortes a música *Navega Coração,* com a qual eles pretendem chegar ao primeiro lugar do *Festival MPB 81,* da Rede Globo. E ninguém duvida de que isso poderá acontecer.



## *E mais um Ramil começa a surgir*

Quando seus irmãos criaram o grupo *Almôndegas* e lançaram-se na carreira artística, Vitor Ramil tinha apenas 10 anos e recém tirava os primeiros acordes do violão. Agora, no momento em que Kleiton e Kledir consolidam sua imagem nacional, Vitor lança seu primeiro disco, pela Phillips, dois meses após completar 19 anos. O LP chama-se *Estrela, Estrela* e conta com arranjos de músicos do quilate de Wagner Tiso e Egberto Gismonti.

Vitor Ramil, que no início deste ano trancou a matrícula no curso de jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, disposto a viver da música, admite que recebeu influência dos irmãos: "Afinal foram eles que me ensinaram a tocar". A diferença segundo ele, é que sua música tem mais elemento de *jazz.* "Sua pulsação é diferente. É regionalista e universal ao mesmo tempo", concorda Kledir. Ele despertou o interesse da Phillips quando Zizi Possi gravou a sua *Mina de Prata,* premiada na Califórnia da Canção Nativa, principal festival de música gaúcha, e acabou contratado por três anos.

A convivência com os irmãos, de quem aprendeu as dificuldades de início de carreira, faz com que Vitor encare seu trablho com tranqüilidade, mesmo nos momentos mais difíceis, como no Festival da Globo, quando foi desclassificado com a música *Engenho:* "Foi péssimo. Ninguém entendeu o que cantei e eu mesmo não escutei nada. O som estava tão ruim que eu tive vontade de parar no meio. Mas ninguém vai botar a culpa na Globo, é claro".

Ele elogia o esmero com que a Phillips, onde seus irmãos tiveram problemas, produziu o disco. "Recebi as melhores condições e não deixei de fazer nada por falta de recursos". Sua única queixa diz respeito à parte promocional: "O pessoal das gravadoras não sabe trabalhar artistas novos. A gente é que tem que sair batalhando para abrir espaço".

# DISCOS

**Jorge Mautner e seu elepê "literário", João Nogueira homenageando seus mestres (Noel, Wilson Batista e Geraldo Pereira), e o inesquecível registro das últimas sessões de gravação de Charlie Mingus, são algumas das indicações do mês.**

**JORGE MAUTNER/Bomba de Estrelas** — A julgar por este disco, o quarto de sua carreira, que está sendo lançado quatro anos após o anterior, a polêmica em torno de Jorge Mautner vai continuar. Mas certamente é a melhor produção que o escritor-compositor-profeta paulista já teve, inclusive com a disposição da gravadora em garantir o sucesso comercial do disco, nele colocando convidados especiais do calibre de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Pepeu Gomes, Zé Ramalho, Moraes Moreira, Amelinha e Robertinho do Recife, que repartem com Mautner as diversas faixas. O mérito principal de *Bomba de Estrelas* é trazer de volta a característica discursiva de Mautner, que havia sido pasteurizada no segundo e no terceiro discos. Este é o mais "literário" de seus trabalhos, destacando-se, nesse sentido, a faixa *Negros Blues*. E por que a polêmica vai continuar? Porque muitos vão insistir na análise de sua criação à luz média da MPB, e isso não é possível. (*Gravadora WEA* )

**JOÃO NOGUEIRA/Wilson, Geraldo, Noel** — Herdeiro espiritual de Wilson Batista, Geraldo Pereira e Noel Rosa (cujas fotos ilustram uma parede de sua casa), João Nogueira faz o disco com que sempre sonhou, cantando composições, a maioria pouco conhecidas, dos três mestres do samba. Em seu disco *Espelho,* de 78, ele já os havia homenageado com uma música que tinha o título deste elepê. Agora vai ao fundo da questão, interpretando com rigor e emoção músicas definidoras do gênio dos três, com destaque para Wilson Batista e Geraldo Pereira, que afinal até hoje esperam seu justo reconhecimento. A produção exemplar do disco peca por duas ausências: a letra das músicas e o crédito aos instrumentistas. (*Gravadora Polygram*)

**GRUPO MEDUSA** — Formado por quatro *veteranos* músicos paulistas, Amilson Godoy, Heraldo do Monte, Cláudio Bertrami e Chico Medori, o grupo *Medusa* vai ao ar com seu primeiro trabalho, produzido e lançado de forma independente. O disco robustece a faixa dos lançamentos de música instrumental, com uma definição sonora que pode ser vista como uma espécie de retomada de propostas bossanovistas, mas projetada nos dias de hoje. Superficialmente, e quase que apenas como um rótulo, se poderia dizer que o *Medusa* produz o híbrido *jazz latin-rock*. De qualquer forma, o rótulo é bem menor do que a música, e vale a pena dizer que depois de tanto tempo marginalizado, o som instrumental brasileiro vai forçando a abertura de espaços e configurando suas novas características. (*Gravadora Som da Gente* )

**CHARLIE MINGUS/Something Like a Bird** — Já preso a uma cadeira de rodas, Charlie Mingus


Paulo Vasconcellos

Mautner: polêmico

não podia mais tocar seu instrumento, o contrabaixo. Mas isso não impedia que ele compusesse, e muito menos que manifestasse, em um estúdio, a forma como queria ver gravadas suas músicas. Este disco registra exatamente isso, as últimas sessões de gravação de Mingus, em janeiro de 78, liderando um supergrupo de músicos onde aparecem Lee Konitz, George Coleman, Mike e Randy Brecker, Eddie Gomez, George Mraz, Danny Richmond, Larry Coryell, Bob Neloms e muitos outros. *Something Like a Bird,* cuja faixa-título se desenvolve em duas partes, durante 31 minutos (todo o primeiro lado do disco, e parte do segundo), projeta a presença ao mesmo tempo sutil e avassaladora daquele que é visto por muitos como grande mestre do jazz moderno, com um resultado brilhante. Os metais são a quintessência da despedida de Mingus. (*Gravadora WEA*)

**STEVE WINWOOD/Arc of a Diver** — Este é um disco nítido dos momentos de transição, tanto pessoal quanto musical. Depois de consagrar-se como o líder de um dos mais reverenciados grupos da história do rock, o *Traffic,* Steve Winwood, compositor e tecladista inglês, resolveu partir para uma radical *ego-trip* em *Arc of a Diver.* Paranóia? Megalomania? Esquizofrenia? Não importa. Importa é que ele, compondo, cantando, tocando todos os instrumentos, sendo o produtor, o engenheiro de gravação e de mixagem, conseguiu realizar um trabalho de alto nível, diversificado, um retrato perfeito (e até certo ponto crítico) dos sons que povoam o mercado fonográfico atual. Com a mesma competência e talento, ele produz doces baladas, rock, reggae e até uma música do gênero *discô*. Mas que é um disco amargo, disso não há dúvida. (*Gravadora Ariola*)

**ROCKET 88** — O título não parece dizer muita coisa, mas o disco, certamente, provocará grande impacto por seu significado e conteúdo. É nada mais nada menos do que a concretização, no estúdio, quase três anos depois, de uma homenagem ao cinqüentenário do *boogie-woogie* (ocorrido em 1978). Para a gravação, uniram-se três gerações de músicos britânicos, de Charlie Watts e Jack Bruce, passando pelo lendário Alexis Korner, até John Picard, Colin Smith e Bob Hall (entre vários outros). Todos legendas do rock, do jazz e do blues ingleses. A sonoridade de *Rocket 88,* surpreendentemente, nos transporta das décadas de 30/40 para as de 70/80, e vice-versa, sem qualquer *defasagem.* Um disco de *boogie-woogie,* a provar que o tempo não existe. (*Gravadora WEA* )

**Juarez Fonseca**

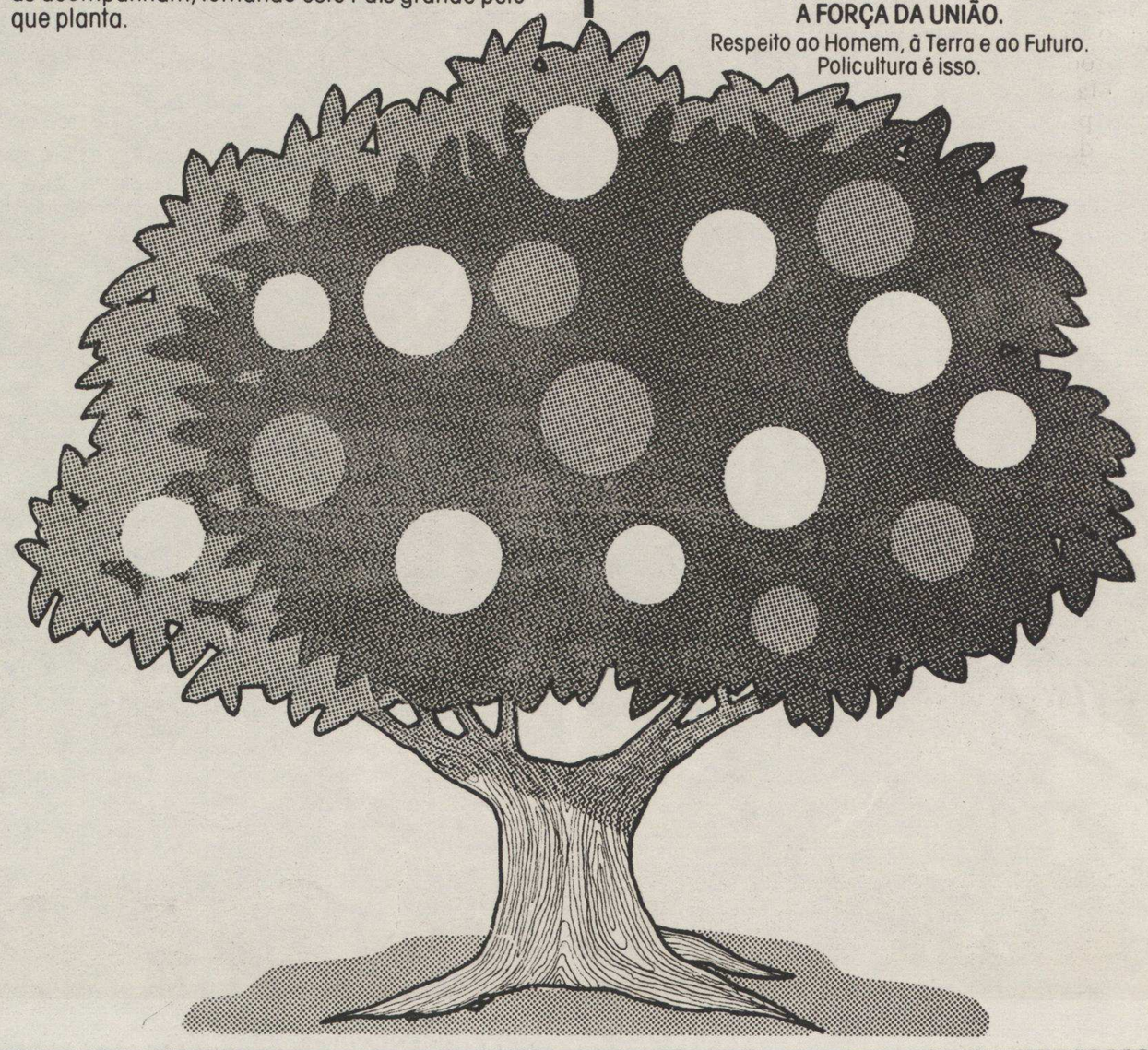

A Cotrijuí está juntando a semente do Cooperativismo e as sementes da Policultura. Imagine os frutos que isso vai dar.

As sementes do Cooperativismo, tão boas por si mesmas, agora prometem frutos ainda melhores com o desenvolvimento da nossa maior meta: a Policultura.

A Policultura é o caminho onde está a solução que buscamos para a nossa agricultura. Possibilitando o aumento da produção em solos não exauridos, melhorando nossas safras, bem como a vida do agricultor que planta e colhe com maior segurança e maior lucro. Plantando de tudo e comercializando de tudo. Para os brasileiros, a Policultura representa uma mesa mais farta e diversificada. Para o Brasil, a redução das importações e dos problemas que as acompanham, tornando este País grande pelo que planta.

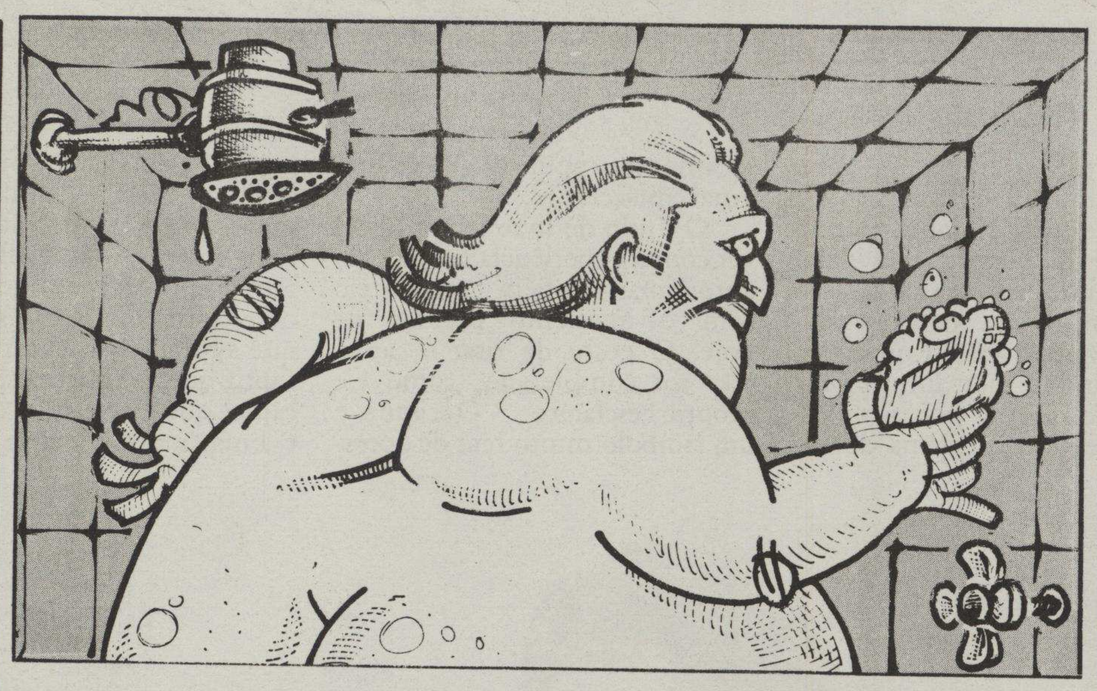
Os associados da Cotrijuí estão conscientes da importância dessa ação para a nossa agricultura e para a nossa economia.
E têm orgulho dos frutos que vão colher.
Analise conosco. Plante conosco. Cresça conosco.

COTRIJUI
A FORÇA DA UNIÃO.
Respeito ao Homem, à Terra e ao Futuro.
Policultura é isso.



# HISTÓRIAS DE KITCHENETTE

**Marcos Rey**



O caso da espuma vertical foi uma das idéias salvadoras, mas tive outras e igualmente boas naqueles dias de *Knut Hansun.* A miséria é inventiva e uma bolação razoável às vezes me garantia pão e teto por um mês. Hoje um mês para mim são trinta dias, porém já foram uma pequena eternidade. Antes me deixem explicar que eu era um redator free-lancer de publicidade, forma elegante de dizer que estava desempregado. Além de manter contato com uma inexpressiva agência de anúncios, a *Novidéia,* traduzia romances policiais, da Série Amarela, geralmente assinados por Max Pylon, um autor de grande trânsito nos trens suburbanos de Nova York.

Eu habitava então, juntamente com minha máquina de escrever, uma kitchenette, apenas porta, privada e janela, num edifício planejado para dividir o desconfrto entre quatrocentos moradores. Nunca vi nada mais hábil na matéria de eliminar espaços. Havia mais pessoas do que paredes. Podíamos nos queixar de falta de chão mas o ar era comum a todos.

O homem de rosto furadinho era o Bexiga, o porteiro, uma visual advertência às mães que ainda não tinham vacinado seus filhos. O anão Jujuba morava lá, aquele que anos depois passaria a faturar os tubos na televisão. Jujuba morava no 18° andar e não alcançava apertar o botão correspondente no elevador. Tinha que pedir esse obséquio a quem subisse com ele. Numa noite, em que ninguém subia, teve que dormir todo encolhidinho no elevador mesmo.

Outro personagem muito conhecido no edifício era Berta Duval, loirona, oitenta quilos, ex-vedete do teatro rebolado até 68. Atenção, não até 1968, digo até 68 quilos, quando embuchou duma vez e passou a vender ingressos no mesmo teatro. Berta tinha um velho poster em sua kitche, *Berta vem aí,* que costumava mostrar a todos os homens solitários que passavam pelo corredor. Sempre que era ameaçada de despejo, por falta de pagamento do aluguel, a ex *La Duval,* enrolava o poster, punha-o debaixo do braço, e percorria todas as kitchenettes a procura de alguém que desejasse amá-la e sustentá-la. Assim, ela e seu poster descorado, valioso documento dos anos 50, instalaram-se em muitos andares do edifício.

Quando a conheci, vivia com um paraplégico idoso, que ganhara uma cadeira-de-rodas num programa de televisão. Mas parece que a cadeira não suportou o peso da vedete, numa noite de amor, e diante dessa impossibilidade técnica ela foi expulsa outra vez. Mas, conhecedora do universo do edifício, entrou num consultório dentário, o único endereço comercial do prédio, e logo, de amores com o cirurgião, mudava-se com o poster para sua sala-de-espera.

Claro, havia outros personagens, todos com cadeira cativa no meu *Stardust memories,* como o mágico que teve de comer suas pombas para não morrer de fome, o violinista que não tocava violino porque estava sempre cheio de cocaína, o homem-bala, violador de niseis, que se escondeu da polícia durante um mês dentro do canhão do parque, e as trigêmeas prostitutas do 3° andar, que se divertiam com seus fregueses convencendo-os de que tinham bebido demais.

Mas eu não falei da espuma vertical? Falei.

Foi num dia igual aqueles que inspiraram o livro *Fome* a Knut Hansun. Eu estava sem nenhum e a editora-fantasma não tinha nenhum livro de Max Pylon para traduzir. O resto do meu dinheiro gastei em conhaque; afastava o frio paulistano e conservava o otimismo. Então passei na *Novaidéia.* Aliás, eu sempre passava na *Noviéia* para ouvir do Evandro que não havia nada para mim.

— Nada mesmo, seu Evandro?

— Bem, há uma grande campanha sobre sabonete, mas é concorrência. Outras agências maiores estão na jogada. O cliente quer algo de novo e o que há de novo sobre sabonete? Acho que nem entraremos na concorrência.

— Por favor, seu Evandro, me dê ao menos um tempo, me deixe bolar alguma coisa. — E para reforçar: — Parece que tenho algo de bastante impacto sobre sabonetes.

— Dou-lhe vinte e quatro horas.

Mesmo se estivesse de stômago cheio e nervos repousados não me ocorreria nada. Lembrei-me do sabonete com chave: o freguês entrava no banho nú e saía motorizado. Para se entrar no chuveiro era preciso ter carteira de motorista. Todos lembram, foi um fracasso. Houve depois a bossa da embalagem aluminizada que personalizava o sabonete, o luxo de tomar banho. Seis meses depois todas as marcas já apresentavam novas embalagens, envelhecendo a novidade. A publicidade concentrou-se depois no fortato dos sabonetes, que se tornou mais elegante, mais segurável durante o banho, mais decorativo em suma. Mas era um setor que limitava a variedade. Passei a maior parte daquelas vinte e quatro horas rememorando pontos de venda: durabilidade, perfume, poderes bactericidas, tradição e testemunho dos que sempre usaram ou que passaram a usar a marca em questão. Publicitariamente tudo velho, gasto, sem impacto. A idéia das nove entre dez estrelas fora a única que permanecera desde o primeiro anúncio de sabonete.

O prazo do Evandro estava praticamente vencido e eu já me via despejado, quando ouvi um plá, talvez mensagem de meu anjo da guarda, e corri para a agência, improvisando uma cara de quem acabara de ter uma idéia genial.

— O que bolou? — quis saber Evandro, aflito.

— Algo sobre a espuma.

— Sabonete que produz muita espuma, isso já tem barbas brancas.

— Nem faremos alusão a muita ou pouco espuma.

— Espuma colorida?

— Também não.

— Fale duma vez ou cale-se para sempre.

Então, a grande sacada:

— *Sabonete de espuma vertical.*

O diretor da agência apenas repetiu:

— Sabonete de espuma vertical...

— Que lhe parece?

— Talvez eu seja uma besta quadrada, mas não atino com a vantagem da espuma correr verticalmente. Dê-me uma ao menos.

Já mais esperançoso, soltei a língua:

— Até um cachorro sarnento sabe que a espuma vertical limpa melhor. A circular pode ser mais abundante e decorativa mas tira do corpo apenas 30% da sujeira. Quando muito, seu Evandro, quando muito.

— Prossiga, me forneça mais argumentos.

— Bem, há anos que venho estudando o problema da espuma. E observei que a espuma vertical, além de limpar melhor, corre mais facilmente para o ralo, simplificando a tarefa de enxugar o corpo. Sendo vertical não haverá a surpresa de sabão nos olhos como acontece com os traiçoeiros sabonetes de espuma circular. Para crianças isto é ótimo. Quantos olhinhos de bebês já foram prejudicados pelo potássio? Quantos, seu Evandro? Mas há razões ainda mais sutís que atestam a superioridade da espuma vertical. O que é circular é confuso, abstrato, enigmático. O que é vertical é claro, positivo, conclusivo. Portanto, a espuma vertical conduz a pensamentos lúcidos e diretos nos momentos íntimos do banho.

— Como disse o senhor?

— Exatamente o que acabou de ouvir.

— E o que acabei de ouvir?

— A espuma circular leva a pessoa que se banha a pensar em círculos sobre os mesmos problemas, o que cria a rotina, a preguiça mental e a falta de iniciativa. A vertical faz homens limpos, inovadores e objetivos.

— Agora, sim, entendi...

— Mas há ainda outros pontos de venda a serem explorados. A espuma vertical torna o sabonete menos escorregadio. Quantas pessoas já quebraram a cabeça para apanhar um sabonete que caiu na banheira ou no box? Tive um amigo que está paralítico até hoje... tudo por causa dum desses abomináveis sabonetes de espuma circular.

— Não diga!

— Digo! E tem mais: a vertical abre melhor os poros, atinge rapidamente todas as partes do corpo, contribui para acelerar a corrente sanguínea, não se detêm na raiz dos pelos, faz uma ligeira cócega erotizante e passa sempre pelos pés, extremidade mais difícil de ser alcançada pelas mãos.

— Puxa! O senhor realmente estudou o assunto. Parabéns! Já me convenci, agora só falta convencer o cliente.

— E, por obséquio, não esqueça de dizer ao cliente que foram os sumerianos os primeiros a fazer observações sobre a diferença entre uma espuma e outra. E, como o senhor bem sabe, a civilização sumeriana durou séculos. Teria sido por causa da espuma vertical? Há quem jure que sim.

Mão sei se seu Evandro usou esse último argumento, o dos sumerianos, para convencer o fabricante. Mas o fato é que a idéia foi aceita, planificada, produzida e veiculada, salvando-me de alguns meses de Knut Hansun.

O sabonete de espuma vertical fez relativo sucesso e quanto às suas qualidades só me lembro duma contestação ou dúvida feita por um lojista.

— A espuma vertical oferece algumas vantagens, reconheço — disse ele. — Mas tem também um grande defeito. Ela não lava o umbigo, notou? Corre pelas bordas. Não penetra. Desvia pelos lados. É possível corrigir isso? Acha possível?




# DEPOIMENTO DIFERENTE

**Tirando o Capuz, de Álvaro Caldas, Editora Codecri, 217 páginas**

A história mais recente do País, a trajetória política de uma geração que viveu o golpe de 64 e a dura experiência da luta armada nos anos 70, a militância política, a tortura, a longa permanência na prisão. Tudo isso está vivo e presente no livro *Tirando o capuz,* do jornalista Álvaro Caldas, que a editora Codecri lançou no final de maio. Hoje chefe da sucursal carioca da *Folha de S. Paulo,* Álvaro Caldas, 40 anos, como muitos de sua geração, optou pela luta armada no final da década de 60 e, 10 anos depois, ao escrever sobre esta fase, não se atém apenas ao episódico, mas procura refletir e analisar, de forma serena e sem rancor, a experiência política e existencial dessa geração.

Depois dos livros de Fernando Gabeira, a editora do *Pasquim* volta-se agora para uma nova angulação sobre esse período da história brasileira. É nisso que *Tirando o capuz* se diferencia dos demais livros-depoimentos sobre essa fase. O autor iniciou sua militância política, no início dos anos 60, nos quadros estudantís do Partido Comunista, integrou, após 64, uma das várias dissidências criadas no PCB e no final da década fazia parte do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), liderado por Mário Alves e Apolônio de Carvalho. Foi preso, torturado, julgado e condenado, cumpriu pena em vários quartéis do Rio de Janeiro — e ganhou a liberdade em junho de 1972. A longa permanência na prisão e a divisão vivida pela esquerda, após o *racha* com o PCB, são alguns dos elementos novos trazidos pelo livro, como explica Álvaro Caldas:

— A primeira originalidade do *Tirando o capuz* está em que eu fiquei. Ou seja, dos livros que conheço todos são de pessoas que saíram, trocadas por embaixadores ou não. Eu passei quase dois meses na oficina de torturas do Doi-Codi, no Rio, e depois dois anos e meio preso, boa parte dos quais em quartéis da Vila Militar. Esse tempo de cárcere, a prolongada fase no templo da tortura, constituem experiências literárias inéditas no levantamento desse período.

A leitura de *Tirando o capuz* ajuda a compreensão da atuação da esquerda desde o golpe de 64 até a metade dos anos 70, quando as organizações que tomaram o caminho da luta armada foram esmagadas. Mas a preocupação do autor vai mais adiante:

— Creio — diz ele — que o livro estimulará a formação de uma visão crítica, tanto dentro da esquerda quanto fora dela. Tanto para os de minha geração como para os das gerações posteriores, que ainda encontram o País oprimido por um regime autoritário, e que, por isso mesmo, enfrentam o dilema do engajamento político, presente, atual, dilacerante.

O título do livro tem muito a ver com a experiência vivida pelo autor, mas também tem um elo com o momento político de hoje. O gesto de tirar o capuz não foi completado, como ele próprio esclarece: "O capuz é um símbolo muito real de opressão, de violência contra o indivíduo. Esta é uma das conotações do capuz, acho que a mais correta. Mas eu lhe atribuo também outros sentidos, porque desejo simbolizar não só o capuz que a ditadura nos impôs, mas o capuz que a esquerda se impôs, o capuz que eu vesti, o capuz que é a marca desse tempo no Brasil. Tirando o capuz é um gesto em movimento, pela metade, que não se completou, uma ação que todos nós esboçamos, seja a esquerda, sejam as pessoas individualmente, seja a ditadura. O título tem essas ambigüidades e o livro procura dar uma força aos que estão no impulso de tirar o capuz".

Ao longo das 217 páginas do livro, há um capítulo dissonante, o primeiro, onde Álvaro Caldas conta, no plano do fantástico e do absurdo, o seqüestro que sofreu em 1973, quando ficou durante uma semana em poder dos órgãos de repressão, acusado de um suposto crime que ele jamais soube qual era.

— Procurei reviver no texto o clima irreal e de violência que vivi 24 horas por dia durante a semana em que estive desaparecido, nesse seqüestro absurdo e até hoje não esclarecido. Daí a sensação de um conto fantástico, em que minha imaginação de prisioneiro, abandonado numa cela que mais parecia um cômodo de uma nave espacial, trabalhava com mais rapidez do que a própria realidade. E também aqui a presença do capuz, que me acompanhou quase que permanentemente, como se fosse uma camisa que eu tivesse que tirar e vestir continuamente.

**Suely Caldas**



Arquivo Coojornal

*Caldas: "A diferença é que eu fiquei"*

**TRECHO**

## *A delicada questão dos "desbundados"*

*"...Amontoados naqueles colchões que se espalhavam pelo* Maracanã *ou dormindo nos beliches colocados no quarto de fundos da cela, dois outros grupos também podiam ser distinguidos, embora integrados na mesma vida coletiva: os* desbundados *e os que nada tinham a ver com o peixe...* (...) *A situação dos* desbundados *era complexa. A começar pelo próprio nome,* desbundado, *que em geral reunia todo mundo que apresentasse qualquer sinal de vacilação — logo identificado como problema ideológico —, os que tinham abandonado a militância e os que se comportaram mal na tortura e assumiram, ou foram levados a assumir, uma atitude defensiva e culpada. A dureza da classificação ilustra o grau de fechamento a que chegamos na vida interna das Organizações, o nível de intolerância e rigidez em que nos metemos, na apreciação das questões políticas e pessoais.*
(...) *Os* desbundados, *portanto, constituiam pessoas à parte, com as quais era preciso discutir, tendo em vista recuperá-los. Era muito ruim para um militante ser incluído naquele grupo. A questão do comportamento na tortura, por exemplo, uma das que serviam de base para a identificação das pessoas, era uma questão fechada, que já vinha fechada de fora, quando na verdade estávamos aprendendo só ali, na carne, a lidar com esse fato, a acumular dolorosamente informações e experiências para refletir.*
(...) *Nunca é demais lembrar que a tortura é um ato de desesperada solidão, que se passa num quarto fechado entre você e seus torturadores. A média dos resultados indica que a grande maioria* abriu *alguma coisa, que foi menos ou mais importante, que teve maior ou menor repercussão conforme circunstâncias muito particulares* (...).
*O clima na PE ainda era de muita emoção para dar passagem a uma visão mais aberta no tratamento da questão. Lembro-me de que eu passava por aqueles que estavam 'com problemas' e que, apesar de ter vontade de me aproximar, ficava inibido, não conseguia romper aquela barreira. Era como se um jogador estivesse com 'problemas' e não pudesse jogar, como dizem suscintamente os locutores esportivos. E o assunto então é entregue ao Departamento Médico do clube. No caso, escalava-se alguém para conversar com o* desbundado, *discutir com ele os seus 'problemas'* (...)
(...) *De todas as situações que serviam para diferenciar as pessoas, a mais sensível, que funcionou como uma espécie de divisor de águas, foi a do comportamento na tortura. Muitos dos que eram considerados* barra pesada, *com participações em ações de bancos e seqüestros, deixaram de ser incluídos por causa disso na lista de trocas pelos embaixadores seqüestrados, a partir de avaliações de comportamento feitas apressadamente e de fora da cadeia* (...)"


**Omar Ferri**
*Advogado*
*OAB 2406 CPF 004117520*
*Uruguai, 155 cj. 1306*
*fone: 25-4119*
*Horário: 10 — 12hs*
*16,30 — 18,30 hs.*
*Porto Alegre RS*

**Geraldo Nogueira da Gama**
*Advogado*
**OAB 5951 CPF 059035050/15**
**Rua Cel. Genuíno, 421**
**— 12º andar**
**Fone 25-0154**
**Porto Alegre RS**

**Advogacia em Geral — Questões de Direito das Sociedades Cooperativas**
Dr. Marco Túlio de Rose
OAB 9551 — CIC 133.646.690/15
Dr. Luiz Rache Vitello Filho
OAB 11.613 — CIC 202.967.700/00
Dra. Liliana Berry Veiga de Rose
OAB 10.987 — CIC 210.190.880/87
**Rua Uruguai, 335, s/37 — Fone: 25-2687**
**Porto Alegre**

# MERGULHO PROFUNDO

**Absalão! Absalão!, de William Faulkner, Editora Nova Fronteira, 346 páginas**

A leitura do último romance de Faulkner, editado no Brasil, não é tarefa fácil. O centro da narrativa é a decadência de uma família sulista, desmoronada após a guerra entre o Sul e o Norte. Nela, os personagens são quase espectros que aparecem através do pensamento e da informação de terceiros, cujas versões vão compondo uma modorrenta sinfonia da sua desintegração física e moral.

Trata-se, sem dúvida, de uma obra-prima, e as obras-primas nem sempre são de fácil leitura. A forma faulkneriana, de frases fragmentadas, vôos filosóficos grandiosos erguidos sobre uma amargura sem precedentes, agride o leitor, cansa-o, para paulatinamente conquistá-lo, se ele é persistente, convidando-o a mergulhar num tempo árduo, de decomposição de uma cultura eivada de preconceitos e ódios raciais.

É o romance da decadência do Sul, que não é poupado pela pesada mão de Faulkner, sob nenhum ângulo. Ali estão, de braços dados, a incompreensão do processo político que se desenvolvia nos Estados Unidos, extinguindo os traços mais dolorosos da escravidão dentro de um mundo capitalista em acelerado desenvolvimento, e, de outra parte, as deformações subjetivas e ideológicas dos indivíduos tipificadores deste processo grandioso. Tormentos da carne, homossexualismo latente e reprimido, ausência de emoções autenticamente humanas.

Do ponto de vista formal Faulkner eleva ao cubo todo o seu deboche pela forma tradicional, visto em tom mais brando na sua magistral novela *O Urso,* registro de amor ao homem e à natureza. Em *Absalão! Absalão!* vemos um Faulkner angustiado e odioso, cheio de impiedade para com os personagens que cria e que, por si só, jamais entenderão o movimento que os circunda. Nesta incompreensão do mundo baseada no ranço da ideologia escravagista e latifundiária é que residem todos os padecimentos, suplícios e infelicidades. Personagens, todas, sem nenhuma grandeza, com muita obscuridade de alma.

O romance é "pesado", para usar uma expressão comum, mas contundente. Porém, a dificuldade de leitura faz explodir — para o leitor atento e dedicado — um conjunto de grandes emoções que só o gênio artístico consegue despertar.

**Tarso Fernando Genro**

# PARA QUEM GOSTA...

**Humor para americano? Pode ser, mas o fato é que Woody Allen vende bem no Brasil. A L&PM está lançando este mês o quarto livro dele — *Que Loucura!,* comentado aqui por Luiz Fernando Veríssimo:**

O Ruy Castro me contou que não traduziu este último livro do Woody Allen com o mesmo entusiasmo de antes. É o terceiro livro de Allen que ele traduz (quarto, contando um de quadrinhos) e o encanto acabou. Os truques já são conhecidos. Na verde, *Que Loucura!* não é inferior aos dois primeiros. Ou não muito. É parecido, o que explica a sensação de já visto do Ruy Castro. Alguém que teve tanto sucesso durante tanto tempo como Allen acaba prisioneiro da expectativa dos outros. Tem que se superar sempre. Se faz apenas o mesmo, fracassa. E o sucesso continuado é um desafio, à lei das probabilidades e à idéia generalizada de que se alguém agrada todo mundo o tempo todo, alguma coisa deve estar errada.

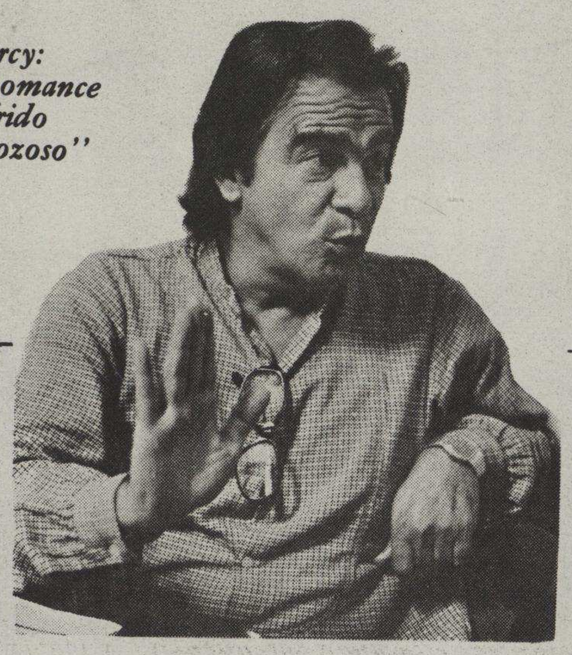
No cinema, depois de *Annie Hall,* considerado insuperável, e depois de superá-lo com *Manhattan,* e sobreviver com seu prestígio intacto a uma experiência com cinema "sério", em *Interiores,* Allen tinha que errar. Havia quase uma exigência de que ele errasse. E 1980 parece que foi o ano escolhido para se desencantarem com Woody Allen.

Seu último filme, *Stardust Memories,* foi mal recebido pelo público e pela crítica nos Estados Unidos. Apareceram artigos em revistas e jornais mostrando que o cara que desafiara a pompa de Hollywood, preferindo tocar sua clarineta com os rapazes em vez de botar gravata e receber seu Oscar, não é exatamente o que se pensa. Mora com luxo demais na Quinta Avenida e vai demais ao *Elaine's* para alguém que não gosta de aparecer.

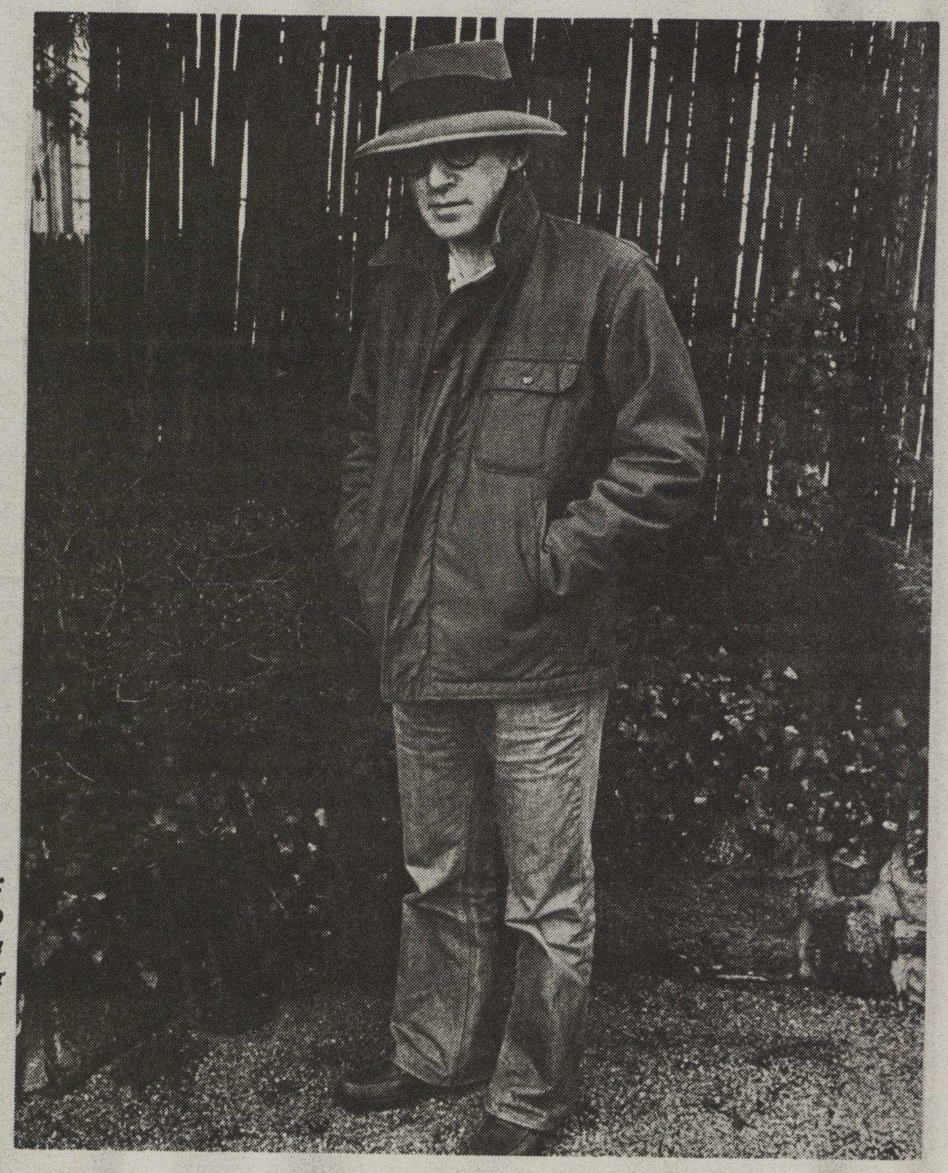
Seu novo livro — que em inglês tem o título de *Side Effects* (Efeitos Colaterais) — vendeu bem mas não teve boa crítica. Mas é o mesmo Allen de sempre. Como os outros livros, tem coisas boas, coisas geniais e coisas menores. Se você está predisposto a não gostar, não gostará. Se acha que não há nada melhor do que o mesmo Allen de sempre, vai gostar muito.

Para mim, a melhor coisa do livro é a história do cara que é transportado por um mágico para dentro de *Madame Bovary,* de Flaubert, rapta a heroína e a traz para a Nova Iorque de hoje. É Allen com a imaginação solta, mas firmemente no controle dos seus efeitos — e vale o preço do livro. Ainda não vi a tradução de Ruy Castro mas aposto que — com ou sem entusiasmo — ele esteve a altura do original.

**Luiz Fernando Veríssimo**



*Darcy: "Romance sofrido e gozoso"*



*Allen: prisioneiro da expectativa alheia*

# *Darcy sai da galeria dos bissextos*

O novo romance do antropólogo Darcy Ribeiro — *O Mulo,* que será lançado pela Nova Fronteira no começo de julho — nada tem a ver com índio, tema central de *Maíra,* seu primeiro e bem sucedido livro de ficção: Em *O Mulo, confissão e testamento de Philogônio de Castro Maya,* para deixar a incômoda categoria dos "bissextos" — "é estranho um cientista publicar mais de um romance", diz ele —, Darcy Ribeiro "veste" a pele de um fazendeirão, mineiro ou goiano, e consolida quatro anos de muito trabalho.

"O livro — afirma — faz de perto uma leitura da alma desse personagem importante da história brasileira, que é o fazendeirão latifundiário, acostumado, no passado, a queimar negros escravos no trabalho, e que hoje continua gastando gente, com o maior desprezo pelo povo".

Na abordagem do tema, o romancista penetra na "intimidade" do personagem, através da confissão escrita. "A confissão religiosa é o ato mais íntimo, e é também o mais expressivo, porque recorda os pecados de mortes e safadezas", explica Darcy. E arremata: "Por isso, é sofrido mas é também gozoso esse romance que, eu diria, contém um certo erotismo antierótico".

O lançamento de *O Mulo* está previsto para o começo de julho próximo, com uma tiragem inicial de 10 mil exemplares. *Maíra,* obra com a qual Darcy se iniciou na ficção, já está na 7ª edição no Brasil e traduzida para o espanhol, o francês, o italiano e o alemão. Atualmente, esse romance está sendo traduzido para o inglês e o polonês.


**Dr. Carlos Salzano Vieira da Cunha**

Rua Riachuelo, 1521 — Conj. 5 e 6
Fone: 21.8282

**OAB — 2927**
**CPF — 007648680-04**

**Advogacia em Geral — Questões de Direito das Sociedades Cooperativas**

Dr. Marco Túlio de Rose
OAB 9551 — CIC 133.646.690/15

Dr. Luiz Rache Vitello Filho
OAB 11.613 — CIC 202.967.700/00

Dra. Liliana Berry Veiga de Rose
OAB 10.987 — CIC 210.190.880/87

**Rua Uruguai, 335, s/37 — Fone: 25-2687**
**Porto Alegre**

**RONALDO MOREIRA BRUM**
*PSIQUIATRA*

CREMERS 2773
CPF 004705460/34

AV. OSWALDO ARANHA, 1092
APTO 21 — FONE: 24-9542

— **O senhor estava presente quando o réu disparou o primeiro tiro?**
— **Sim, senhor juiz, estava a três passos dele.**
— **Muito bem. E no segundo tiro?**
— **A mais ou menos um quilômetro.**

***Do médico ao paciente:***
***— Meu amigo, o senhor piorou: não obedeceu à minha ordem de fumar apenas cinco cigarros por dia?***
***— Obedeci, doutor. E até acho que foi pior isso que piorei. Antes eu não fumava.***




— Afinal, como é que o senhor bateu em sua mulher? pergunta o juiz ao acusado.
— Foi por acaso, senhor juiz.
— Por acaso???
— Pois é, nem sei como foi. Em geral, é ela quem me bate.

## Tira-gosto

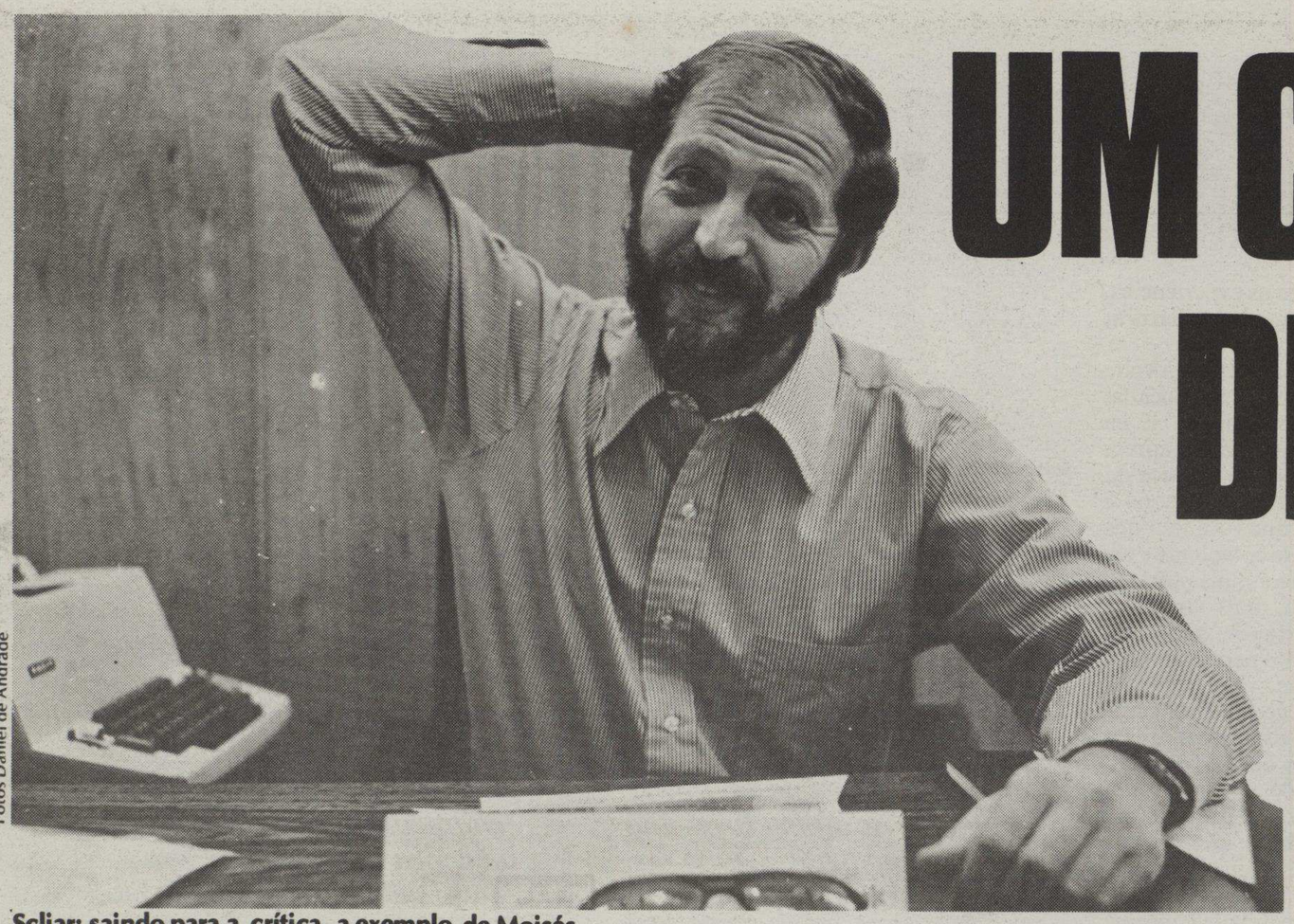
1) Aquele homem de princípios não tinha meios para atingir seus fins
2) O galo canta; o cão late; a ovelha bale; o homem... bala
3) No inverno, o drácula só pega moça de sangue quente
4) Era um mau poeta, vide verso
5) *Craque*, em futebol, é o barulho da perna quebrada
6) A vista é feia, mas a janela é liinda
7) Cronista esportivo é o que ganha a vida com o suor dos outros
8) Dormiu no ponto, vírgula
9) O cara tinha tique e tinha ataque
10) Um leiloeiro de sucesso, mas não vale nada
11) Santa ignorância é a freira cair no conto do vigário
12) Bons tempos em que a polícia só usava borracha para apagar as injustiças
13) Essas nuvens escuras que andam por cima da cidade são cúmulus... do progresso

Para que o leite não transborde ao ser fervido, é só passar um pouco de manteiga nas bordas da panela.

## CANINI WEST

# UM CRÍTICO DE GABEIRA

*O escritor Moacyr Scliar diz que o ex-exilado está assustado. Mas... Conclusão: não é fácil criticar Fernando Gabeira*



Fotos Daniel de Andrade

**Scliar: saindo para a crítica, a exemplo de Moisés**

Fernando Gabeira, o sucesso literário e pessoal da liberação sexual, e de um certo desengajamento político nas esquerdas no início dos anos 80 no Brasil, tem um duro crítico em Porto Alegre. O fenômeno editorial dos tempos de abertura foi alvo do escritor gaúcho Moacyr Scliar, 14 livros publicados, vários prêmios e um relativo êxito de vendas, numa entrevista publicada pelo jornal *Zero Hora* faz algum tempo. Agora, esta opinião é reafirmada.

Por quê? Scliar sai da condição de escritor, deixa de lado o médico em saúde pública que é, como funcionário da Secretaria da Saúde do Estado, e assume a posição de crítico. "Como Moisés após a travessia do deserto", diz, com ironia, "já vaguei mais de 40 anos e nesta virada dos anos 80 entro na idade da verdade".

A falta de consistência do produto cultural que está deslumbrando multidões da classe média, e consagrando novas atitudes sociais, é que o leva a criticar. E criticar sem meias palavras, atingindo, mais recentemente, um filme de todas as classes, o multimilionário *Eu Te Amo*.

Neurótico assumido, como já se declarou, judeu que passou pela automaldição racial, como já revelou, Scliar estaria pretendendo algo mais com essas críticas? O que transparece é uma insatisfação diante do que está sendo festejado. Diz ele: "Aplaudir é hábito entre nós. Em princípio damos colher de chá. Mas, será isso que o povo está querendo? Acho que devemos dizer a verdade".

### AS INCORREÇÕES

"Gabeira é um duplo equívoco", afirma Scliar, "como escritor e como ideólogo". Claramente, um escritor reconhecido aponta para este caso polêmico e não sai pela tangente.

Ele confessa: só leu *Entradas e Bandeiras* ("acho que resume seu pensamento ideológico") e não pretende conhecer o escritor em *O Que É Isto Companheiro* e *Crepúsculo do Macho* — o que pode comprometer um juízo mais apurado.

Mas Scliar vai em frente: "O verbo sofre nas mão do Gabeira". Alguns exemplos recolhidos pelo escritor gaúcho: na página 82 — "Sua mulher acha..." — o verbo vai do presente para o imperfeito; na página 45 — "Hospedo-me na casa de um amigo..." — acontece o mesmo. Além da troca de tempos verbais, a leitura que Scliar faz de Gabeira nota termos fora do contexto, confusão no sentido das palavras, enfim, "frases quase incompreensíveis". Em seguida admite, porém, que qualquer escritor comete algum tipo de incorreção.

Se há, aí, uma contradição, o escritor que desvendou o que foi o barro judeu do Bom Fim não está, pelo menos, carrancudo. Com alguma malícia ele vislumbra um Gabeira perdido na poeria, cheio de boas intenções literárias e ideológicas.

É assim que ele vê: "Gabeira está assustado. E tem que estar mesmo, ele não está preparado". Na sua ótica, o rapaz voltou do exílio já popular e precisou pensar precipitadamente: 'o que é que vou difundir'?

Pode haver uma relação entre o fenômeno que voltou do exílio e um desengajamento político recente. Mas, *é claro,* diz, não foi Gabeira que provocou nada disso. A relação é apenas literária. O que se pode chamar de desengajamento, segundo Scliar, é a desilusão de um segmento da classe média com a militância política, com o marxismo, com a esquerda em geral. "Agora, o povo, este está sempre engajado na luta pela vida". Como médico em saúde pública, Scliar conheceu as vilas populares por dentro, "o outro lado da moeda", diz.

A deficiência ideológica, segundo Scliar: "Gabeira simboliza a confusão". A confusão de achar que o problema não está nas lutas de classe, de pensar que valem as minorias — os índios, os homossexuais e assim por diante. O escritor gaúcho se diverte: "Ele chegou a criticar os aviões por não respeitarem as minorias alimentares". E lembra em seguida... "mas quando esteve em Porto Alegre ele foi comer num restaurante macrobiótico e achou bobagem mastigar como lhe pediam". Mas não parece haver aí uma desconsideração, as lutas das minorias também são reais, reconhece Moacyr Scliar.

Na procura de uma definição mais ajustada, Scliar chegou a esta: "Gabeira personifica este difuso mal-estar de hoje".

A confusão urbana ou, a confusão de Gabeira segundo a leitura de Scliar: "Uma hora ele acha que tudo mundo deve ir para o mato, aí, chega no mato e nota que as crianças nos braços dos adultos parecem tijolos quentes".

Há, porém, uma ressalva do escritor gaúcho. A de que se reconheça nos livros de Gabeira, vistos como reflexo de uma época de transição, *seu valor sociológico.* É este o conceito de Scliar, o de que não há valor literário nem um valor ideológico no recordista das livrarias, mas um bom material para futuro estudo sociológico da época.

### O COMERCIALISMO

O escritor demonstra um novo desembaraço como crítico. Com 14 livros de ficção e purgado como Moisés, julga-se pronto a pisar até em outros terrenos, tão movediços como a literatura. *Eu Te Amo* (o filme de Arnaldo Jabor com Sônia Braga e Paulo Cesar Pereio) nem tem críticas. Como quem diz... nem vale a pena.

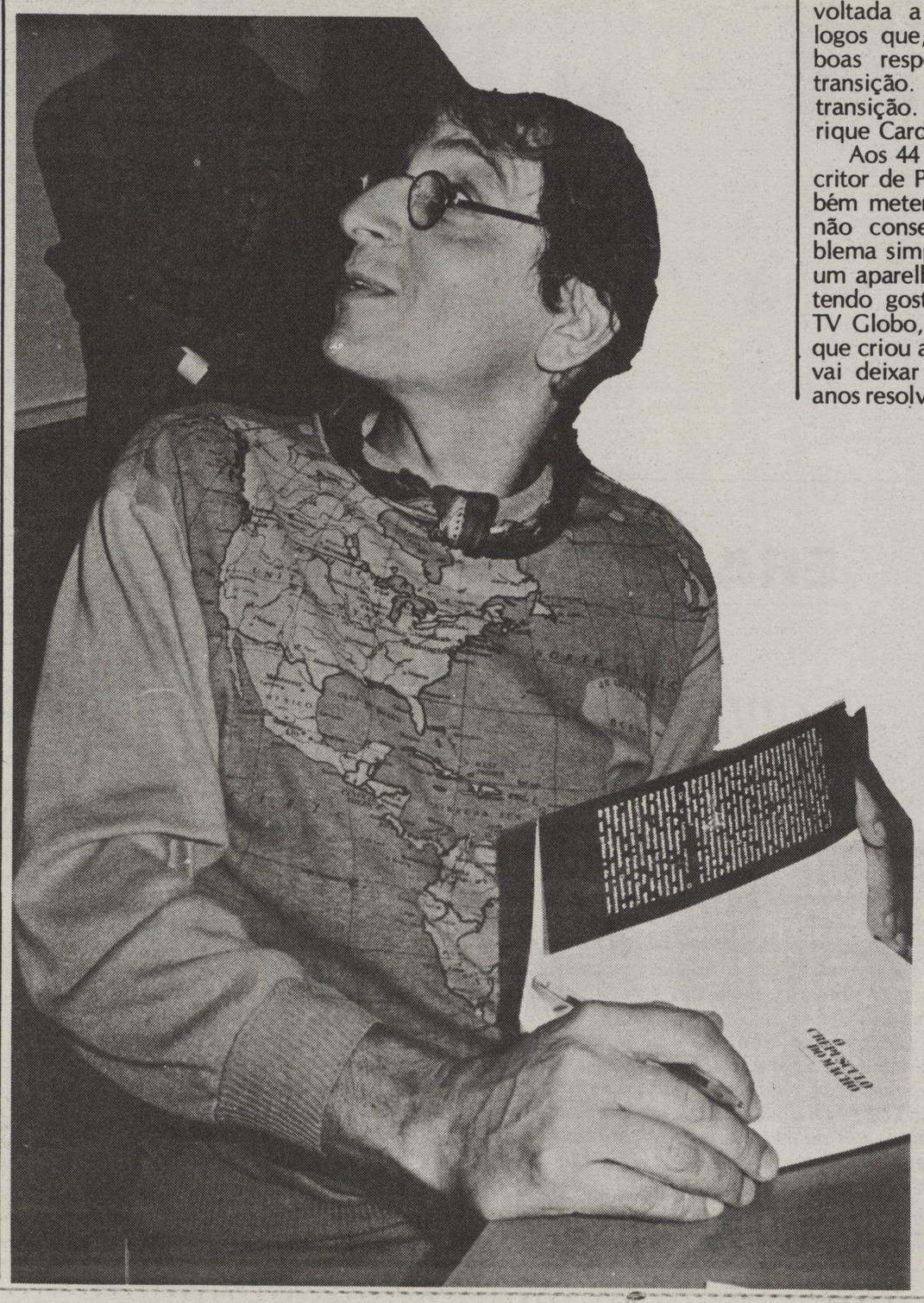
O filme de maior bilheteria dos últimos anos não passaria de um produto industrial com padrão de qualidade. Aos seus olhos, é uma fita bonita, com o som bem colocado, "que um motorista de caminhão também gosta de ver". Mas isso não é uma virtude, segundo Scliar, porque falta uma idéia. A idéia, segundo o diretor do filme, é a felicidade no amor. Mas, para o escritor de *O Exército de Um Homem Só* a *Um Centauro no Jardim* é outra coisa: "É uma pornochanchada que pretende ser mais do que isto, mas só tem meia dúzia de frases inteligentes e o resto é os dois atores exercitando as posições do Kama Sutra".

Não há consistência cultural nesta sociedade que estava represada e agora está confusa — o Brasil na virada da década. É isso que o escritor gaúcho está criticando, mas, por outro lado, procurando entender: "É natural", diz ele, "que neste período não surja algo mais consolidado, o momento é mais de impedir que a casa caia".

Ao criticar o filme do momento, Scliar distingue o que seriam os dois aspectos básicos. Por um lado, diz, "a liberação sexual tem mesmo que ser mostrada, é terapêutica para a juventude". Mas ataca o que chama de deboche, "a exploração comercial", da qual *Eu Te Amo* é seu melhor exemplo.

Ao largo desses fenômenos frágeis de sucesso comercial há o país excluído da produção e do consumo cultural. "Aqui é que se pode falar em maioria silenciosa", lembra o escritor. Sua constatação é de que "ideologicamente só agora se tem condições de influir". Mas, esssa referência está mais voltada a economistas e sociólogos que, a seu ver, têm dado boas respostas nesta época de transição. E cita Fernando Henrique Cardoso, Paul Singer, Maria

Aos 44 anos, este médico e escritor de Porto Alegre, agora também metendo a colher na massa, não consegue resolver um problema simples: se compra ou não um aparelho de televisão. Mesmo tendo gostado da experiência na TV Globo, participando do grupo que criou a série *Obrigado Doutor,* vai deixar que seu filho de dois anos resolva o caso.



**Gabeira: refletindo uma confusão da classe média?**

# ...os anos 60...

# AGORA É

***"A época não é de eliminar nada, de abrir mão, de ir contra. É de você assimilar tudo. A década de 80 pede de cada um de nós uma estúpida compreensão, uma estúpida capacidade de adaptação, de assimilação, de complexidade, de abrangência, de amor... basicamente de amor. Estes anos são como uma lente de uma máquina fotográfica que você não consegue achar o foco. Mas eles são assim mesmo, fora de foco. Se a gente for procurar o foco em alguma coisa, a gente vai perder esses anos todos".***

***Ao definir os tempos atuais, a atriz carioca Regina Casé sintetizou o que anda pelas cabeças de muitas pessoas de 15, 20, 30 anos ou mais idade. Porque certamente uma das características da época é exatamente a sua universalidade. A geração 80 inexiste enquanto faixa etária, ela é apenas um estilo, talvez novo, de***

## MACIEL

## *"Os satélites ligam tudo"*

**— Existe alguma continuidade nas gerações 60, 70 E 80?**

— Não, eu não acredito em continuidade, não acredito em uma evolução em linha reta, desenvolvimento retilíneo. Isso é uma ilusão da cabeça da gente. Depois que aconteceram, você junta os fatos e descobre uma linha reta, porque a sua cabeça procura, arma essa linha, racionaliza, tenta organizar. Se você ficar atento à diversidade dos fatos, você tem uma visão mais abrangente da realidade do que se você procurar estabelecer essa linha reta, que deforma os fatos. Agora, olhando dos 60 até agora, eu acho que muito mais que um desenvolvimento, houve mesmo momentos diferentes, momentos que você pode caracterizar. O movimento dos 60 foi um movimento do extroversão e nos anos 70 houve um período de introversão, embora essa divisão em décadas não corresponda exatamente à realidade. É talvez lícito esperar que a geração dos anos 80 seja de novo extrovertida, no sentido de que ela tenha uma vocação maior para a ação coletiva. Eu acho que nos 70 tendeu-se muito para o individualismo. E não se pode falar exclusivamente em termos de Brasil, porque hoje as coisas são mais gerais. Os satélites universalizam as coisas, ligam muito as experiências.

**— E a situação política, com abertura, anistia...**

— Houve uma euforia de abertura, a volta de exilados, mas as coisas foram colocadas numa perspectiva política tradicional. E eu acho que depois das lições que a gente aprendeu, querer que se tenha uma vida política da mesma maneira que se teve antes de 64 é sonhar, e simplesmente, porque você tem que contar com dados da realidade completamente diferentes. Repetir aquilo não é mais possível. Tinha que haver uma gama mais ampla de problemas políticos em pauta. A gente está voltando à política, mas muito pequenininho. Tem uns malucos que falam, como Glauber Rocha, Gabeira, Zé Celso, geralmente gente ligada à arte, que tem uma visão mais ampla que parece mais louca, mas apenas da perspectiva tradicional. Ela pode ser mais adequada para o momento do que essa tentativa de repetir a História. Os políticos no Congresso, falando que temos que primeiro fazer isso, para depois tratar de outras questões, fica-se adiando a vida inteira... A realidade continua a se transformar, a se modificar, a ser diferente a cada instante e eles simplesmente desconhecem.

**— O Gabeira percebeu este movimento?**

— Ele falou em questões que fazem sentido, porque as questões faladas lá no Congresso Nacional não fazem sentido para o pessoal. E as questões que o Gabeira fala não foi ele quem inventou. Já se fala nisto há mais de 10 anos. Ele trouxe uma coisa que na Europa já chegou a nível de experiência concreta. E se essas questões têm significado para os jovens, elas são importantes, porque o número de jovens aumenta cada vez mais.

**— O que pode acontecer daqui para a frente?**

— A tendência, a meu ver, é ressuscitar as ações coletivas. Nisso eu acho que há um parentesco com os anos 60, embora seja muito cedo para falar. Estamos no terreno da mais pura profecia porque estamos em 81... Mas tenho a impressão de que o caráter novo dos anos 80 vai ser diferente, porque é impossível no mundo em que se vive que uma tendência persista por muito tempo. A intenção das mais diferentes formas é tão crescente e tão rápida, que tudo vai mudando muito rapidamente. Fica tudo muito fragmentado, muito descentralizado, cada vez mais desordenado. Eu acho que esta tendência está aumentando — a impossibilidade de haver uma organização racional no mundo. A tendência deverá ser uma desorganização cada vez maior, o que não significa que setorialmente a organização não aumente. As organizações são necessárias, até devido a esta característica tecnológica da nossa época. Você não pode ter tecnologia sem estar tudo muito organizado. Mas esses setores estarão num contexto caótico, sem dúvida.

**— Quais serão os mitos dos anos 80?**

— Eles serão cada vez mais mitos de setores e durarão cada vez menos. É muito difícil que ocorra um fenômeno como os Beatles, durando 10 anos.

**— E esse pessoal que hoje tem 17 anos, que nasceu com a Revolução de 64, o que você acha deles?**

— Acho que esta geração tem muito mais condições para a ação do que a geração precedente a ela, porque a precedente sofreu mais com a ditadura no sentido de ter sua formação manipulada. Foi uma geração de tecnocratas. A formação deles coincidiu com o "milagre econômico". Eles entraram naquela *trip* de acreditar. Essa geração que já nasceu com a Revolução pegou uma fase de descenso, em que as ilusões estavam se desvanecendo. Ela não tem ilusões. Também aí ela é mais parecida com a geração 60, porque nós não tínhamos ilusões. Eu não acredito muito neles querendo fazer política partidária tradicional, mas eles podem inventar algum tipo de nova ação política, como foi inventado nos anos 60. Ecologia, movimento das mulheres, das bichas, dos negros, uma cultura de rock, tudo surgiu naquela época. A possibilidade da geração 80 é a de inventar seus próprios lances políticos, que eu não sei quais serão. Eles têm a chance de ser mais criativos.

**— Como a recessão econômica afeta a vida deles?**

— É melhor a recessão que um "milagre brasileiro", que era uma mentira. A recessão leva as pessoas a se defrontarem com a realidade e isso pode alimentar uma consciência mais clara das coisas. Não é à toa que houve um momento de tecnocracia, da ilusão e que agora venha o momento da recessão, da consciência. A realidade é sempre paradoxal, desconcertante, ela nunca foi totalmente favorável ou desfavorável. Ela depende da sua maneira de ver.

**— E o papel da universidade, do ensino?**

— A primeira coisa que os garotos da faculdade têm que perceber é a precariedade da universidade. Isso começou a ser percebido nos anos 60, quando se tentou criar uma universidade livre, a antiuniversidade. Não é só uma questão de eficiência da universidade, é de horizonte. Essa nova geração vai ter a sua oportunidade, porque a universidade está tão deficiente que eles não podem ver que a vida não se resume na universidade tal qual nós a conhecemos. Porque se os jovens acreditam que estão aprendendo grandes coisas, que depois vão ter grandes empregos — que é a visão dos tecnocratas —, então eles vão ficar pensando que a universidade é eficiente. Os que não acreditam na sua própria formação são diferentes. Não acreditar na própria formação é a única maneira de civilizar-se, na verdade...

**— A tentativa de sair das cidades...**

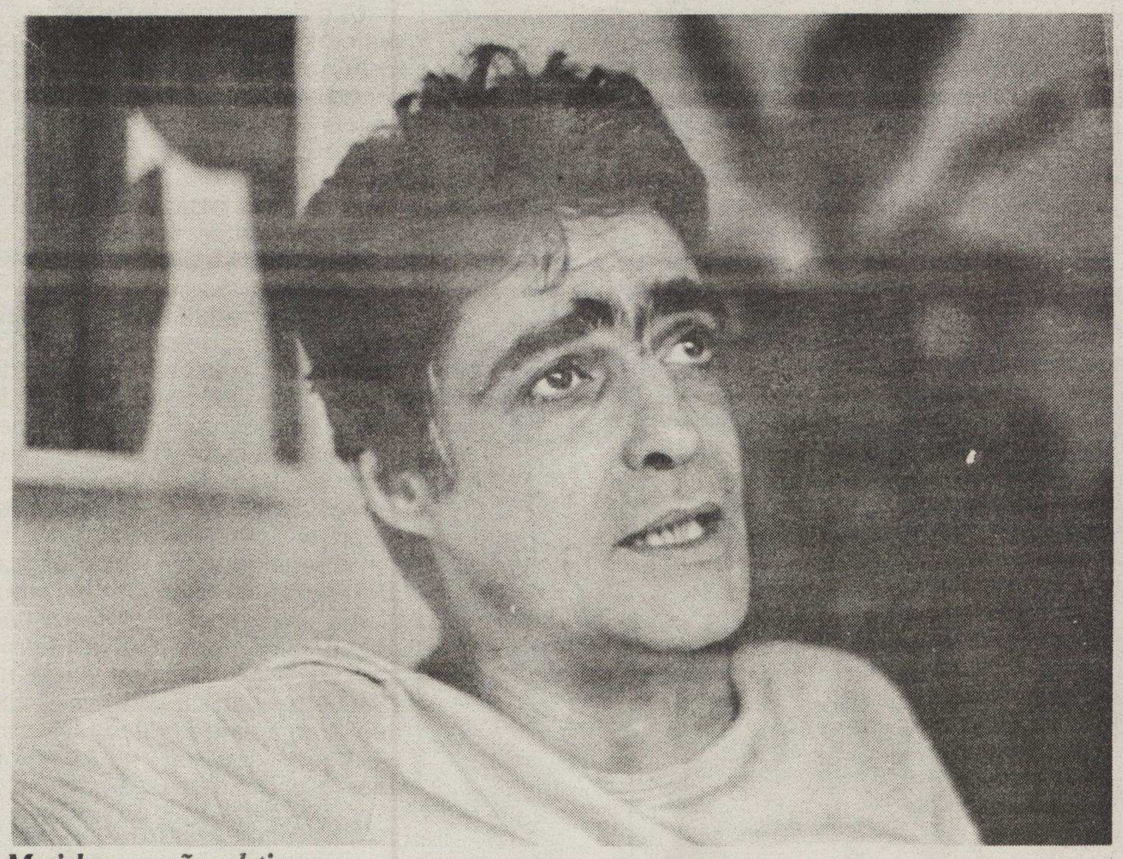
— Isto também é uma solução dos anos 60, antiga. Algumas pessoas individualmente podem ter se dado bem, mas o que se esperava — a formação de uma rede de comunidades rurais que levasse a uma sociedade alternativa — não deu certo. E se você é da cidade, você tem que transformar a vida na cidade. Nos 60 se acreditava que a saída era cair fora (*drop out*). Esta geração não pretende mais isso, ela quer funcionar dentro da sociedade vigente. Eu acho que isto pode ser muito fértil e pode ser o caminho de 80. O negócio espontâneo é sempre muito eficiente, por surgir organicamente, naturalmente. As ações mais ineficientes são sempre as dos grupos organizados.

**— E essa história de alimentação natural, dançar... Existe realmente uma preocupação das pessoas de se transarem mais?**

— Não existe transar o corpo. Corpo e cabeça é uma coisa só. Se transa o corpo e não transa a cabeça vira um monstro. Se transa só a cabeça e não transa o corpo vira um cabeçudo. Mas isso tudo também é coisa antiga que continua aí porque os tecnocratas não inventaram nada e a novíssima geração ainda está no limiar de poder inventar alguma coisa.

**— As drogas continuam sendo um caminho?**

— É muito difícil falar de drogas, não se sabe direito do que se fala. É um assunto que o sistema faz questão de manter tudo encoberto, tudo misterioso. A possibilidade que a nova geração tem a esse respeito é a dismistificação. Na minha geração, esse mistério foi muito grande. A novíssima geração já pode ver o assunto com mais objetividade. A droga dos 60 foi a maconha, a dos 70, dos tecnocratas, foi a cocaína e a dos 80 não sabemos ainda qual será. Pode ser que volte a maconha, dentro daquela idéia de retomada dos anos 60. Não se pode apostar, mas ela vai ser determinada pelo tipo de relação que eles, da novíssima geração tiverem com a realidade.



*Maciel: nova ação coletiva*

## ERA ASSIM

## *Contracultura, comunas, etc...*

*Luis Carlos Macial no* **Pasquim** *em outubro de 1970:*

***"Realidade Nova. —** Existe um* **Underground** *No Brasil, no sentido que a palavra tem sido empregada internacionalmente para designar as comunidades que se formam sob a orientação da nova contracultura?*

*Uma nova parte das manifestações artísticas e culturais mais vitais do Brasil de hoje tem relações amistosas com o* **underground** *e suas perspectivas, quando não se identificam, abertamente com eles. O processo, inclusive, tem se caracterizado por uma radicalização constante e consciente...*

*Essa inquietação generalizada no nível cultural não seria tão importante se não correspondesse a nenhuma realidade nova na vida das pessoas em geral. O quese verifica, poré, é a insinuação dessa nova realidade, de maneira lenta mas firme. Até mesmo esse despretencioso* **Underground** *aqui d'O PASQUIM recebeu um volume de correspondência absolutamente surpreendente, revelando um enorme interesse latente em temas inéditos como a formação de comuncas, anti-universidades, etc.*

# 70...80...

# ASSIM:

Silvia de Souza Costa

*transar a vida. Sem a vontade de revolucionar o planeta, como seus antecessores dos anos 60, e sem o peso que representaram os anos 70 neste País.*
*Nas duas entrevistas destas páginas pode-se captar justamente pontos em comum de pessoas que viveram intensamente — e, de certa forma, na vanguarda do comportamento urbano brasileiro — as duas décadas anteriores. Luis Carlos Maciel, 43 anos, jornalista, diretor de cinema e teatro, atualmente trabalhando em televisão, foi uma espécie de guia para a juventude do fim dos anos 60, quando assinava no* **Pasquim** *a coluna* **Underground.** *Regina Casé, 27 anos, atriz de cinema e teatro, apareceu com o grupo* **Asdrubal Trouxe o Trombone,** *em 74. O sucesso da peça* **Trate-me Leão,** *entre outras, tornou-a conhecida não só como atriz, mas também como uma pessoa muito expressiva do seu tempo.*



*Regina Casé: muita esperança nesse caos*

## CASÉ

## *"Vejo muita poeira no ar"*

**— Você apareceu nos chamados anos de sufoco e conseguiu com o Asdrubal uma saída nova, divertida. E agora, há algo realmente novo surgindo?**

— Eu fico curiosa com as pessoas que estão com a idade que eu tinha em 1970, que estão virando alguma coisa. Quando você sai da adolescência você começa a escolher as coisas que você quer — não no sentido de profissão, de papel social, mas em termos de se reeducar — e normalmente nesse processo a gente tende a uma ortodoxia. É uma época em que você está catando mitos, ídolos, uma ideologia sólida, uma religião aconchegante. Os ídolos dos 60 e dos 70 não servem mais para essas pessoas. Agora está tudo muito difícil e confuso. Se tá pra gente que tem 27, tá pra quem tem 37, tá pra quem tem 47, imagina pra quem tá começando... A sensação que eu tenho é assim como se tivesse um vento muito forte, muita poeira levantada. A gente não tá enxergando direito. Não vejo trevas, escuridão, mas vejo muita poeira no ar.

**— Você acha que as pessoas estão realmente procurando uma ideologia, uma religião?**

— Mesmo que não busquem, o fato de não buscarem é uma coisa que ainda não é consciente, não é tranqüilo. Seria ótimo se fosse assim. Mas eu tenho esperança de que esse quadro indefinido, até pelo fato de ser caótico, possa vir a dar em uma coisa boa para os jovens, se as pessoas se derem conta do que está acontecendo, transarem esse ritmo e conseguirem aí uma harmonia. Uma saída possível, eu acho que é aproveitar esse tipo de caos, no sentido de que o que você procure não esteja lá longe, que o seu investimento de felicidade não vá resultar em algo de bom daqui a 50 anos. As pessoas acreditavam muito numa revolução que ia acontecer e ia deixar tudo numa boa. Hoje ninguém é otário de acreditar que uma revolução vá resolver as coisas e essa falência ideológica geral tem um lado que pode ser muito útil para essa geração, que é não colocar a felicidade deles daqui a três meses, um ano ou 10 anos, num dia que vai chegar... Falindo isso, o aqui e agora vai crescer e aí podem haver microrevoluções a cada segundo, o que para mim é uma coisa esperançosa. E se isso acontecer de uma forma orgânica, vai se transformar em uma ação coletiva. O lado bom desse caos é por aí.

**— A mudança política tem alguma influência nesse movimento?**

— Eu ouvi os ecos de uma vida política partidária e desse eco que eu ouvi e o que vejo acontecer agora, me dou conta de que é tudo igual. O que está acontecendo agora é exatamente a mesma coisa. Acho que a política partidária está mais em crise que o teatro, porque além serem as mesmas pessoas, os mesmos partidos praticamente, tudo se coloca da mesma maneira. É como se tivesse colocado na geladeira 10 anos e depois descongelou. Daí eu não ter interesse nenhum, não me envolver. ainda mais essa juventude que está pintando aí, acho que não poderá se interessar.

**— O Gabeira surgiu com propostas novas...**

— É, tem ele, tem o Lula, mas o lado estanque é muito mais forte. E assim mesmo, com a criação do PT, acho que o Lula esfriou um pouco. É meio prematuro dizer isso, tomara que o lado espontâneo dele vença essa estagnação. O Gabeira também foi muito bom porque se fosse uma pessoa nova, não teria o espaço que ele teve. Seria considerado um alienado e pronto.

**— E esse consumismo...**

— O tempo passa cada vez mais depressa e algumas coisas são irreversíveis. Se a sociedade criou tantos problemas, tantas doenças, tantas coisas barra pesada, tantas necessidades falsas de consumo, você pode transar os produtos dessa tecnologia e tentar extrair deles o que eles podem te proporcionar de bom. Se você vai a um show de música você esquece que aquilo é tecnologia, igual a do avião, a da bomba atômica.

**— A crise econômica resultará em quê?**

— Crise econômica gera alternativas, que vão dar possibilidade a mil coisas de acontecerem, mil maneiras de sentir e de pensar. Vão surgir coisas que estão latentes nessa sociedade, que estão reprimidas. Então, não vamos fazer uma troca (tira-se o que está ruim e está no poder, trocando por outra porcaria). Se florescem várias alternativas, pelo menos o panorama é mais rico do que uma troca de posições.

**— E a abertura política?**

— Mesmo que a atual abertura não seja "a" abertura, existem várias brechas e isso até é mais interessante. Eu acho que essa zona que está aí, pelo menos pode dar a essa nova geração uma complexidade que a gente não teve.

**— Se a Universidade não faz mais diferença, o que é que este pessoal pode fazer?**

— Acho que têm várias pessoas conseguindo fazer coisas por outros caminhos, como no caso da gente, em teatro. Eu acho que há experiências que você não precisa viver, que você sabe que não tem nada a ver. Para que você vai perder os melhores anos da sua vida? Se você vai ficar insatisfeito depois, pelo menos não perca aquele tempo.

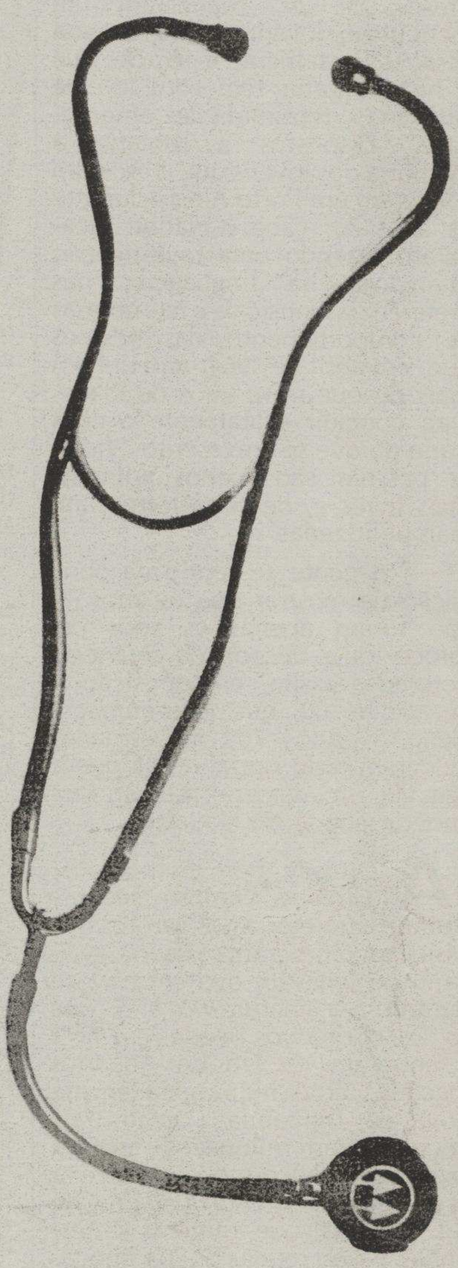
**— Entre as várias políticas que se fazer, existe até a troca de alimentação...**

— Trocar carne por queijo quente não adianta. O que eu fico preocupada é com o teu tipo de vida ser compatível com a nova alimentação. O ideal é que você tivesse um grau de tranqüilidade para que o teu ritmo de vida fosse legal, mas você pode tentar melhorar. Cada um deve encontrar a sua fórmula. É mais importante você deixar de comer porcarias do que se enquadradar em uma dieta macrobiótica, vegetariana ou qualquer outra.

**— E a liberação sexual como política?**

— Do que eu fui programada para ser, para o que eu estou vivendo, houve muita mudança. Virgindade, por exemplo, tinha um peso enorme e agora nem se discute mais o assunto, já pintam outros problemas. A família também mudou. As pessoas sabem que podem batalhar a sua própria felicidade, não precisam ficar o resto da vida num esquema que não está legal.


UMA COOPERATIVA DE MÉDICOS



A segurança de um atendimento com cobertura em todo o território nacional.
A qualidade do *Sistema Unimed* com atendimento no próprio consultório particular do médico escolhido.
O custo mais baixo, conseqüências de um sistema sem intermediários.
Estes são os fatores que fazem do *Sistema Unimed* o melhor para a Assistência Médico-Hospitalar da sua empresa ou família.

UNIMED

Porto Alegre — RS
Rua Santa Terezinha, 345
Fones: 31-1162 e 31-1677

# O SUCESSO DOS ANOS 70

**Eduardo Bueno**

## *Num filme, outra versão dos tempos de sufoco*

Aplaudidíssimos e premiados pela direção de *Deu Pra Ti, anos 70,* o melhor super-8 do último festival de Gramado, Nelson Nadotti, de 23 anos, e Giba Assis Brasil, de 24, realizaram um meticuloso levantamento de sua geração, justamente a geração que a historiografia tem rotulado de frustrada, reprimida e amordaçada. Dispostos a resgatar a memória dos jovens que cresceram e viveram em Porto Alegre durante os anos 70, Giba e Nadotti acabaram fazendo uma investigação minuciosa na linguagem, nas preferências musicais e nas normas de comportamento das pessoas que, em abril de 1964, não tinham mais de que nove anos de idade. Para concluir exatamente o contrário do que se tem escrito: "hoje, as pessoas são menos griladas, mais livres e, de certa forma, até mais politizadas".

— A gente se sentiu na obrigação de mostrar que os anos 70 não foram apenas *os anos do sufoco* ou *a década da infância*. Rotulados assim, em oposição a década de 60, que teria *mudado tudo,* os anos 70, na verdade, mudaram tudo outra vez. E quem não viu isto, vacilou, perdeu dez anos da vida — diz Nadotti.

Atentos e bem humorados, Giba e Nadotti reconstruíram a trajetória dos garotos que assistiam o programa Flávio Cavalcanti ou jogavam ovo em travesti durante a assinatura do AI-5; que só descobriram os Beatles em 1971 e entraram na Era de Aquarius jogando cartas numa garagem na praia de Tramandaí. Detalhistas, desenterraram relíquias — como a expressão *boko-moko* ou a açucarada *Rock'n'Roll Lullaby,* de B.J. Thomas, que animava as festinhas — ou *reúnas* — da época. Depois do prêmio e dos elogios de Gramado, lotaram semanalmente o auditório do Clube Cultura de Porto Alegre com um público fiel e apaixonado, que se identificava em cada momento do filme.

— Tá certo que a ditadura nos bloqueou o acesso a um monte de coisas — lembra Giba. Mas isto não fez com que a gente morresse. Nós acontecemos nos anos 70. E achamos preferível mostrar as nossas estratégias para vencer a repressão do que ficar



repetindo *ad nauseum* que a repressão foi culpada disto e daquilo.

Alheia à tortura e às tramas da política até fins de 75, eufórica com o milagre — foi justamente nos primeiros anos da década que a cadeira de Educação Moral e Cívica ressurgiu nos currículos do primário e do ginásio —, simpática à risonha imagem oficial de Garrastazu Médici até quase o fim de seu mandato, a geração retratada por Giba e Nadotti, no fim das contas, nunca passou pelo sufoco que lhe é normalmente atribuído. Desconfiados, os dois sugerem uma outra origem para esse estereótipo:

— A geração de 60, ou pelo menos o pessoal que se diz herdeiro dos movimentos sociais que surgiram na década de 60, um pessoal que hoje anda por volta dos 30 anos, detém o poder de escrever e se expressar. Eles ocupam muitos espaços no jornalismo, nas redações, no teatro e no cinema. Para eles, sim, os anos 70 foram anos de sufoco. Por isso, eles difundiram essa idéia. A gente lamenta que eles tenham desperdiçado uma década inteira.

— Mas, de repente, a gente até deve perdoá-los — diz Pedro Santos, 21 anos, diretor e ator da peça *School's Out* e ator principal de *Deu Pra Ti*. — Afinal, este pessoal passou mesmo por umas barras bem pesadas, o que nunca pintou conosco. Nós temos uma cabeça muito menos sofrida.

*School's Out,* a melhor peça do ano passado em Porto Alegre, faz parte, junto com *Deu Pra Ti* e com o show *Verde,* de Ney Lisboa, Agostinho Licks e Boina, do Projeto *Viva Coisa,* apresentado durante os três primeiros fins de semana de maio em Porto Alegre. Recriando o clima e as agitações dos primeiros anos de ginásio, a peça trata das experiências de um grupo dois ou três anos mais jovem do que o do filme. E de uma forma ainda mais debochada.

— O ideal seria juntar os argumentos do filme e da peça. Seria uma mistura perfeita — comenta Nadotti — *Scholl's Out* coloca melhor a festa que também foram os anos 70, tem um frescor muito significativo. Já o filme tem uma certa tensão durante os momentos de dúvida da geração.




*Assis Brasil, Nadotti, Ceres e Pedro Santos __ diretores e atores*

Criação coletiva do grupo *Vem dê-se Sonhos, School's Out* lembra demais *Trate-me Leão,* do grupo carioca *Asbrubal Trouxe o Trombone.* Mesmo tendo feito um curso e travando, até hoje, uma relação íntima com eles, o *Vem de-se Sonhos* não gosta muito de comparações com o *Asbrubal.* "Mas, de qualquer maneira, por que o privilégio? A gente acha que deveriam existir dez Asbrubals, e tudo bem. Se nós fomos favorecidos pela ditadura, que nos poupou, pior para ela. Hoje, a gente trama de todas as formas para derrubá-la".

E o poder de persuasão de *Deu Pra Ti* e de *School's Out* parece ser bem grande. É difícil encontrar lugar cada vez que o filme se apresenta. E a peça, recentemente, foi assistida por 460 alunos do 2º grau. Muitos deles foram ao filme também. E a defasagem de quase três anos com relação aos personagens não impediu uma enorme identificação.

— Isto porque até 1979, nós fomos a geração de 70. Agora, nós já somos a geração de 80 — diz Giba. Até colocamos um personagem no filme, a Margarete, que é exatamente isto. O importante é não cristalizar, continuar dando um seguimento às coisas.

Nadotti e Giba preparam outro roteiro; o *Vem dê-se Sonhos,* outra peça. Querem relatar as suas expectativas para a década de 80. "O pessoal da nossa idade recém está saindo de casa e agora que começou a trabalhar de verdade. E atualmente, a repressão não é tanto política, é mais econômica. A grana tá curta, a garotada sem emprego. Isto está até resultando no surgimento de gangs violentas, semi-fascistas. A rapaziada de cabeça mais feita, no entanto, está vencendo isto com a criação de pequenas comunas urbanas. Em vez do Gueto de Praga, os anos 80 verão surgir uma praga de guetos, onde as pessoas buscarão vivências e experiências mais criativas. Mas o importante é que, em meio a tudo isto, a gente consiga manter a nossa imaturidade. É fundamental não ser maduro, continuar vendo a vida sem aquela seriedade rançosa que já fez tanto mal.

# UM CERTO INTIMISMO À FRANCESA

**Luiz Carlos Merten**

O poeta François Truffaut afirmou certa vez: "Um menino nunca responde quando lhe perguntam o que vai ser quando grande: vou ser crítico de cinema". O menino (ou a menina) também nunca diz: vou ser diretor de cinema. É possível que com Nadotti e seus amigos não tenha sido diferente. Eles também não sonhavam tornar-se cineastas quando meninos, mas desde a experiência do Clube de Cinema Humberto Mauro, com suas matinês de sábado à tarde no Bristol, em 1975 e 76, esse grupo se transformou num núcleo de indagação e pesquisa do cinema brasileiro em Porto Alegre.

Da discussão partiram para a prática, e a bitola superoito surgiu como uma opção inevitável, um pouco pelo aprendizado que ela proporciona, mas também por razões de economia. A consagração veio com *Deu Pra Ti, anos 70* no Festival de Gramado desse ano. Mas não foi um triunfo isolado: Nadotti e seus amigos já haviam se habituado a colecionar prêmios. Venceram a categoria superoito em Gramado mesmo, com *Sexo e Beethoven,* e foram os vencedores do Festival de Osório de 80, nas categorias superoito (*Doloroso Amor*) e documentário técnico-científico (*Amor Sem Dor*).

Nadotti e seus amigos são personalidades distintas, por certo, mas o que eles trazem para o cinema gaúcho e brasileiro é uma espécie de consciência de grupo, ainda mais acentuada do que aquela que unia Glauber Rocha e seus amigos de cinema novo ou Truffaut e seus amigos nos primórdios da nouvelle-vague. Os filmes variam bastante. Ora são assinados por Nadotti e Giba Assis Brasil, ora por Nadotti e Sérgio Lerrer ou Nadotti e Carlos Gerbase. Mas há muita coisa em comum em todos eles. Além dos mesmos atores, compartilham da vontade de testemunhar as mudanças de comportamento da juventude gaúcha dos anos 70.

Inconscientemente ou não, eles se rebelam ante a afirmação, tão generalizada, de que a década de 60 foram os anos que mudaram tudo e a década de 70 os anos do sufoco e da infâmia. Não, os anos 70 foram os anos da juventude de Nadotti e seus amigos e eles testemunham, com a sua criatividade, que com todas as dificuldades próprias de um período de sufoco e alienação política, a juventude amou, sentiu, sofreu e criou. Nesse sentido, *Deu Pra ti, anos 70,* como de resto toda a criação desses jovens, é uma revisão local de *Loucuras de Verão* e *Sem Destino.*

Os pontos de referência são o Bom Fim dos romances de Moacyr Scliar, o camping e o baseado. Os temas são, quase sempre, o amor e o sexo. E é isso, afinal de contas, que talvez distancie Nadotti e seus amigos do cinema brasileiro para aproximá-los de um certo intimismo à francesa. *Doloroso amor,* por exemplo, é um filme de Truffaut realizado à maneira de um filme de Godard: fulano ama fulana, que ama fulano, que não ama ninguém. As crispações do amor interessam a essa turma, e é falando sobre elas, sobre duplas, triângulos, retângulos e outras variações amorosas, que eles terminam dando, em *Doloroso Amor, Sexo e Beethoven* e *Deu Pra Ti,* o melhor testemunho sobre o sexo e a política dos anos 70 em Porto Alegre.

São filmes com defeitos, naturalmente, Alguns de ordem técnica: falta de foco, falhas no som, má condução dos atores (ou, melhor, dos amigos que participam das filmagens).

Outros, de ordem mais estrutural: falhas de roteiro, mais acentuadas em *Deu Pra Ti,* que ultrapassa a metragem média dos filmes em superoito para se apresentar como um longa-metragem. Nada disso, porém, impede a adesão do público a esses trabalhos, principalmente em *Deu Pra Ti,* que teve sempre casas cheias nas suas exibições no circuito paralelo portoalegrense. É que há tanto calor nas pequenas vidas filmadas por Nadotti e seus amigos, que os filmes se tornam quase atos de cumplicidade com o público. O crítico Hiron Goidanich (Goida) definiu bem: são retratos do artista quando jovem, em que podemos nos projetar todos. Deu pros anos 70. Que a década de 80 seja, agora, a década da afirmação de Nadotti e seus amigos.




# UFA! O GRÊMIO É NACIONAL

Foram longos e penosos os tempos de opressão do Grêmio. Obrigado a uma rivalidade com o Internacional, que tem sido em última análise a própria essência do futebol gaúcho, o Grêmio viu-se ofendido, vilipendiado em seu orgulho quando o grande adversário regional conquistou três títulos nacionais. Como era possível admtir que uma igualdade em honrarias e prestígio, vivida em uma história de tantas décadas em que os títulos da cidade e do Estado eram divididos palmo a palmo entre os dois grandes clubes, tivesse assim sofrido tão grande desequilíbrio com a saliência nacional e internacional da agremiação do Beira-Rio, que se jactava de ser campeã nacional três vezes, contra nenhuma do Grêmio?

Foram angustiantes os anos 70 para os gremistas, o Brasil inteiro saudava e louvava um Internacional que era o melhor time da década. Nas manchetes, comentários e notícias dos jornais, debaixo de um orgulho provinciano, vinha sempre intromedida uma flauta colorada: o futebol gaúcho era o melhor do Brasil nos anos 70, tanto que conquistara três títulos brasileiros. E os gremistas se perguntavam sobre que contribuição havia dado o seu clube para aquela glória.

As crianças tinham vergonha de dizer nos colégios que eram gremistas. Com meu próprio filho acontecia isso. Não raro ele chegava em casa a chorar ou de cabeça baixa, dizendo que seus colegas de classe não lhe perdoavam ser gremista e caçoavam de sua sina de torcer para um time que nunca tinha sido campeão nacional. Muitas dessas crianças gremistas, ainda não convictas de sua fé clubística, cediam diante das pressões e passavam a ser torcedoras do Internacional.

Era insuportável o ultraje. Criou-se em torno do gremismo — e eu devo ter sido um dos intérpretes mais insistentes desse sentimento — uma obstinação em torno à conquista de um título nacional. A raça gremista não se confoirmava com o opróbio de ter que coabitar na mesma cidade com os colorados ufanistas e pretenciosos, que no cotidiano das ruas atiravam nos rostos dos rivais a insolência da superioridade incontestável. E, como que a ainda mais incendiar a humilhação, lá dentro da alma de cada gremista havia uma certeza: o Grêmio não era inferior ao Internacional, faltava apenas a oportunidade de demonstrá-lo, claro que apoiada no talento dos que dirigem o clube e na indômita vontade de um torcida que tudo fazia para tirar o Grêmio da desvantagem ignominiosa.

Eis que a confirmar toda a certeza da nação tricolor de que a destinação do Grêmio era a glória nacional, o 3 de maio de 1981, com o Brasil inteiro voltado para o Morumbi, serviu para o povão gremista como o 13 de maio de 1888 para os negros brasileiros ou o Dia da Queda da Bastilha para os franceses: a libertação. Desamarrava-se o Grêmio e a sua torcida dos grilhões infamantes de jamais ter tido conquistas que não se limitassem ao Estado em que nascera. O Grêmio era campeão de todo o Brasil e igualava o feito colorado, com um detalhe de vantagem que seria citado por todos os seus torcedores: ganhara a batalha final no terreno do inimigo, lá na capital paulista.

É isto que os gremistas se sentem agora: livres, iguais e até mesmo superiores, à medida em que ostentam o título, saboreiam a atualidade da glória. E têm diante de si a perspectiva de até superarem a glória colorada, eis que o feito nacional credenciou o clube do Olímpico a poder vir a ser campeão da América, tentativa fracassada do Internacional em três oportunidades.

A libertação do Grêmio, é o que transpira o Grêmio. No rumo de passos ainda maiores. E ironicamente, essa libertação aconteceria na mesma terra em que o próprio Brasil declarou sua independência: o Morumbi fica a pouca distância do Arroio Ipiranga.

**Paulo Santana** (gremista praticante no jornalismo de Porto alegre )

# *Dez dias civilizados*

**Ruy Carlos Ostermann**

*Um viagem deste tamanho, por cidades e estádios tão imponentes, acaba determinando uma espécie de constrangimento civilizatório: fala-se mais baixo, come-se devagar, mastiga-se de boca fechada, usa-se o guardanapo e ninguém sobe correndo as escadarias nem grita para o outro lado da rua como se estivesse comandando a descarga de um trator no cais do porto, sem megafone. Falo do significativo contingente de repórteres e comentaristas que acompanha a delegação de futebol da CBF e que segue uma orgulhosa pauta de trabalho que não inclui senão esporadicamente os efeitos destas cidades sobre os jogadores; as perguntas continuam sendo sobre o time, o clube que ficou para trás, o contrato que está por ser renovado (Zico, que estava assim com o Flamengo, respondeu diariamente a mesma pergunta sobre o novo contratrato e sua anunciada transferência para o Milan, da Itália) e o acerto da Seleção. Uma viagem de futebol repete sempre o que se faz todo o dia no Brasil.*

*O futebol, aliás, é uma atividade repetitiva. Quase sempre é a mesma coisa: pé torcido, irritação com o fisicultor, dor de barriga, cansaço muscular, quanto vai ser o prêmio, e as mesmas piadas sobre as imbecilidades que são ditas ou observadas. Repete-se um universo igual o tempo todo. E nada é feito para ao menos agitá-lo um pouco.*

*O atentado contra o Papa na Praça de São Pedro surpreendeu o grupo na frente da televisão, no luxuoso hotel Mediterranée. Uma imagem rápida, distraída quase no passeio da câmara acompanhando o Papa entre a multidão no seu jipe branco com parapeito, deixou-os perplexos e irritados com a violência. Um dia depois entravam em campo no Parc de Princes num subúrbio de Paris e ganhavam despreocupadamente da Seleção Francesa muito cerimoniosa e pouco competitiva. E não se falou mais no Papa e nem foram perguntados tampouco.*

*O fato de ter sido proibido o treino da Seleção no Parc de Princes porque os muros internos, paredes e setores das arquibancadas estavam pichados com frases contra Mitterand, já eleito presidente da França, frases do gênero Mitterrand ladrão e que outras, não foi muito comentado. Lamentou-se que o campo não pudesse er examinado antes do jogo, como é praxe no futebol de excursões. E a grama que havia sido pisoteada e arrancada pelos partidários do prefeito gaullista Chirac, já derrotado no primeiro turno das eleições e depois dedicado a flagrante apoio a Giscard d'Estaing, não prejudicou nada também. A relação entre estes partidários no estádio da municipalidade e as frases escritas nos muros e paredes internas não foi feita e durante todo o jogo não houve qualquer manifestação política que pudesse parecer um desagravo ou uma comprovação de como a França estaria modificada a partir daquela eleição. Antes do jogo, Pelé recebeu do jornal L'Equipe, especializado em esportes e emocionado defensor do futebol brasileiro, o título e o troféu de Campeão do Século mesmo que ainda existam mais 19 anos de esportes e desportistas naturalmente. Num impulso, abandonou o palanque especialmente montado, deixou nas mãos de um dos diretores do jornal o troféu, e saiu a dar a volta olímpica jogando beijos para os torcedores num impecável terno beje, gravata e sapatos marrons. Aquela noite era rigorosamente esportiva e emocionada. O lugar das outras coisas ficou reservado para o dia seguinte.*

*Em Stuttgart participei de uma idéia fascinante: o jogo Brasil e Alemanha coincidia com a apresentação do Ballet de Stuttgart com o Lago dos Cisnes; o corpo de baile é dirigido pela brasileira Marcia Haidê e ocorreu ao pessoal da Globo com quem bebia cerveja no bar do Zepellin que se poderia fazer uma superposição de imagens no intervalo __ os passos delicados do ballet da brasileira entrelaçados eletronicamente com os enérgicos movimentos dos jogadores brasileiros e alemães. Não deu certo mas justificou algumas críticas ao sentido elitista da proposta, e mais uma rodada de cerveja gelada de colarinho irrepreensível como um creme.*

*Antes do jogo os policiais estavam agrupados no centro das arquibancadas do Neckarstadion e, a um comando extensivo para quem estivesse num lado ou noutro, iniciaram uma minuciosa busca de prováveis bombas introduzidas na frestas de cada lance de arquibancada. Não encontraram nada. Pouco depois chegava o público e também não houve nada além da vitória da Seleção de Telê Santana. O futebol em Londres, Paris e Stuttgart é o mesmo de Porto Alegre, Caxias e Pelotas. E se ao leitor parecer que é uma afirmação alienada e medíocre modestamente encareço que tomem um avião e sigam atrás da Seleção. Serão dez dias civilizados, claro.*

Agora, a assistência odontológica também pelo sistema cooperativo.

Isto significa que você pode ter consulta e tratamento odontológico com hora marcada e por um custo mais baixo.

Procure a UNIDONTO Porto Alegre e conheça seu plano de assistência familiar.

unidonto
PORTO ALEGRE
sociedade cooperativa de serviços odontológicos ltda.

Unidonto Porto Alegre Fone 24-5380
Av. Borges de Medeiros, 596 4° andar G. 42

# santiago

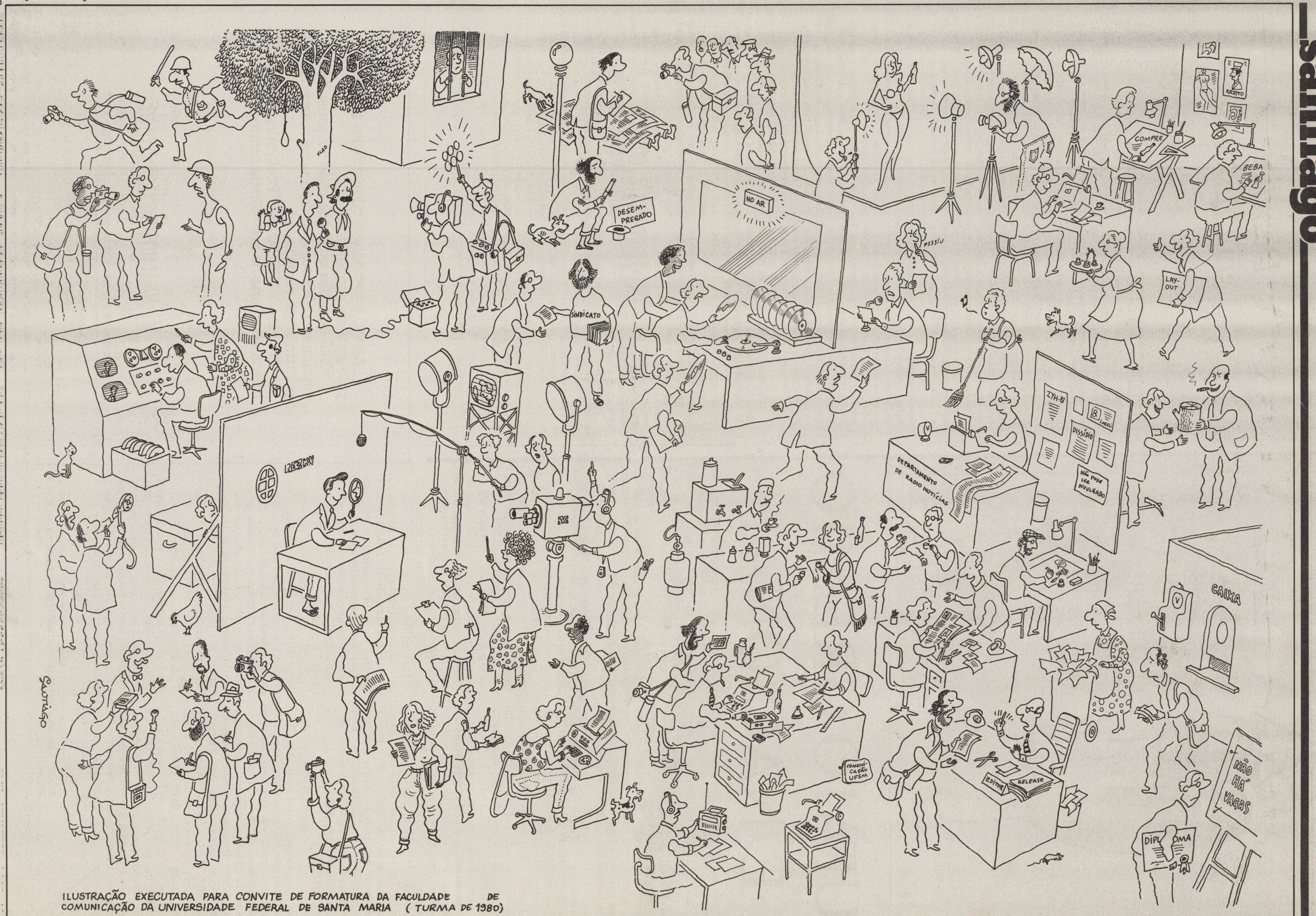



ILUSTRAÇÃO EXECUTADA PARA CONVITE DE FORMATURA DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (TURMA DE 1980)

# ESTA AÍ O VERDADEIRO BANCO DAS COOPERATIVAS

Apenas poucos dias antes de sua instalação oficial, a 29 de maio, é que surgiram as primeiras informações sobre a Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul. "Desta vez nós fizemos tudo na moita", conta o presidente eleito Verno Neumann, feliz porque a criação da cooperativa central foi antecedida de anos de espera e insucessos.

Razões para o sigilo e a posterior alegria não faltam. Afinal, só com a discreção foi possível evitar velhas pressões e problemas políticos, já que a fundação da central, por nove das 12 cooperativas de crédito gaúchas, talvez esteja iniciando um novo modelo de crédito, já chamado de Sistema Integrado de Crédito Rural Cooperativo, capaz de tirar gordas fatias das operações — e dos lucros... — tradicionalmente realizadas pelos bancos comerciais.

Logo devem surgir os primeiros resultados: a expectativa é de que até o final do ano estejam instaladas, e operando, cerca de 50 novas cooperativas de crédito rural no Rio Grande do Sul. Mário Kruel Guimarães, vice-presidente da Fecotrigo e técnico em cooperativismo de crédito rural, garante que este número será atingindo, mesmo com a inversão da pirâmide tradicional: em vez da central surgir a partir de cooperativas simples, aquela é que provocará o surgimento destas. Para tanto, a cooperativa central, com o decidido apoio da Fecotrigo (em cujo edifício funciona, na Rua Andrade Neves, 106, em Porto Alegre), se utilizará das cooperativas de produção, que deverão promover a instalação das de crédito em suas cidades.

O objetivo inicial é concretizar uma sonhada integração entre as cooperativas. "A grande maioria das cooperativas de crédito rural estava em completa decadência", conta Guimarães. "Convocadas, nove delas se reuniram e concluíram que deveriam apoiar a tese da integração com as cooperativas de produção, sob pena de desaparecerem inapelavelmente".

### AÇÃO ENTRE AMIGOS

Acontece que as cooperativas de crédito foram pouco a pouco, nos últimos 20 anos, sendo asfixiadas pelo Banco Central — elas que foram fortes e pioneiras no começo do século, quando inauguraram o cooperativismo no Brasil. Ultimamemente eram pouco mais que uma ação entre amigos para empréstimo de dinheiro — em que os cheques que elas tinham autorização para emitir não eram aceitos pelos bancos convencionais.

Agora terão condições práticas de se fortalecer. Kruel Guimarães exemplifica: "A integração visa justamente servir ao agricultor quando da entrega e venda das produções, por exemplo. Com o Sistema de Crédito, a cooperativa de produção, em vez de pagar ao agricultor com cheques da rede bancária, creditará junto à cooperativa de crédito seus haveres, e este irá retirando, na medida de suas necessidades". E como é a cooperativa de produção quem praticamente fornece ao agricultor todos os bens de que carece, ocorrerá um sistema muito mais contábil do que físico, de movimentação dos recursos, do qual sempre sobrará para aplicação em novos empréstimos.

Conforme a disponibilidade de recursos e dependendo de seu capital de giro, a cooperativa central poderá aumentar ou diminuir os juros cobrados por empréstimos aos agricultores, que, de qualquer forma, deverão ser sempre inferiores aos altos juros hoje cobrados. Dentre os planos já estão o financiamento para habitação rural e o crédito para aquisição de terras.

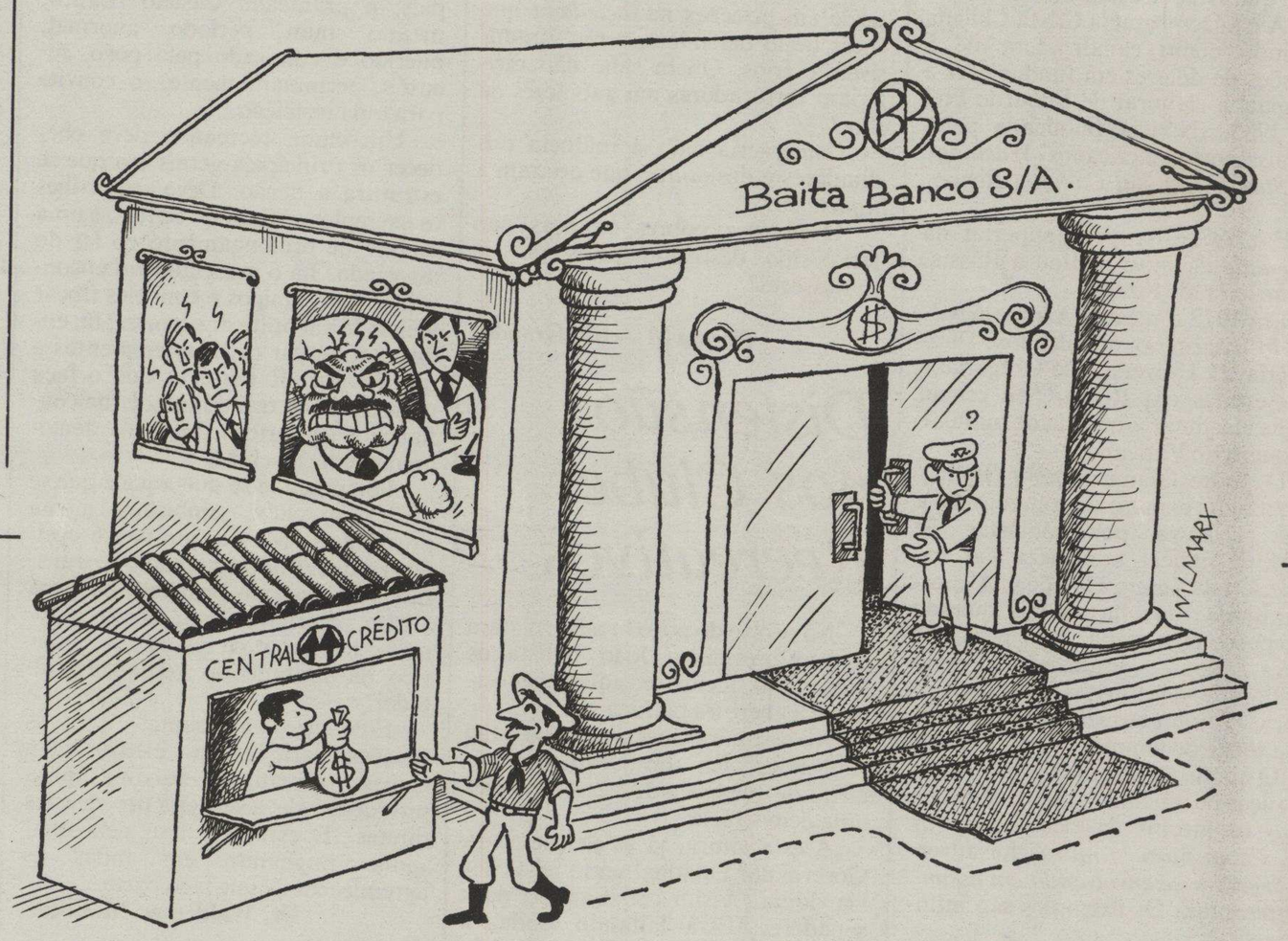
É aí que poderão começar a surgir problemas com bancos públicos e privados, mas serão inevitáveis. O presidente Verno Neumann, que também dirige a mais antiga cooperativa de crédito rural brasileira, em Nova Petrópolis (a 110 quilômetros de Porto Alegre), diz que um dos objetivos da central é complementar as ações tanto do Banco do Brasil como do Banco Nacional de Crédito Cooperativo. Hoje só as cooperativas rurais gaúchas repassam aproximadamente 120 mil créditos do BB aos pequenos produtores. Isto representa bilhões de cruzeiros por ano, que agora serão repassados pela central.

Os bancos privados é que serão os maiores prejudicados, porque geralmente captam muito mais do aplicam nas zonas de produção. Com o funcionamento eficiente das cooperativas de crédito, grande parte dos depósitos da zona rural será desviada dos bancos privados.

A fórmula pode parecer ousada, mas, ao dar início a um sistema integrado de crédito rural, o Rio Grande do Sul não está sendo nada inovador. Países como a Alemanha, França, Estados Unidos e Argentina têm seus sistemas financeiros fortemente apoiados nas cooperativas de crédito rural. A Alemanha, por exemplo, tem cerca de 12 mil cooperativas deste gênero instaladas em pequenos postos no interior do país. Mais da metade da economia passa pelo sistema cooperativo, que tem um dos bancos mais fortes da Alemanha.

A Holanda tem, num território que é um terço do Rio Grande do Sul, cerca de 1.300 cooperativas singulares de crédito rural, com mais de três mil agências. Portanto, o caminho já estava aberto há muito tempo...

**Elaine Lerner**




## MUDANÇAS

## *A Cepal busca seus sócios para crescer melhor*

A Cepal — Cooperativa dos Estudantes de Porto Alegre — é a maior cooperativa do gênero no Brasil, com 106 mil associados. Nascida em 1944, como uma pequena lojinha para vender material escolar, obteve um grande sucesso como empresa, tendo hoje cinco lojas que movimentam quase Cr$ 1 milhão por dia. Mas falhou no fundamental: desenvolveu-se sem a participação do associado.

Os responsáveis pelo crescimento da cooperativa foram os funcionários contratados e, felicidade sua, os dirigentes eleitos, que sempre a conduziram bem, segundo estudo recente feito pela Unisinos — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, na Grande Porto Alegre. Que constatou uma situação sui-generis: embora crescendo e alcançando uma boa situação econômica, a Cepal não é uma empresa comercial de direito e de fato também não é uma cooperativa, onde o associado, dono e usuário, participa na determinação dos fins e na fiscalização e controle de sua organização.

Exemplo disto é que a Cepal já teve assembléias gerais com a participação de menos de 30 pessoas — e agora está sob intervenção do Incra (órgão do Governo fiscalizador das cooperativas ) apenas porque na última assembléia em setembro do ano passado, houve desacordos entre duas chapas concorrentes à Diretoria, e a eleição acabou não se realizando.

Foi para tentar mudar esta quadro que a atual direção da cooperativa, coordenada pelo interventor João Batista Pinzon, técnico do Incra, contratou a Unisinos para implantar um projeto de reestruturação que objetiva aumentar a prestação de serviços e integrar o associado. A tarefa fundamental compreende o trabalho de comunicação e educação cooperativa: a Cepal quer conscientizar o associado sobre seus direitos e deveres cooperativos e sobre "os benefícios que a prática cooperativa responsável pode proporcionar".

A prioridade dois será dada para o estudo e planejamento da reformulação administrativa e da adequação das instalações da lojas da Cepal às exigências do comércio moderno e da expansão das atividades operacionais, mediante a implantação de filiais e pontos de venda.

Em tempo: o interventor João Pinzon, adepto do cooperativismo e condutor destas mudanças, deve deixar a direção da Cepal até o final do ano, quando serão realizadas as eleições para a nova diretoria.

**José A. Vieira da Cunha**

## COMUNICAÇÃO

## *Cooperativismo ganha dois novos jornais*

Dois jornais surgirão este mês tendo como objeto principal o cooperativismo, sistema ao qual estão integrados hoje cerca de sete milhões de brasileiros. Um deles é o *Folha da Terra,* em Brasília, e outro o *O Interior,* no Rio Grande do Sul.

O jornal *Folha da Terra,* com 16 páginas em tamanho standart, vai substituir a *Revista OCB,* que circulou durante três anos mantida pela Organização das Cooperativas Brasileiras. Projeto caro e sofisticado, a revista não estava atingindo seus objetivos — levar o debate sobre o cooperativismo social a todas as cooperativas, principalmente a seus dirigentes.

Mantido também pela OCB, que dispõe para isto de verba de órgãos públicos, como o Incra, o jornal pretenderá ser mais ágil e atingir um público maior. Começará com uma tiragem de 50 mil exemplares mensais e vai acionar correspondentes em todas as partes do País (utilizando-se principalmente dos jornalistas que já trabalham em veículos editados por cooperativas).

O jornal *O Interior,* de Carazinho, interior do Rio Grande do Sul, circula há seis anos com uma tiragem média de 15 mil exemplares por semana. Mantido pela Fundação da Produtividade, entidade criada por seis cooperativas de produtores de trigo e soja, o jornal parou em maio para uma reestruturação: voltará a circular no fim deste mês integrado num projeto maior de comunicação da Fecotrigo (entidade de representação política de 67 cooperativas gaúchas, que têm cerca de 200 mil agricultores associados).

Espalhadas por nove regiões do Estado, as cooperativas associadas à Fecotrigo atingem, calculando-se também os dependentes, perto de um milhão de pessoas. Isto levará *O Interior* a editar cadernos específicos para cada região, para o que tem um plano de instalação de sucursais.

Atualmente o jornal tem apenas uma redação de cinco pessoas em Carazinho e uma pequena sucursal, com duas pessoas, em Porto Alegre.

# *Anchieta: escuridão, lucro e desamor*

Sempre comprei o **Coojornal.** Acompanhei todo o caso *Anchieta.* Sou professora e fiquei revoltada com o afastamento de professores.

Resolvi escrever.

Professores do Anchieta foram despedidos? Será que alguém acreditava que o fato não acontecesse? Quem são os jesuítas?

A *Sociedade de Jesus* fundada por Inácio de Loyola (1491-1556), rica e poderosa, dona de bilhões de ações, imóveis e outros negócios nefastos, jamais esteve preocupada com a miséria e a fome. Uma *sociedade* que institucionalizaou o lucro e o poder não pode ser *cristã,* Jesus se fez pobre. Onde há riqueza há exploração, crueldade e disputa.

Na Suíça capitalista, os jesuítas estiveram por décadas proibidos de exercerem o magistério. Eram acusados de *disputadores de poder, através da educação das elites.*

O jesuíta belga Roger Vekeman foi o que estabeleceu a conexão entre a CIA e a Democracia Cristã Chilena servindo como canalizadora de 5 milhões de dólares em fundos para a campanha eleitoral de Eduardo Frei em 1963. (Notícia publicada pelos jornais norte-americanos *Washington Star* e *National Catholic Reporter*).

Em 1971 Arrupe o superior da *Sociedade de Jesus* visitou a Rússia. O que teria ido fazer?

Em 1972 o mesmo Arrupe *expulsou do magistério* o padre José Díez-Alegría da Universidade Gregoriana dos jesuítas em Roma. Seu crime, apenas lastimar a miséria de muitos e a riqueza do Vaticano.

O padre Gianni Novelli (Itália) também foi expulso da congregação a que pertencia por contestar de maneira radical a riqueza das *sociedades* da Igreja Católica. A mesma Igreja, que há séculos quando percebeu apavorada que perdia o *poder* criou a inquisição. Foram séculos de dor, gritos, desespero e morte. Teriam esquecido Jesus? E os *vendilhões* do templo?

O abade Franzoni tentou levar as crianças de um bairro pobre de Roma para os jardins da rica *Basilica di San Paolo fuori le mura,* foi advertido: *estava se envolvendo em assuntos terrenos.* Os exemplos são infindáveis.

Um basta às mentiras e aos mitos. Jesus foi condenado na luta contra o acúmulo, a avareza e o roubo.

O que fazia Paul Marcinkus em Chicago há alguns anos? O que faz agora no Vaticano?

Os pais que colocaram seus filhos no Anchieta lutaram contra os jesuítas? Os professores são escolhidos com extremo cuidado, sempre obedientes, defensores do sistema e jamais com idéias próprias. Uma escola que deu provas conretas de formar continuadores da dominação, adeptos de consumismo e do lucro, nada preocupada em formar espíritos humanos, criaturas capazes de serem os multiplicadores do que de bom e puro existe no mundo e que descobriram na escola.

A busca da verdade assusta os poderosos. Qual a verdade que assusta? A que explica o porquê da tortura, da riqueza e da miséria.

Mil glórias aos professores que ensinaram a verdade. Um cochilo dos jesuítas e os professores foram demitidos. Não há outra explicação para o fato. Só os professores poderão responder o que deveras aconteceu.

Lastimamos as crianças pelos pais que possuem. Alguém disse uma vez: "o que acontece quando uma estupidez luta contra a outra"?

Mostrar vilas aos alunos? É terrível. Contratem professores que explicquem a miséria com subterfúgios, as artimanhas para acumularem cada vez mais quando deixarem a escola, como serem *servos* dedicados de banqueiros e multinacionais, como ser ditador e a arte de torturar.

Meu Deus, quem poderia esperar outro final? O *príncipe* influiu na decisão? Salve.

Vamos perdoar o príncipe e os jesuítas *desamodos.* Os professores afastados estão livres das paredes sem odor de sebo de velas, de mal e desamor.

Jesus nasceu pobre, filho de operário e não quis reino, poder e dinheiro. Os contrastes que confundem estão aí, terríveis: o latifúndio e a favela, Jesus e os palácios do alto clero, o cardeal e o missionário, a freira no hospital e um Marcinkus.

É o momento para mudar. O que sempre foi deverá ser diferente. Os famintos são milhões e os poderosos poucos. A união para o bem contra a dominação e os mitos deverá modificar. Milhares, não milhões de brasileiros não ganham por mês o que um pai paga mensalmente ao Anchieta.

Jesuítas e os pais que caíram no *estouro...* são iguais. Foi uma *cruzada* inglória. Basta de desamor privilegiados pela *graça divina,* que vocês mesmos inventaram para tranqüilidade da própria consciência.

Vocês venceram saltitantes mulheres. Os filhos de vocês mais tarde em posições na *sociedade* que vocês tanto defendem, serão insensíveis e frios. Quem sabe não dirigiriam torturadores em gabinetes de *elite?*

Como teria sido a infância dos ditadores e dos *santos* que criaram a *inquisição?*

O *eu* das pobres crianças não teria sido destruído pelos pais e professores?

**Norma M — Rio Grande.**

# *Distensão nos Clubes Recreativos*

No débito do povo brasileiro, para com o presidente João Batista de Figueiredo, inclue-se, aquele concernente à abertura política.

Ao assumir o governo, todos estão lembrados, fez um juramento público, de que havia de fazer deste país uma democracia.

A esta altura, já as eleições para Governador Estadual serão feitas por via direta. Assim como aquela para senadores. Está faltando ainda, a eleição direta para Presidente da República.

É possível que o malfadado sistema, haja influenciado, em todos os setores da comunidade privada. Não será possível que os métodos ditatoriais tenham servido de paradigma a grupos e sociedades civis. É mesmo de admitir-se que uma concepção diferente do exato sentido de sã democracia, passou a dominar, no setor privado, sobretudo nesta cidade do Rio de Janeiro, os administradores de sociedades recreativas.

Observa-se, nos dias atuais, uma obsedante preocupação de perpetuação no poder.

Mas o tempo é o inexorável denominador de todos os fatos e acontecimentos. Tudo evolue. As gerações se sucedem. Esquecem-se esses avarentos do poder que os novos trazem novas idéias. Mas como mudar a mentalidade já ultrapassada dominante num clube, a não ser pela renovação constante de seus dirigentes?

Dirão os componentes dessa minoria, que eleições são realizadas. Mas, de forma toalmente distorcida.

Numa grande maioria de clubes desta portentosa cidade, as eleições, não passam de burla, imposta pela agilização de uma minoria atuante, à vontade democrática dos associados.

Os dirigentes são eleitos, não pelo voto direto, e, sim, por grupo sempre escolhido a dedo, que se encobre numa designação pomposa de *Conselho.* Conselho ou cartas marcadas. A entravar, impedindo de maneira total, a vitória do outro grupo.

Há destarte, a vitória certa. Esses minoritários sucedem-se uns aos outros, quase sempre comandados por figura autoritária, que, por trás das cortinas, tudo manobra.

Costuma haver chapa da oposição. Composta de idealistas que sonham uma reação contra a monopolística perpetuação no poder.

Só há um meio plausível para representar, de fato, a vontade dos associados. A eleição direta. Eleição que represente, não a vontade de um insignificante grupo, mas de todos os associados, sem exceção, em condições de votar. A constituir o transunto da manifestação da verdadeira maioria. Hão de mirar-se no espelho da atitude do presidente João Batista Figueiredo. Não no vórtice dos cambalachos.

Existem outras anomalias que instam serem afastadas porque são repudiadas pelo consenso geral. Refiro-me a reeleição. Reeleição completamente contrária às nossas tradições. Entre nós, nos períodos de normalidade política, sempre foi, constitucionalmente, proibida, a reeleição para cargos de administração.

Um dos presidentes mais ilustres, dentre todos os governantes deste país, o pranteado Castelo Branco, mesmo num período anormal, querido e admirado pelo povo, recusou, terminantemente, o convite para uma reeleição.

Um clube recreativo deve obedecer os princípios gerais em que se estrutura a nação. Deve seguir-lhes os exemplos. Afinal de contas, é uma espécie de prolongamento do lar do associado. Lá o associado vai encontrar os seus amigos e com eles trocar idéias: lá vai praticar esportes; lá, enfim, vai buscar os entretenimentos a que faz jus. É razoável que o faça num clima de tranqüilidade, de confiança e de certeza de que a democracia reina no clube.

Compreende-se que aquele que se dedica ao clube, ambicione a sua presidência. Mas o que não é aceitável é que, findo o mandato, o transfira para parente próximo, ou para algum *factotum,* que, como autômato, não passe de teleguiado, a serviço da vontade do verdadeiro ditador.

Entendo, em suma, que as eleições para cargos eletivos, em clubes recreativos, *maximé* para presidente, deva ser feita por eleições diretas. E esta é a tese pela qual venho pugnando em todas as agremiações de que faço parte.

**Dr. Waldemar M. Couri**

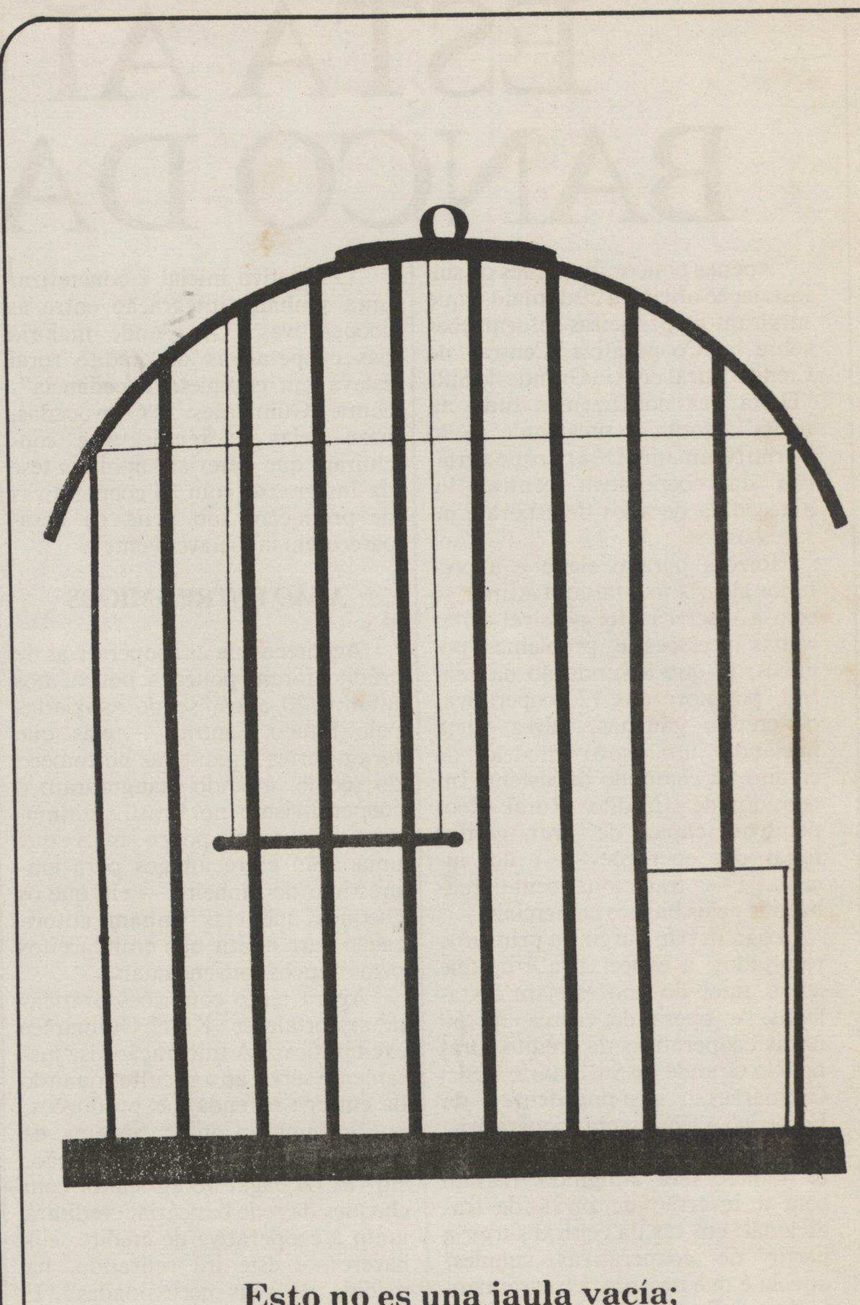
# *Nostalgia dos Antigos Carnavais*

A propósito do artigo *Que Saudade dos Carnavais de Antigamente* com o subtítulo *Delfim, Maluf e as mordomias não escapariam a um bom samba,* publicado no **Coojornal** nº 62, em que Juarez Fonseca se lambuza num saudosismo danando (talvez, em alguns aspectos, com razão, pois verdade é que tanto o carnaval quanto muitos outros setores da sociedade brasileira — esportes, televisão, etc. — a partir dos anos 60 foram atrelados — e controlados — ao sistema que se prolonga até os dias atuais, onde se faz uso da mais variada gama de recursos para dirigir e controlar o comportamento das massas e, assim, obter o *resultado* estabelecido como objetivo) aqui segue algo que se enquadra, pelo ao menos em parte, com os carnavais de até duas décadas atrás.

Trata-se de dois blocos carnavalescos, que no carnaval 81 em Nova Prata (RS), se enquadraram nos parâmetros do 'carnaval histórico': um deles o *Bloco Preto-Prata,* em flagrante sátira à Paulipetro que realiza prospecções petrolíferas em Nova Prata, de cujos integrantes ouvia-se expressões tais como: *Maluf gato, nô!,* entre outras; e o bloco *Salário Mínimo,* que, além de indumentária equivalente, se apresentou com uma música que se enquadra perfeitamente nas observações do Juarez Fonseca e, viu Fonseca, entre outros, quem levou também foi o Delfim. Veja í na letra (e música também) do Peleco, rapaz simples, alegre e que vive o dia-a-adia do povão brasileiro, nós todos *cá de baixo,* aguentando a titica dos *lá de cima.* Mata a saudade, vai Fonseca:

SALÁRIO MÍNIMO
Esse salário-mínimo
Não dá nem prá se comê
Se comra pão e feijão
Não sobra nem um tostão
Nesse tipo de comida
Pobre nem mais acredita
Tem gente racio(ci)nando
Com cabeça de cavalo
Não move nem carroça
Quanto menos essa 'joça'
Se funcionário abre a boca
vai pra rua sem razão
Se pede mais um tostão
É demitido (sai, patrão)
Os cás tão chegando ao fim
Vai com eles, vai Delfim.

**Andrreas Volos — N. Prata**



**Esto no es una jaula vacía;**
**sino un pájaro en libertad!**
**This is not an empty cage;**
**it is a bird set free!**

# *Agricultura Biológica*

Segundo reportagem publicada no **Coojornal** nº 62, fiquei satisfeito em saber do interesse do CNPO, em ouvir que os profetas da agricultura biológica tem a propor como opções e mesmo como solução ou encaminhamento lógico, da agricultura nacional.

Os profetas alertam sobre ocorrências e aberrações que neste ramo, vemos e vivemos todos os dias.

Estando sentindo os problemas levantados, só sinto, a falta de maior cobertura para essas idéias.

A finalidade primordial deste contato é solicitar a este jornal que me forneça o endereço dos participantes do encontro que foi objeto da reportagem acima citada.

Gostaria de manter contato com esses técnicos, principalmente para obter literatura sobre a agricultura biológica.

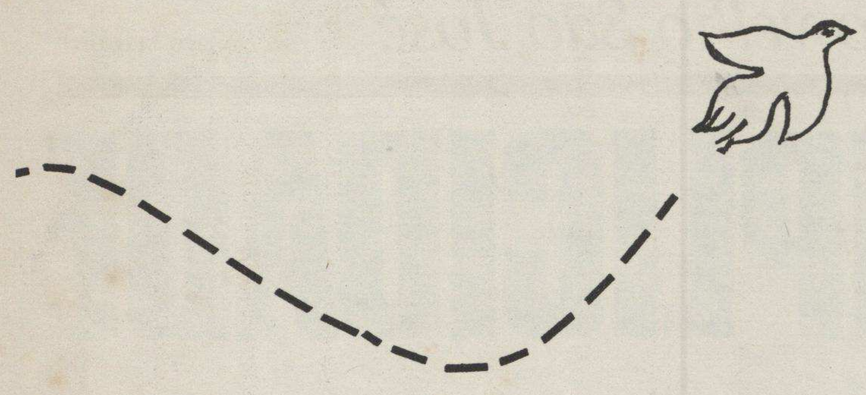
Atenciosamente

**Eng. Agro. Marco Antônio Malburg**

# *Nacional, só o ar que respiramos*

Lendo o **Coojornal** de março/abril, vi uma carta muito interessante de R.S. F. (Rio de Janeiro) com o título *Nacional, mesmo, só o ar que respiramos.* O interesse está no fato do jornal ter publicado uma lista das multinacionais. E é sempre bom para o consumidor saber se o que ele está comprando é nacional ou não. Nós, consumidores, de posse desta lista, poderíamos boicotar certas empresas e produtos.

Sei que fazer uma lista de empresas multinacionais é uma tarefa um tanto quanto arriscada. Não há



**1977—30 de abril—1981**

**¡4 años de Plaza!**
**¡4 años de lucha!**
**¡4 años de silencio!**

**En el Día de la Madre de Plaza de Mayo exigimos la aparición con vida de todos los 'detenidos-desparecidos'**

necessidade vocês serem explicitos, com tanto que divulguem... Está ótimo.

Uma queixa: saiam um pouco mais do âmbito regional, afinal vocês são muito bem aceitos nas demais regiões brasileiras.

**Eduardo Aguiar Ferreira. — Minas**

## *Cartoon antisemita*

Por considerar o jornalismo crítico da Imprensa Alternativa mais esclarecedor que o da Grande Imprensa, tenho o costume de adquirir em bancas diversas, títulos entre os quais periodicamente consigo o **Coojornal** (Banca Angélica).

Assim, apesar de não assinante mas leitor assíduo, tomo a liberdade de tecer uma crítica — que espero seja construtiva — sobre uma das matérias de sua última edição (nº 63, março/abril — 1981).

Nesta edição vocês, conscientemente ou não, enveredaram para um caminho perigoso, ao publicarem um *cartoon* antisemita, o qual, além de ferir emocionalmente pessoas normais (pois estamos no Brasil e não na Argentina), alimentaram o material de propaganda à disposição dos grupos terroristas de direita, dando-lhes de mão beijada algo mais que bombas para retardar a abertura do João (é pouca, mas é mais do que os nossos vizinhos do Continente têm) e satisfazer suas necessidades básicas.

Esta carta não tem o interesse de suscitar polêmicas, senão, a partir de um leigo (eu), alertar a vocês, jornalistas profissionais e conscientes, que este não é o caminho correto.

**Horácio Sendaez — São Paulo**

## *Ferrari — um autêntico trabalhista*

Prezados Companheiros do/a Coojornal

Antes de mais nada — cumprimentos pelo furo da entrevista com Leonel Brizola.

Permitam no entanto algum reparo a matéria.

1. Ferrari nunca esteve ligado as forças golpistas, como falsamente Brizola afirma.

Seu posicionamento e voto contrários à adoção do parlamentarismo (mesmo sendo adepto desta forma de governo!), quando da crise pela posse de Jango.

Recusou-se perentosiamente a aderir ao golpe de 64, quando Castelo Branco o procurou.

2. A candidatura de Ferrari à vice-presidência nasceu de bases populares insuspeitas: estudantes e operários principalmente, além de lideranças trabalhistas não comprometidas com o peleguismo jango-brizolista.

Em abril de 1960, quando as bases populares (as populistas estavam com Jango e Brizola) iniciaram o movimento a favor da candidatura do líder das mãos limpas" (este símbolo incomodou a muitos... e por sinal ainda incomoda) à vice-presidência, foi lançada a de J. Goulart a presidente na convenção do PTB, ficando a de vice em aberto. Foi então que surgiu ainda a nível de convenção trabalhista a candidatura de Ferrari a vice, para completar a chapa.

3. Se Ferrari estava vinculado a forças reacionárias e golpistas, por que Brizola e Jango por intermédio de Caruso, então em exercício da presidência do PTB gaúcho, o convidaram a ser candidato a prefeito de P. Alegre contra a candidatura de Wilson Vargas?

4. A autenticidade trabalhista de Ferrari ficou ainda comprovada pelo fato de — depois de expulso do PTB, que ajudara a organizar e do qual fora destemido líder, continuar fiel à legenda trabalhista, quando fundou o Movimento Trabalhista Renovador — *MTR*, rejeitando várias ofertas de siglas partidárias conservadoras e depois golpistas.

Esta momentânea divisão do trabalhismo, como o próprio nome *MTR* o demonstra de que Ferrari se constituiu em líder inconteste — foi causada pela inautencidade dos petebistas, comandados pela dupla Jango-Brizola.

Esperando ter podido esclarecer melhor a questão em foco, para que se conheça o outro lado da mesma medalha, agradeço desde já a acolhida desta.

**Prof. Emiliano Limberger — Porto Alegre**

## *Alvorada não é só espinhos*

Prezados Senhores

Como leitor assíduo deste conceituado — órgão da nossa imprensa, venho fazer algumas observações sobre a reportagem "Na Terra do Cano Serrado" inserida no seu nº 63 de março/abril.

Em primeiro lugar quero dizer que resido no Jardim Alvorada, bairro completamente novo do município de Alvorada.

Quando me mudei para o bairro, provindo de Ipanemna, o fiz com intenção de ser provisória minha residência em Alvorada, porém como gostei do local, penso ser definitiva.

Outrossim, quero fazer as seguintes ressalvas na dita reportagem:

1. A vila Santa Rosa não pertence a Alvorada e sim a grande Porto Alegre, sendo uma das vilas populares mais violentas da Grande Porto Alegre.

2. A quadrilha do *cano serrado,* que deu denominação a reportagem, não era de Alvorada e sim da citada vila Santa Rosa. Foi fuzilada em um apartamento do *Jardim Dona Leopoldina,* que se situa em Porto Alegre, a uns 4 quilômetros da entrada de Alvorada.

3. O marginal *Dodô* também residia na Vila Santa Rosa, onde foi morto por policiais da Delegacia de Furtos e Extorções, nada tendo a ver com Alvorada.

4. Almerindo, cunhado do famigerado *Malinha,* foi ferido em um tiroteio entre os policiais e o marginal.

5. Quanto ao ferimento que sofreu o comerciante Sebastião Caetano da Silva, o Bastião, ocorreu há mais de ano e meio, em uma batida policial na vila São Pedro, nada tendo a ver com Sapinho (na época estava no presídio) ou Malinha.

Conheço as dificuldades do Dr. Marne Feijó, e o que o mesmo está procurando fazer, com a falta de verba, com uma discriminação fiscal que tudo dá ao governo federal e deixa migalhas aos estados e principalmente aos municípios, ainda mais pobres como Alvorada.

Certos da acolhida que este prestigioso órgão da nossa imprensa fará a esta missiva, me ponho a disposição do mesmo para qualquer esclarecimento, esperando que no futuro possamos ler em suas páginas, também o outro lado da moeda, relativa a nosso município, pois se lá não são só flores, também, não são só espinhos.

Sem mais. subscrevo-me
atenciosamente

**Leo Porto Souza — Alvorada.**


**coojornal**
ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

**COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA.**
A Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre foi fundada em 24 de agosto de 1974, constituindo-se na primeira do gênero no país. A Cooperativa é uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembléia geral para um mandato de dois anos. Cada associado, independente de sua participação no capital, tem os mesmos direitos nas decisões de assembléia.

**ASSOCIADOS:**
Osmar Trindade (**Presidente**), Antônio Oliveira (**Vice-presidente**), Rafael Guimarães (**Secretário**), Affonso Ritter, Carlos Roberto Dornelles, Danilo Ucha, Luis Afonso Franz, Marcelo Oscar Lopes, Clarice Aquistapace, Jorge Polydoro, José A. Vieira da Cunha, Manoel Canabarro e Tomás Irineu Pereira (**Conselheiros de Administração**)
Elaine Lerner, Sérgio Bàtsow, Vladimir Neto Ungaretti, Eugênio Neves, Francisco Daniel da Silva e Mauro Toralles (**Conselheiros Fiscais**)
Daniel de Andrade, Edgar Vasquez, Fernando Goulart, João Batista Aveline, João Borges de Souza, Jorge Gallina, José Antônio Pinheiro Machado, Juarez Fonseca, Luiz Carlos Merten e Valdir da Silva (**Conselheiros de Edição**)
Acari Amorim, Adalberto Corrêa de Lemos, Adélia Porto da Silva, Ademar Vargas de Freitas, Ademir Fontoura, Adriano Lopes de Oliveira, Adroaldo Correa, Afonso Licks, Agene Schiffino, Airton M. Rodrigues, Alberto André, Alberto Filgueiras, Alberto Blum, Alda Souza, Alfonso Abrahan Alfredo Fedrizzi, Alice de Lorenzi Urbim, Amauri Mello, Amilton Vieira, Ana Amélia Lemos, Ana Maria Riviello, Ana Maria Smidt, Ana Maria Terra Magalhães, André Jockymann, Ângela B. Ricordi, Ângela Santamgelo, Ângelo Teixeira Júnior, Aníbal Bendatti, Anilson Gantes da Costa, Antônio Britto Filho, Antônio Carlos Esteves, Antônio Firmo Gonzalez, Antônio Dreon Peres, Antônio Vargas, Ariosto Teixeira, Ari da Silva Teixeira, Armando Burd, Armando Sobral Rollemberg, Armindo Antônio Ranzolin, Artur Monteiro, Artur Oliveira Filho, Artur Pereira da Silva, Artur S. Poester, Ataídes Miranda, Augustinho Licks, Avani Maenfeld, Ayrton Centeno, Ayrton Kanitz, Beatriz Micheletto da Rosa, Beatriz Polydoro, Benigno Rocha, Bernardete Duarte Schimitt, Bruno Ange Ferreira, Cândido Cruz, Carla Irigaray, Carlos Alberto Fruet, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Alberto Sardenberg, Carlos Alexandre Gruber de Castro, Carlos Alfredo Simch da Silva, Carlos Alves Müller, Carlos Athanazio, Carlos Fehlberg, Carlos Frederico Mentz, Carlos Gerbase, Carlos Karnas, Carlos Henrique Bastos, Carlos Marino Urbim, Carlos Mossmann, Carlos Rafael Guimaraens, Carlos Roberto Silveira, Carlos Salzano V. da Cunha, Carmem Rita Cagno, Carmem Silveira, Carmem Silvia Rial, Celso Rosa, Celso Schroeder, Cid Pinhero Cabral, Cinara Lima, Cintia Leal, Clarice Dornelles, Ciro Dias dos Reis, Cláudia Quinto, Cláudio Barcelos, Cláudio Levitan, Clayton Selistre, Cléa Marcia Motti, Clóvis Heberle, Clóvis Malta, Cristina Baptista Pereira, Cyro Canabarro, Delmar Marques, Divino Fonseca, Edelberto Behs, Edgar Lisboa, Edna Della Nina, Edson Chaves Filho, Edson Kosminski, Eduardo A. Tavares, Eduardo R. Bueno, Eduardo San Martin, Eduardo S. Guimaraens, Eleonora Canto de Lucena, Elio Falcão Vieira, Elisabete Portugal, Elisabeth Copetti, Eloísa Enck, Elmar Bones da Costa, Elser Quintana, Enio R. Rocha, Ercy Pereira Torma, Erni Quaresma, Euclides Torres, Eugênio Bortolon, Eva Caparelli, Evaldo Gonçalves, Evelyn Berg Ioshpe, Evilázio Oliveira, Fátima Regina Torri, Fernando Lindote, Fernando Saes, Fernando Guedes, Fichel Davit Chargel, Flávio A. Porcello, Flávio Dutra, Flávio Schubert, Floreal Rodrigues Rosa, Floriano Correa, Francisco C. da Silva Ribeiro, Francisco Dias Lopes, Francisco José Karam, Francisco Juska, Francisco Paulo Santana, Gabriel Matias, Geanoni Peixoto, Gecy Balmonte, Geraldo Hasse, Gerson Schirmer, Gilberto Pauletti, Gilberto Leal, Glauco Cruz Brandão, Gomercindo Coutinho, Guilherme Pereira de Souza, Guisleno Baru Derquin, Gustavo de Freitas Moritz, Haroldo Abrantes da Silva, Hedi Moema Bauer, Heidy Gerhadt, Hélcio Pereira, Hélio Gama Filho, Hélio M. Doyle, Heloísa Cé, Helton Ricardo Barreto, Hermelindo Macedo, Higino Barros, Hiltor Paulo Mombach, Hiron Cardoso Goidanich, Iara Bendatti, Iara Schilling Pereira, Iaraporan Müller, Ibsen Valls Pinheiro, Ieda Guterres Bernardi, Ignes Pletsch, Ilgo Wink, Ilza Girardi, Imara Stalbaum, Ivan Pinheiro Machado, Ivo Egon Stigger, Jandira Cesar, Jandira D'Ávila Feijó, Jane M. Filipon, Jayme Copstein, Jayme Klintowitz, jaime Saltchuk, João Batista Scalco, João C. Ferreira da Silva, João Paulo Lacerda, João dos Reis Muniz, Jorge Baumann, Jorge Freitas, Jorge Meditsch, Jorge Escosteguy, Jorge O. Carvalho Leite, Jorge Oliveira da Silva, Jorge M. Gomes, Jorge Sá de Miranda Neto, José Antônio Ribeiro, José Antônio Severo, José A. Simch da Silva, José A. Pinto Netto, José A. Vieira Flores, José D. Ripoll, José Emanuel Mattos, José Enedir Francisco, José E. Nascentes, José Félix Valente, José Guaraci Fraga, José H. Mitchll, José Lauro Dickmann, José Luiz Chiarelli, José Luiz D. da Silva Lima, José Luiz Prévidi, José Marcelo Pontes, José Onofre, José Reduzino de Araújo, José R. Fontes, José Roberto de Alencar e Silva, José Roberto Garcez, José Abu-Jamra, José Secundino da Fonseca, Juan Carlos Gomes, Judith Costa, Julieta Nunes, Júlio José Chavenatto, Júlio Sortica, Jurandir Silveira, Jussara Coelho, Laerte de Franceschi, Laerte Martins, Laila Pinheiro, Lauro Quadros, Lea Aragon, Lenora Vargas, Leo Tavejhanski, Leonardo Dourado, Leonid Streliaev, Licínio Azevedo, Lilian Bem David, Linda Cristina Degrazia Sarturi, Lorena da Silva Paim, Lotário Neuberger, Lourival Viana e Silva, Lucila Camargo, Luiz Alberto Arteche, Luiz Alberto Scotto, Luiz Americano Vidal, Luiz Antônio Duarte, Luiz A. Corazza, Luiz A. Kosminski, Luiz A. Pinheiro, Luiz Carlos Felizardo, Luiz Carlos Ferreira, Luiz Carlos Miranda, Luiz Carlos Mello, Luiz Carlos O. de Almeida, Luiz Cláudio Cunha, Luiz Eduardo Achutti, Luiz Fernando Lima, Luiz Fernando Flores, Luiz Fernando L. da Silva, Luiz Fernando Veríssimo, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz Fonseca, Luiz Gonzaga, Luiz Humberto Pereira, Luiz Inácio de Castro, Luiz Oscar Matzenbacher, Luiz Paulo Pilla Vares, Luiz P. Ruschel Daudt, Luiz Vitello, Luiz Recena Grassi, Luiz Lanzetta, Lygia Miriam Nunes, Manuel J. Lourenço, Mara Bernardes, Marcelos Vilas-Boas dos Santos, Marcia Silva Câmara, Marcia Beatriz Turcatto, Marco Antônio Schuster, Marcos Antônio Baggio, Marco Tulio de Rose, Maria Angélica de Moraes, Maria Elaine Borges, Maria da Graça Seligman, Maria da Graça Silva, Maria H. Passos, Maria Helena Branchar, Maria Iara Rech, Maria Ines Zanchetta, Maria I. Hummes, Maria L. Fontanive, Maria Luiza Teixeira, Maria Regina Ferreira, Maria Suely Caldas, Margareth da S. Paula, Marina Wodtke, Marinoria Osório, Mário Alberto Nascimento, Mário Aris Perez, Mário Rocha, Mário L. Madureira, Mário Marcos de Souza, Marise Fetter, Meristela Barrios, Maroni João da Silva, Marques Leonam, Mary Menda, Mary Mezzari, Maureci Santos, Mauro C. Silveira, Milton Galdino da Silva, Milton Wells, Milton R. da Silva, Milton Saldanha Machado, Miriam Costa Correa, Miriam Tereza Chagas de Moura, Miriam T. Timponi, Mirta Coelho Maron, Najar Tubino, Nelson Franco Jobim, Nelson Matzembacher Ferrão, Neltair Rebés Abreu, Nestor C. Fedrizzi, Neusa M. Ribeiro, Newton Peter, Nilson Figueiredo, Nilson Guimarães, Nirce Levin, Nivaldo T. Manzano, Octacílio Grivot, Odilon Abreu, Olides Canton, Olívio Lamas, Olyr Zavaschi, Omar Barros Filho, Orlando C. Brasil, Otílio Rieth, Paolo Marconi, Patrício Bentes, Paulo Antônio Fogaça de Medeiros, Paulo Burde, Paulo Cancian, Paulo C. de Almeida Verri, Paulo Denis Pereira, Paulo V. Macedo, Paulo E. Vasconcellos, Paulo Fernando Guerreiro, Paulo Gerson A. de Oliveira, Paulo Marcon, Paulo Mário Garcia, Paulo Martimbianco, Paulo Queirós Bezerra, Paulo e Tarso Riccordi, Paulo Totti, Pedro Macedo, Pedro Sosa, Pedro V. Maciel, Plinio Dotto, Porfírio Borba Netto, Raul Rubenich, Raul Quevedo, Regina Vasques, Rejane Lempeck, Remi Baldasso, Renan A. de Oliveira, Renato Canini, Renato Kern, Renato Pinto da Silva, Ricardo Bolsoni, Ricardo Chaves, Ricardo Schimitt, Riomar Trindade, Roberto Alves D'Azevedo, Roberto Appel, Roberto A. Thomé, Roberto Ethel, Roberto Franco, Roberto L. Antunes Fleck, Roberto Manera, Rogério Fróes Monteiro, Rogério R. Ruschel, Rogério S. de Medeiros, Rômulo Krafka, Ronaldo Westermann, Rosvita Saueressig, Rubens Constantino Volpe, Rui Jorge Bender, Ruy Carlos Ostermann, Sérgio Becker, Sérgio Caparelli, Sérgio Moita, Sérgio Roca Lagranha, Sérgio Toniello, Severino Goes, Sibila Rocha, Silmar Müller, Silvia de Souza Costa, Silvio Ferreira, Silvio S. Corrêa, Solange V. Morgado, Tânia Carvalho, Tânia J. Failace, Tânia Krutscka, Telmo Zanini, Terezinha Figueiredo, Ubirajara Silva Prates, Vera Daisy Barcellos, Vera Bosak, Vera Costa, Vera Kern, Vera Maria Gomes, Vera Monteiro, Victor Hugo Sperb, Virson Holdembaum, Victor Moraes, Waldoar Teixeira, Walter Firmo da Silva, Whalmir Anna von Koening, Wilmar Marques, Zelia D. Leal.

Associado à AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas



Agora, a assistência odontológica também pelo sistema cooperativo.

Isto significa que você pode ter consulta e tratamento odontológico com hora marcada e por um custo mais baixo.

Procure a UNIDONTO Porto Alegre e conheça seu plano de assistência familiar.

unidonto
PORTO ALEGRE
sociedade cooperativa de serviços odontológicos ltda.

Unidonto Porto Alegre Fone 24-5380
Av. Borges de Medeiros, 596 4º andar G. 42

*Campeão do Brasil pelo Inter e pelo Grêmio, Enio Andrade ficou — incrível! — acima da grande rivalidade. Trabalhou com Gentil Cardoso, enfrentou o Santos de Pelé, também foi campeão no México e mora perto do velho São José*

Caco Schmitt

# O SEGREDO DA SIMPLICIDADE

— Este é o segredo, viu. Olho na cara do jogador e pergunto: "Que há contigo?"... Eu tenho vivência de vestiário desde 1948, meu caro!

É assim que o cinquentenário Enio Vargas de Andrade, o *Cabeça,* revela um dos traços de seu trabalho como treinador de futebol. Na opinião de Falcão, o treinador que melhor sabe se entender com os jogadores.

Campeão brasileiro com o Internacional em 1979 e com o Grêmio, este ano, ele foi um vitorioso também como jogador: campeão gaúcho no Inter, no início dos anos 50; campeão panamericano no México, em 56, na Seleção Gaúcha que representou o Brasil; campeão paulista e da Taça Brasil pelo Palmeiras, em 1960 — e capitão do time que, na época, era o único do País a encarar o Santos de Pelé.

Sua experiência em vestiário começou de fato em 1948, jogando pelo São José, o persistente time pequeno de Porto Alegre. Hoje, cabelos brancos, barriga um pouco saliente, pai de quatro filhos e avô de dois netos, este ex-meia-esquerda, "armador" dos times por onde passou, tem filosofia firmada dentro das quatro linhas do gramado: "Comigo, quem não corre não joga!"

Mas é preciso ouvir Enio Andrade, para entender que essas expressões nem de longe são as de um treinador do tipo que pretende ganhar no grito. Ao contrário, fala simples, objetivo, às vezes duro, com os jogadores, freqüentemente didático, com os repórteres. Pouco preocupado em atrair as atenções após mais um título conquistado, o que mais transparece é um legítimo profissionalismo no futebol.




*O Estádio Olímpico com Enio Andrade: agora, um cenário sem tabu*

## O APRENDIZADO

Foi no Palmeiras que Enio Andrade procurou aprofundar seus conhecimentos sobre futebol. O time viajava muito pelo Uruguai, Chile, Argentina, e ele, observando: "Procurava ver como jogava a meia-cancha, pois as jogadas nascem ali", explica. Além disso, por ser capitão, discutia com o treinador a melhor maneira de armar o esquema do time.

Mas foi no Náutico de Recife que começou a nascer como técnico de futebol. Conviveu com o lendário Gentil Cardoso, que chegou a usar megafone para orientar seus atletas, e com ele aprendeu a importância do relacionamento técnico-jogador. Em seguida, ainda no Náutico chegou a acumular a função de técnico e "meia-armador". Em 63 voltou a Porto Alegre para encerrar a carreira de jogador no mesmo São José. Então, atendendo aos apelos dos dirigentes do "Zequinha" da Zona Norte, começou efetivamente a treinar um time. "Foi um começo acidental", lembra. (Ele continua morando lá, perto do simpático estádio do Passo D'Areia).

— A melhor maneira de se viver, é bem — diz Enio Andrade, pensando nos seus jogadores. Nós conversamos, mas sempre há o respeito, sempre tive bom relacionamento com meus treinadores. Se o jogador tiver problema em casa, fala pra mim e dispenso ele da concentração, mando pra casa. A melhor maneira de disciplinar é dar liberdade, mas com responsabilidade. O que mais me irrita é o jogador ser inimigo dele mesmo.

Dialogar, levantar o ânimo dos jogadores derrotados foi a sua principal tarefa ao pegar o Internacional, em 79. O time vinha de um vergonhoso terceiro lugar no campeonato gaúcho. Após um exaustivo "trabalho de conversação", os jogadores passaram a entrar em campo mais convictos.

## ELOGIO DE FALCÃO

Ao final do jogo do dia 3 de maio no Morumbi, quando o Grêmio conquistou o título nacional ganhando do São Paulo por 1 a 0, Falcão quase constrangeu Enio Andrade. Falando de Roma, pela Rádio Guaíba, o jogador dizia ter evoluído muito pelas orientações do técnico. Ele resiste, ainda, em falar sobre isso ("depois vão dizer que botei máscara"), mas revela alguns detalhes.

— A gente conversava muito e o Falcão é um cara inteligente, assimila as coisas para crescer. Sempre falava pra ele: "todo mundo espera um passe teu, quando tu começar a chutar vai ser goleador". Eu batia faltas e ele batia, treinava cabeceio. Se ele falou que aprendeu comigo foi nesse sentido, só.

(A fase com Enio Andrade de técnico foi pródiga em gols para Falcão. Gols decisivos para o Inter. Depois, no Roma, ele voltou a jogar recuado).

O reconhecimento de Falcão tornou-se público, mas o gesto do lateral esquerdo Casemiro, do Grêmio, marcou ainda mais a pessoa do treinador. Campeão do Brasil aos 23 anos, o jogador foi procurar o técnico para agradecer-lhe a confiança. E por Casemiro é possível explicar como Enio Andrade levou o Grêmio ao título, dando personalidade a um time com sete jogadores de idade inferior a 23 anos — quase todos desconhecidos nacionalmente.

— O campeonato nacional era tabu para o Grêmio — conta Enio Andrade — os próprios jogadores não acreditavam. Mas quando o futebol é aplicado, competitivo, a tendência é vencer. Assim, primeiro tive que fazer um trabalho para eles acreditarem, arriscarem.

E nas palestras com os jogadores, outro segredo do "chefe", como também é chamado o técnico do Grêmio:

— Crio problemas para eles, deixo eles falarem, mas resolvo, caso eles não saibam.

## SABER TREINAR

Durante os três meses de campeonato, Enio Andrade treinou quase diariamente uma maneira para o Grêmio jogar. A marcação: repete, erra, repete, a antecipação: repete, erra, repete. Chegava a irritar alguns repórteres. Insistiu com Tarciso até que o ponta direita começasse a acertar as cabeceadas. Transformou Renato Sá, um jogador polêmico, em coringa do meio de campo — aplicado ao máximo. Tornou Vilson Tadei, um ex-reserva do São Paulo, emprestado pelo Coritiba em cérebro do time, e foi fixando os mais novos.

Casemiro, segundo o técnico, "tinha que ter confiança em alguém para firmar-se como titular". Paulo Roberto, 19 anos, o mais jovem, foi lançado num jogo difícil contra o próprio São Paulo no meio do campeonato. Mais tarde, quando hesitava, foi retirado do time e, finalmente, na decisão, ganhou de vez a camiseta. China, 21 anos, foi outro "trabalho de conversação".

— Quando cheguei aqui ele era violento. Mostrei-lhe que futebol era diferente de só ter garra. Tinha que se posicionar melhor em campo. Ainda mais num setor que conheço bem. Hoje, ele desarma, se posiciona bem e ainda faz lançamentos.

Com o zagueiro central Newmar, também 21 anos, repetiu-se o episódio do zagueiro do Internacional Mauro Pastor, em 79. Quando Enio Andrade assumiu, o jogador não acreditava nele mesmo porque sempre saía do time. Até que pegou força, jogando continuamente e virou titular. Newmar recebeu uma chance, continuou no time e fixou-se porque perdeu o medo de perder a posição. "Dessa maneira não entrava em cada jogo para provar alguma coisa. Um dos segredos é não dar responsabilidades para eles", explica o técnico.

São histórias de um vencedor, consciente de que o futebol como fenômeno de massa é usado "para minimizar os problemas sociais". Mas que prefere analisá-lo mais como lazer, "pois domingo, aquele que não tem nada para fazer vai ao jogo para se distrair". Enio Andrade não se aprofunda nessa discussão, mas já captou a modificação que está se impondo nos estádios:

— O próprio torcedor está exigindo um jogo competitivo. Pode ser feio, mas tem que ganhar — diz Enio Andrade. Hoje todo mundo quer um futebol como o Grêmio está jogando. Isso é sinal que o trabalho foi vitorioso.